



ANNO I — OUTUBRO DE 1924 — N.º 7

SUMMARIO

O dever do Estado.

Escola Normal primaria de Ponta Grossa.

Culminação do Sol ao Norte ou ao Sul — Othello Reis.

Nervos craneanos — Barboza Vianna.

Iluminação dos edificios — Athos Aramis de Mattos.

Esperanto — Porto Carreiro Neto.

Theoria dos tres quadrados — Roberto N. Lindsay.

Gestos tristes — Renato Lacerda.

Historia Geral — Alfredo Balthazar da Silveira.

Chimica organica — Correggio de Castro.

Lexiogenia e graphia dos verbos — Francisco Antonio Dias de Abreu.

Geometria — Ferreira de Abreu.

Algebra — Raul d'Avila Goulart.

Parnaso Infantil.

Primavera — Luiz Carlos.

A ultima licção — Zenaide Guerreiro.

Misericórdia — Carlinda Andrade Duval Assis.

Cabellos curtos — Adelina Picanço da Costa.

De agulha e linha — Gloria Swanson.

Dr. Alfredo Gomes — Adahil Duarte.

Bibliographia.

Varias Noticias.



Escola Normal

== A ESCOLA NORMAL ==

PUBLICAÇÃO MENSAL

EXPEDIENTE

Orgão dos Corpos docente e discente da Escola Normal do
Districto Federal e de suas congengeres nos Estados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE SÃO CHRISTOVÃO, N.º 23

AGENCIA

Rua Chile — 17, Tel. Central 1181

RIO DE JANEIRO

Assignatura annual para todo o Brasil....	20\$000
Numero avulso	2\$000
“ atrazado	3\$000

Todas as assignaturas terminam em Março
NÃO SE RESTITUEM ORIGINAES

Representantes junto ás Escolas Normaes nos Estados.

S. PAULO

CAPITAL — Prof. Armando Gomes de Araujo
Vice-Director da Escola

BRAZ — Alarico Borelli
Amanuense da Escola

PIRASSUNUNGA — Prof. Mello Ayres
Cathedratico da Escola

PIRACICABA — Prof. Joaquim Antonio do Canto
Director do Grupo Escolar

S. CARLOS — Dr. Domingos de Vilhena
Cathedratico da Escola

E. DO RIO

NICTHEROY — Prof. Evangelina A. de Azevedo Cruz
Cathedratica da Escola

ESPIRITO SANTO

ESCOLA NORMAL DE VICTORIA
D. Maria Stella de Novaes
Professora de Sciencias Physicas e Naturaes

BAHIA

CAPITAL — Dr. Antonio Augusto Machado
Cathedratico da Escola

PERNAMBUCO

ESCOLA NORMAL OFFICIAL DO RECIFE

Prof. Eustorgio Wanderley
Cathedratico da Escola

AGENTES:

ARARAQUARA — Dourival Alves
Prefeitura Municipal

A Escola Normal

REVISTA DE EDUCAÇÃO

DIRECTOR:

Dr. Barboza Vianna
Prof. da Escola Normal e da Faculdade de Medicina



SECRETARIA:

Zenaide Guerreiro
Professora pela Escola Normal

RIO DE JANEIRO

O Dever do Estado

O illustre secretario da Directoria Geral de Instrucção Dr. Frota Pessôa, em seu recente livro *A Educação e a Rotina*, trouxe ao tapete da discussão o problema da gratuidade do ensino, contra o qual se insurge, com relativa razão.

Pondo á parte argumentos preconcebidos e por demais theoreticos, devemos encarar o problema da alphabetisação das creanças cariocas, de uma maneira energica e efficaz, para pôr de vez paradeiro ao actual estado de cousas.

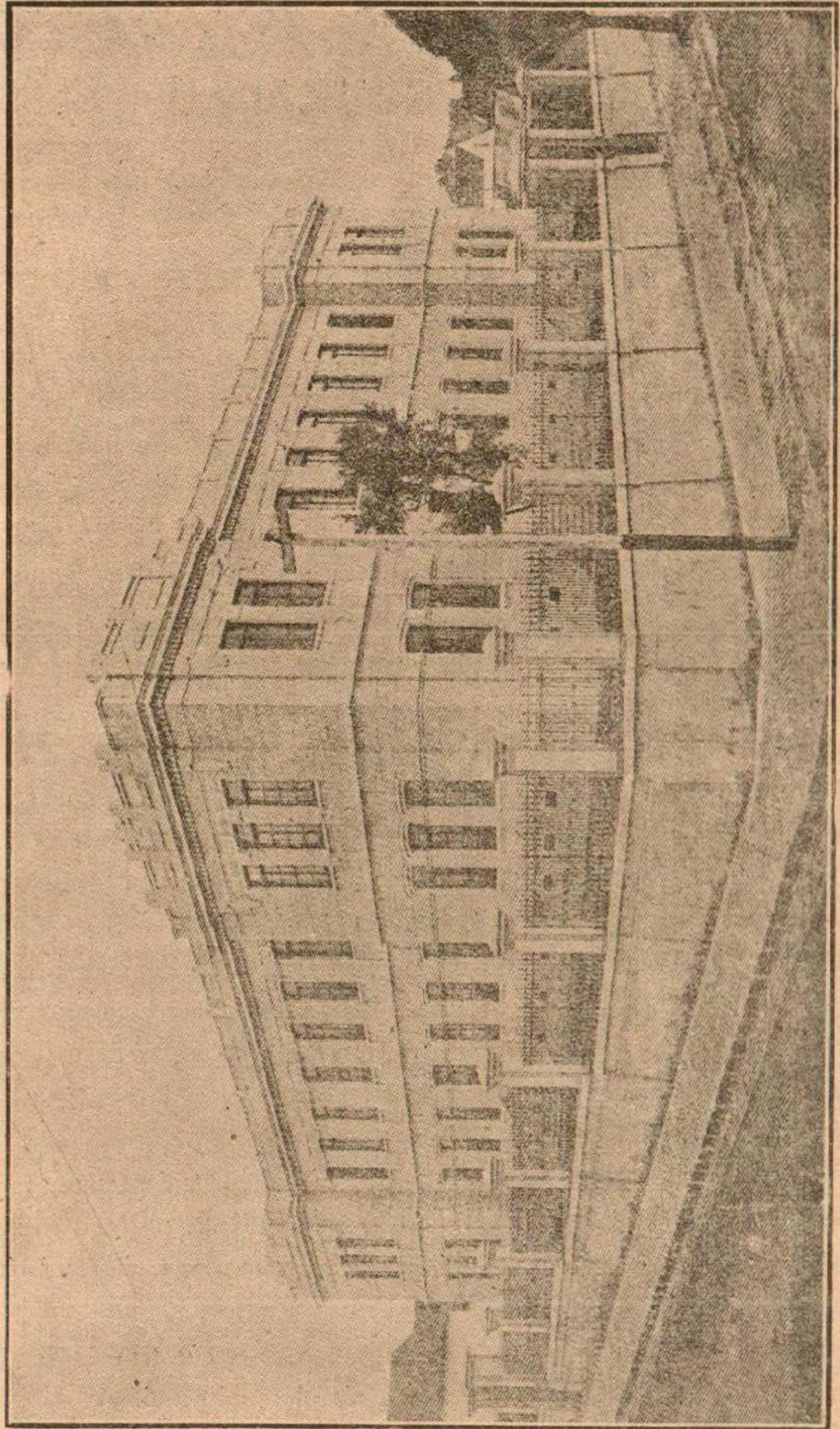
Si a situação economica da municipalidade ainda não permittiu a construcção de predios escolares, e só consegue sustentar o numero actual de professores, e diga-se de passagem, tão mal remunerados, como pensar em manter por mais tempo este attestado de menoscabo á Instrucção Publica que se vê todos os dias pela multidão de analphabetos que infestam a nossa Capital ?

A unica solução plausivel, é diminuir para tres annos o tempo de escolaridade, tornando-o entretanto obrigatorio e transformar o actual curso complementar das Escolas primarias em Escolas Normaes primarias, onde a par de conhecimentos geraes, se estabeleçam cursos de ensino profissional.

E' dever elementar do Estado, fornecer alphabetisação gratuita a todos os cidadãos, que se não podem furtar a este dever equivalente á preparação militar; parallelamente a este pode, todavia, fornecer mediante pequena retribuição, instrucção complementar que não é indispensavel para muitos mistéres profissionais.

Julgamos ser esta a unica solução ao nosso caso, que tem de ser depressa resolvido, para que não seja o Districto Federal a unica unidade da Federação brasileira, onde o fóco de analphabetismo viceje frondoso, sob os olhos pasmos da população culta.

“A ESCOLA NORMAL” no Paraná



ESCOLA NORMAL PRIMARIA DE PONTA GROSSA

Culminação do sol ao Norte ou ao Sul

Othello Reis

Docente da E. Normal e Prof. do Collegio Pedro II

Em bem redigido folheto, já em terceira ou quarta edição e que se adorna com a honrosa informação de ser "Trabalho accedido e recommendado para a instrucção nos corpos de tropa e nas escolas regimentaes" fornece distincto official de infantaria os processos expeditos para determinação dos pontos cardeaes, explicando o assumpto em linguagem que, se não é sempre um primor de correcção, tem pelo menos a vantagem de ser clara, e perfeitamente adequada ao objectivo do autor.

O livrinho é muito divulgado na instrucção do exercito e lealmente merece, pelo valor que encerra, a critica dos equivocos que nelle se encontram. Trata-se, demais, de materia muitissimo importante, a que não poucas pennas eminentes se têm votado. O ensino da orientação geographica deve realmente ser muito cuidadoso quando dirigido a soldados, que amanhã, mais graduados, terão, em momentos graves, a responsabilidade da condução de grupos de camaradas.

Bastaria recordar o facto, citado pelo autor do referido folheto, e extrahido de importante obra franceza: "A 4 de Dezembro de 1870, a 1ª brigada da 2ª divisão do 15º corpo do exercito do Loire estava desenvolvida em ordem de batalha ao Norte do povoado de Cercottes, que fica a Oeste da estrada Paris-Orléans, tendo o flanco direito apoiado nessa estrada e a frente mascarada, a cerca de 150 metros, pelo bosque de Cercottes, que tinha a extensão de 400 metros Norte-Sul, por 800 metros, mais ou menos, longitudinalmente.

"Uma companhia recebeu ordem para ir guarnecer a orla *septentrional* do referido bosque, afim de embargar as primeiras intenções do inimigo, vindo do Norte e em marcha sobre aquelle povoado.

"Era o bosque muito cerrado, a vegetação trançada, sem explorações, sem caminhos abertos, e por isso muito escuro, quasi impraticavel. Assim, vencidos pelo emmaranhado da vegetação e pelos accidentes do terreno, desprovidos de instrumentos proprios para abertura de picadas que facilitassem a marcha e tornando-se cada vez mais penosos os esforços para avançar, os soldados, depois de muitas voltas, conseguiram estabelecer-se em certa parte da orla do bosque; ahí, dispostos a defendel-a da approximação do inimigo, guarneceram-na.

"Emquanto isto se passava, repousou sem temor a brigada, que se julgava bem coberta pela companhia destacada. Não tardou, porém, que alguns tiros, inesperadamente partidos do bosque, viessem sobresaltar as troças desprevenidas. Acreditaram a principio em mero accidente ou mesmo pequena surpresa de exploradores adversarios; mas a fusilaria augmentou progressivamente e, decorridos alguns momentos, ficaram prostradas numerosas victimas.

"Fôra o inimigo que, penetrando no bosque sem encontrar a necessaria resistencia, depois de atravessal-o de Norte a Sul viera fuzilar a tropa despreocupada, á excellente distancia de 150 metros!

"Soube-se mais tarde que a companhia de segurança ficára *desorientada* e, perdendo-se pelo interior da floresta, fôra, inconscientemente, guarnecer a margem *occidental* do bosque, em vez de occupar a *septentrional*, como havia sido determinado.

"A companhia foi tambem tomada de surpresa pelos fogos do inimigo e cahiu a quasi totalidade dos seus homens, sacrificada pelos projectis prussianos, após valorosa resistencia, bem propria do patriotismo francez."

Pois depois desta concludente citação, que o proprio Autor faz muito a proposito, tenho a dizer que igual sorte estará reservada á companhia que, não advertida a tempo, se orientar por alguns dos processos indicados pelo illustrado official.

E' que nos processos de orientação por meio do Sol, tem o Autor como seguro que em seu movimento diurno apparente está este astro, ao meio-dia, na direcção do Norte. Elle o diz a proposito da sombra de uma vara fincada no chão: "Quando a sombra estiver justamente em seu menor tamanho, estará tambem na direcção do Sul do logar"... "Marcando um relógio meio-dia justo, em qualquer logar que estejamos, percebemos a sombra de uma lança ou de outra haste qualquer projectar-se na direcção do Sul verdadeiro, como tambem veremos o Sol elevado na direcção do Norte..."

"A curva uniforme que o Sol descreve apparentemente permite que o assistamos (*sic*), de um ponto M, surgir no horizonte... coincidindo com a direcção Norte ao meio-

dia." Do mesmo modo quando se trata de achar o Norte e o Sul por meio de um relógio de bolso.

Tratando-se de trabalho pratico, destinado á instrucção elemental e segura dos soldados, é preciso pôr embargos ao modo seguro por que se exprime o Autor. Não quero dizer que esteja errado. *Est modus in rebus*. Para certas latitudes (as que ficam ao Sul do tropico de Capricornio) tudo aquillo será sempre verdade. Mas o Brasil não está todo ao Sul do Capricornio; sua maior porção fica mesmo ao Norte deste circulo, e para todo o vasto territorio que dos confins septentrionaes se estende até São Paulo não é verdade que o Sol, ao meio-dia, esteja sempre ao Norte.

É preciso não esquecer que pelo movimento de declinação o Sol percorre duas vezes por anno o arco do horizonte que vae do tropico de Cancer ao de Capricornio, descrevendo cada dia um paralelo, que corresponde á declinação nesse dia.

Quando descreve o paralelo de um logar, o Sol culmina no zenith desse logar. Antes do dia em que occorre esse facto, e tambem depois desse dia, o Sol culmina mais para o Norte ou mais para o Sul. Assim, na latitude do Rio de Janeiro, que são approximadamente 22°53' 41" Sul (latitude geographica provisoria da luneta meridiana, no morro de São Januario), o astro-rei culmina no zenith, segundo os dados astronomicos para o anno de 1924, no dia 10 de Dezembro. Nessa data o veremos no zenith ao meio-dia. Já no dia immediato o veremos culminar um pouco ao Sul do zenith, no seguinte um pouco mais, e nos subsequentes ainda mais, até que a 22 de Dezembro attingirá o maximo da declinação meridional. Tornará depois a approximar-se cada dia mais do zenith, e no dia 3 de janeiro do proximo anno, ao meio-dia, estará, praticamente, nesse importante ponto do céu. Para contemplal-o então, quando o relógio marcar aproximadamente meio-dia, teremos de erguer os olhos bem para cima, na direcção da vertical. Depois, passará o Sol a culminar ao Norte do zenith, cada dia mais ao Norte até Junho; approximar-se-á então pouco a pouco, mas sempre ao Norte, até que em Dezembro o teremos novamente culminando no zenith.

Vê-se, pois, que para nossa latitude, ha um periodo do anno, periodo que vae do meados de Dezembro ao começo de Janeiro, em que o Sol, ao meio dia, não se acha ao Norte e sim ao Sul. Para os logares situados em latitudes mais septentrionaes, maior será esse periodo e portanto mais arriscado aprender-se o que de modo tão sem restricções ensina o illustre official do exercito.

Compreende-se facilmente por que nesse equivoco labora o distincto autor. É que na Europa e nos Estados Unidos, onde bebemos quasi todos os conhecimentos, o facto é e pode ser enunciado de modo absoluto: ao meio-dia, qualquer que seja a época do anno, o Sol está ao Sul. D'ahi, feita a inversão que se deve á mudança de hemispherios, qualquer escriptor apressado, sem maior exame, affirmará que no hemispherio meridional o Sol, ao meio-dia, está ao Norte. Mas é preciso ir por partes, sem generalizar demaziado.

Chamo, de publico, a attenção para esse engano de um estudioso, sem intuito de lhe deprimir o merito e o esforço, mas apenas para que se corrija o equivoco. Sei como estas coisas succedem e eu proprio, entre muitos erros que terei commettido e vou corrigindo desde que os descubro, já fiz tambem coisa semelhante, tratando do mesmo assumpto. isto é, da orientação por meio da sombra projectada por uma vara. Em um dos modestissimos trabalhos elementares que tenho perpetrado, disse eu: "De manhã a sombra indicará o poente, e será muito maior que o poste; á medida que o Sol subir no firmamento, ella irá diminuindo; ao meio-dia desaparecerá, pois que o Sol estará exactamente acima..." Esse completo desaparecer da sombra ao meio-dia não é em qualquer ponto do globo, nem em qualquer época do anno. Fôra necessario distinguir, descer a minucias, e eu não o fiz, pelo que lealmente estendo a mão á palmatoria, confessando de publico, como antigo hebreu, a minha falta.

Basta uma só capsula

CIDALGINA Não ataca os rins

:: É O ESPECIFICO DA DOR :: Não affecta o coração

Agentes: INFANTE & COMP. — Rua Chile 27, 1º andar — Tel. Central 164 — RIO DE JANEIRO

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA HUMANAS

APPARELHO NERVOSO

(CONTINUAÇÃO)

Barboza Vianina

Cathedratico da cadeira

NERVOS

Do eixo craneo-vertebral destacam-se cordões nervosos que provenientes do encephalo e da medulla, se encaminham para todas as partes do organismo.

Estes elementos nervosos produzem o chamado *systema nervoso peripherico* (complemento do *systema nervoso central*) o qual é constituído de *nervos e ganglios*, havendo uma parte destes que reunidos em cadeia formam o *systema ganglionar* ou do grande *sympathico*.

Os nervos são formados pela reunião de fibras nervosas envolvidas ou não por uma bainha de myelina e unidas umas ás outras por formações conjunctivas.

Si fizermos um córte transversal em um nervo, veremos ser elle constituído por feixes de fibras de desigual volume, cercados por membranas de natureza conjunctiva — a *bainha lamellósa*, *perinervo* ou *bainha de Henle*.

Estes feixes são unidos por outra formação conjunctiva, o *epinervo* ou *nevrilema*, no qual se encontram os vasos nutridores dos nervos. Externamente, o nevrilema reforçado pelo tecido cellulo-gorduroso de enchimento constitue a bainha dos nervos.

Os ganglios são formados por cellulas nervosas, tendo algumas vezes tambem fibras nervosas. Constituem elles pequenos nodulos de volume variavel, appensos aos nervos.

Os ganglios são divididos em ganglios cerebro-espinhaes e ganglios sympathicos. Os primeiros formam dois grupos distinctos: o dos ganglios espinhaes, collocados no trajecto das raizes posteriores da medulla e o dos ganglios craneanos, por muito considerados, hoje, como ganglios sympathicos ou melhor para-sympathicos.

Todos os nervos temham a sua origem nos centros nervosos ou nos ganglios, podem ser divididos em *motores*, *sen-*

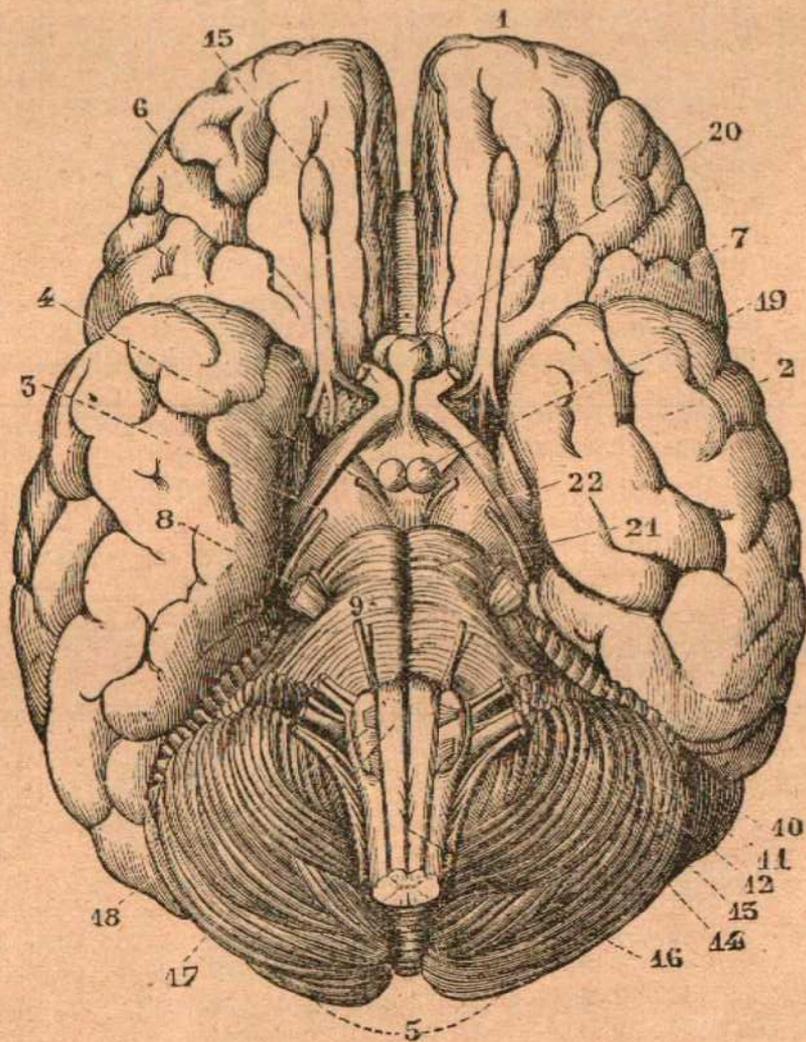


Fig. 1

Face inferior do encephalo

1 — Lobo frontal. 2 — Lobo temporal. 3 — Pathetico. 4 — Motor ocular commum. 5 — Lobos cerebellares. 6 — Optico. 7 — Scissura de Sylvius. 8 — Trigemeo. 9 — Motor ocular externo. 10 — Facial. 11 — Auditivo. 12 — Glosso-pharyngeu. 13 — Pneumogastrico. 14 — Espinhal. 15 — Olfactivo. 16 — Medulla. 17 — Bulbo. 18 — Hypoglosso. 19 — Tuberculos mamillares. 20 — Hypophyse. 21 — Ponte de Varolio. 22 — Pedunculo cerebral.

sitivos e mixtos. MOTORES ou centrifugos, quando a corrente nervosa caminha do centro para a periphéria; SENSITIVOS ou centripetos quando a marcha da corrente é inversa e MIXTOS quando ha fibras conductoras nos dois sentidos.

Sob o ponto de vista puramente descriptivo podem os nervos do systema encephalo-medullar, conforme a sua emergencia, ser divididos em *nervos craneanos* e *nervos racheanos*.

NERVOS CRANEANOS

Estes nervos destacam-se symetricamente da base do encephalo, de onde o nome de *pares craneanos* pelo qual são conhecidos. Todos elles nascem em um ou mais nucleos da substancia parda central, tendo ahi a sua *origem real*, sendo a sua enumeração feita de deante para traz, na ordem em que se destacam da face inferior do encephalo (*origem apparente*).

São elles em numero de 12, sahindo todos da caixa craneana pelos buracos da base do craneo (fig 1)).

No quadro abaixo, acham-se enumerados os pares craneanos, com os respectivos orificios de emergencia.

<i>Pares craneanos</i>	<i>Orificios de sahida</i>	<i>Localização nos ossos</i>
1. ^o — Olfactivo	Buracos da lamina crivada	Ethmoide
2. ^o — Optico	Buraco optico	Esphenoide
3. ^o — Motor ocular commum . . .	Fenda esphenoidal	
4. ^o — Pathetico		
5. ^o — Trigemeo { Ophthalmico Maxillar superior Maxillar inferior	Buraco grande redondo Buraco oval	
6. ^o — Motor ocular externo . . .	Fenda esphenoidal	Temporal
7. ^o — Facial	Conducto auditivo interno	
8. ^o — Auditivo	Buraco rasgado posterior	Entre o temporal e o occipital
9. ^o — Glosso-pharyngeu		
10. ^o — Pneumogastrico	Buraco condyliano anterior	Occipital
11. ^o — Espinhal		
12. ^o — Hypoglosso		

Os nervos craneanos, differindo dos racheanos que são todos mixtos, podem ser divididos em sensitivos, motores e mixtos.

São sensitivos ou sensoriaes o 1.^o par (olfactivo), o 2.^o par (optico) e o 8.^o par (auditivo).

São motores: o 3.^o par (motor ocular commum), o 4.^o par (pathetico), o 6.^o par (motor ocular externo), o 11.^o par (espinhal) e o 12.^o par (hypoglosso).

São mixtos: o 5.^o par (trigemeo), o 7.^o par (facial), o 9.^o par (glosso-pharyngeu) e o 10.^o par (pneumogastrico).

Descripção summaria dos nervos craneanos

1.^o par — OLFACTIVO (fig. 1-15 e fig. 2-1). Estes nervos originam-se em cada lado, de um cordão achatado — a fita olfactiva — que se engrossa na parte anterior para formar o bulbo olfactivo o qual se acha localizado na fenda ethmoidal.

Dessa formação partem, á maneira dos pellos de uma escova, os filetes nervosos que se vão distribuir na mucósa das fossas nasaes (membrana pituitaria), os quaes são considerados pelos anatomistas modernos como os verdadeiros nervos olfactivos.

Como a dos outros nervos sensitivos, a origem real dos nervos olfactivos acha-se na periphéria, no campo de distribuição dos nervos, por serem estes centripetos, tendo por conseguinte, a corrente nervosa dirigida para os centros nervosos, onde terminam as fibras deste par craneano.

A esphera olfactiva, isto é a porção da cortex cerebral onde terminam realmente as fibras do 1.^o par, ainda não se acha em absoluto definida.

Pela direcção das fibras olfactivas pôde-se designar quatro centros corticaes, todos ligados entre si, que se acham localizados na circumvolução do hypocampo (centro hypocampico), na circumvolução do corpo calloso (centro calloso), no lobo orbitario (centro orbitario) e no lobo temporal (centro temporal).

2.^o par — OPTICO (fig. 1-6 e fig. 2-2) — A origem apparente deste par é o chiasma dos nervos opticos que é formado pela reunião das duas fitas opticas.

Passando da cavidade craneana para a orbitaria pelo buraco optico, vae o nervo optico abrir-se em calice no globo ocular para formar a sua membrana mais interna — a retina. E' ahi que se iniciam realmente as fibras deste nervo sensorial, que se vão terminar no lobo occipital do cerebro (centro da visao).

3º par — MOTOR OCCULAR COMMUM (fig. 1-4—fig. 2-3, fig. 3-d e fig. 6-3) — Este nervo nasce, de cada lado do pedunculo cerebral entre a protuberancia annular e os tuberculos mamillares. Sua origem se faz por numerosos filetes que reunidos vão formar um tronco unico o qual, depois de longo trajecto, passa para a orbita atravez da fenda esphenoidal.

O nervo motor ocular commum, fornece innervação a quasi todos os musculos do olho (recto superior, recto inferior, recto interno e pequeno obliquo). Somente os musculos recto externo e grande obliquo não são dependentes do 3º par.

O nucleo de origem principal deste nervo acha-se localizado no andar superior do pedunculo cerebral abaixo dos tuberculos quadrigemeos.

4º par — PATHETICO (fig. 1-3 e 2-4) — E' o mais delgado dos nervos craneanos. Faz o pathetico um grande trajecto entre a sua origem apparente e o seu orificio de emergencia, por ser o unico par que nasce na face dorsal do eixo cerebro-espinhal.

Elle emerge da face posterior do isthmo do encephalo, por baixo dos tuberculos quadrigemeos posteriores. Penetrando na orbita, pela fenda esphenoidal, vae distribuir-se em um unico musculo do globo ocular — o grande obliquo do olho.

A sua origem real, constitue o *nucleo do pathetico*, situado no pedunculo cerebral, subjacente ao do 3º par.

5º par — TRIGEMIO (fig. 1-8, fig. 2-5, fig. 5-1 a 14, e fig. 3) — E' o mais volumoso dos pares craneanos; emerge da face anterior da protuberancia por duas raizes de diametro desigual, servindo a sua origem apparente de limite theorico entre a Ponte de Varolio e os pedunculos cerebellares medios. A grossa raiz do trigemeo é sensitiva e a delgada motora (fig. 1-8).

A raiz sensitiva, ao nivel do rochedo, alarga-se formando o GANGLIO DE GASSER (fig. 2-13 e fig. 3-a) que se divide após em 3 ramos: *ophthalmico* (fig. 2-14, fig. 3, e fig. 5-3) *maxillar superior* (fig. 2-15, fig. 3 e fig. 5) e *maxillar inferior* (fig. 2-16, fig. 3 e fig. 5-5). A este nervo, vem unír-se a raiz motora, chamada, por isso, raiz mastigadora ou mandibular, motivo de ser este o unico ramo mixto do trigemeo, sendo os outros sensitivos.

O NERVO OPHTALMICO, collocado superiormente, sahindo do craneo pela fenda esphenoidal, divide-se logo em 3 ramos: *nasal*, *lacrymal* e *frontal* (fig. 2-17 a 23).

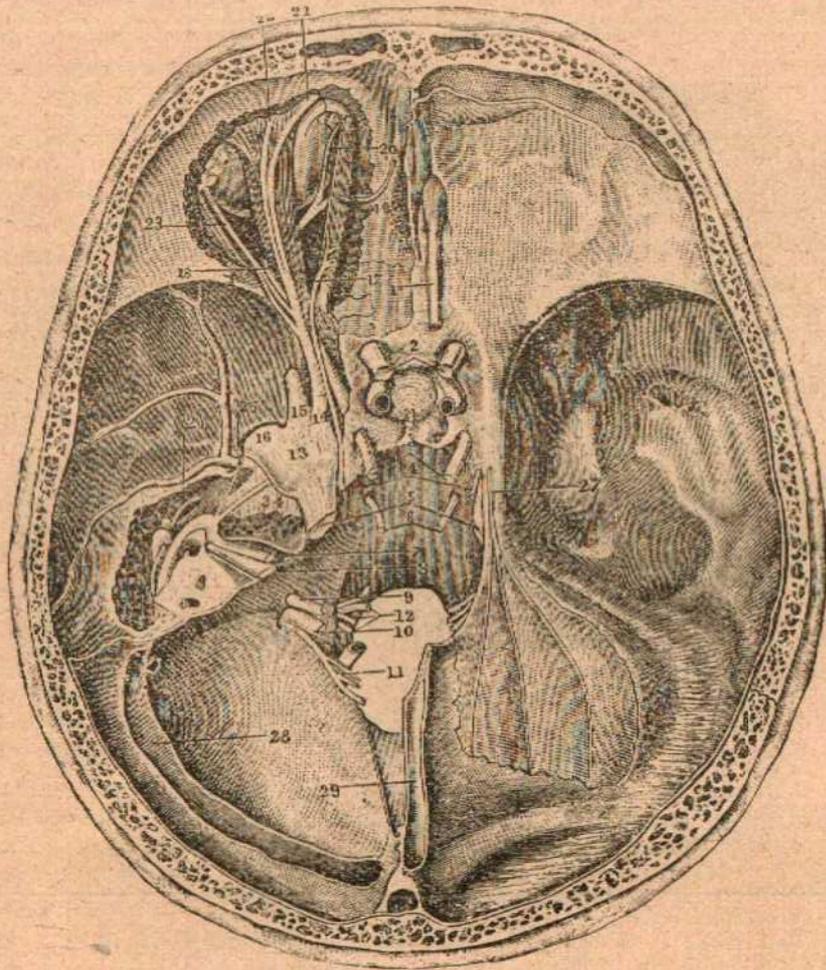


Fig. 2

Os pares craneanos em sua sahida pelos orificios da base do craneo

1 — Olfactivo. 2 — Optico. 3 — Motor ocular commum, 4 — Pathetico. 5 — Trigemeo. 6 — Motor ocular externo. 7 — Facial. 8 — Auditivo. 9 — Glosso pharyngeu. 10 — Pneumogastrico. 11 — Espinhal. 12 — Hypoglosso. 13 — Ganglio de Gasser. — 14, 15 e 16 — Seus tres ramos: ophthalmico, maxillar superior e maxillar inferior. 17 a 23 — Ramos do ophthalmico. 24 a 27 — Ramos do facial. 28 e 29 — Seios venosos da dura-mater.

Estes nervos, fornecem sensibilidade ás regiões a que se destinam, indicadas por sua denominação.

Ao nervo ophtalmico acha-se annexado um ganglio — o *ganglio ophtalmico* ou *ciliar* — (fig. 3, b), formado por tres raizes (fig. 3, b, c e z): a *raiz sensitiva* ligada ao nervo nasal, a *raiz motora* proveniente do nervo *motor ocular commum* (3º par) e a *raiz sympathica* oriunda do plexo cavernoso.

Desde ganglio emergem os nervos ciliares destinados ao musculo ciliar e á cornea transparente.

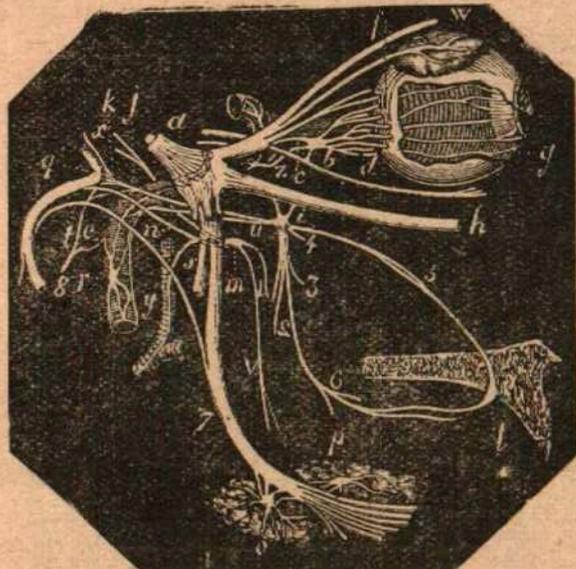


Fig. 3

Eschema do nervo trigemeo com seus ganglios

a — Ganglio de Gasser. b — Ganglio ophtalmico. c — Sua raiz sensitiva. d — Motor ocular commum dando a raiz motora. z — Raiz sympathica. f-g — Nervo ophtalmico. h — Nervo maxillar superior. i — Ganglio espheno-palatino e suas raizes sensitivas. o — Raiz motora. u — Raiz sympathica. 2 e 3 — Ramos palatinos do ganglio. 4 e 5 — Ramos espheno-palatinos. 7 — Nervo maxillar inferior. f — Ganglio sub-maxillar. p — Ganglio sub-lingual. m — Ganglio optico, com suas raizes. n — Motora. y — Sympathica. v — Ramos efferentes do ganglio. q-r — Facial. t — Corda do tympano. x — Nervo de Wrisberg. s — Ramo de Jacobson.

redondo, na grande aza do esphenonoide vae depois se dividir em 7 ramos que formam na origem um ramallete nervoso. Estes nervos, cujos nomes indicam o seu destino são: temporal profundo medio, masseterino, buccal, pterygoideu interno, auriculó-temporal, dentario inferior e lingual.

Aggregado ao ramo inferior do trigemeo, encontra-se igualmente um ganglio, localizado logo abaixo do buraco oval — o *ganglio otico* ou *ganglio de Arnold* que se acha ligado por filetes ao facial (raiz motora), ao glosso-pharyngeu (raiz sensitiva), e ao plexo meningeu (raiz sympathica).

Deste ganglio derivam filetes sensitivos e motores, destinados ás regiões vizinhas.

O nervo trigemeo, possuindo fibras motoras e sensitivas, tem nucleos centraes diferentes para as suas duas raizes.

A raiz motora se origina de dois nucleos, um protuberancial (nucleo principal) e outro pedunculo-protuberancial (nucleo accessorio).

A raiz sensitiva termina em nucleos localizados no bulbo e na protuberancia.

6º par — MOTOR OCULAR EXTERNO (fig. 1-9 e fig. 2-6) — Este nervo, tambem chamado *abducens* pelos anatomistas inglezes e allemães, é simplesmente destinado á innervação do musculo recto externo do olho.

A origem apparente deste nervo faz-se no sulco bulbo-protuberancial, por dois filetes, situados para dentro do facial. D'ahi, após um longo trajecto, chega á cavidade orbitaria pela fenda esphenoidal.

O NERVO MAXILLAR SUPERIOR (fig. 2-15 e fig. 3, h) — 2º ramo do trigemeo, passa na base do craneo pelo buraco grande redondo, chegando assim, na fossa pterygo-maxillar, onde se incurva para penetrar em um trajecto localizado por debaixo da orbita (canal sob-orbitario) que se vae abrir em um orificio existente no esqueleto da face (buraco sob-orbitario).

Ahi se distribue o ramo terminal do maxillar superior, abrindo-se em um ramallete de nervos destinados a fornecer sensibilidade á face.

Os ramos collateraes deste nervo dirigem-se para as meninges, para as orbitas, para o ganglio espheno-palatino e para os dentes (nervos meningêus, orbitarios, espheno-palatino e dentarios — anteriores e posteriores).

Annexo ao nervo maxillar superior existe tambem um ganglio — o *ganglio espheno palatino* ou *GANGLIO DE MECKEL* (fig. 3, i) formado tambem por 3 raizes: *sensitiva*, que o une ao maxillar superior e glosso-pharyngeu, *motora*, vinda do facial e *sympathica* que se origina no plexo carotidiano.

Os filetes do glosso-pharyngeu e facial, formam um tronco unico tributario do ganglio — o nervo vidiano.

Deste ganglio partem nervos destinados á innervação das fossas nasaes, da pharynge, da orbita e da abobada palatina (nervos: pterygo-palatino, orbitario, espheno-palatino e palatinos — anterior, medio e posterior).

O NERVO MAXILLAR INFERIOR OU MANDIBULAR (figs. 12-1 e 5), sahindo do craneo pelo buraco oval, situado como o grande

A sua origem real, acha-se em dois nucleos, um principal, outro accessorio, localizados no soalho do 4º ventriculo.

7º par—FACIAL (figs, 1-10, 2-7, 3-q. r. 4 e 6-8) — Tambem chamado *nervo da expressão* por fornecer innervação a todos os musculos cuticulares da cabeça e do pescoço, o facial vae por uma de suas raizes distribuir-se nas glandulas sob-lingual e sob-maxillar, tendo assim funcção particular na salivacão e na gustacão.

O facial nasce na fosseta lateral do bulbo por duas raizes, uma principal-motora, outra accessoria-sensitiva que se acha entre a primeira e o nervo auditivo, de onde a denominação de *nervo intermediario de Wrisberg* (fig. 3-x) pela qual era antigamente conhecida.

Assim formado, sae o facial do craneo pelo conducto auditivo interno penetrando após no aqueducto de Fallopio, onde o nervo de Wrisberg termina em um ganglio — o *ganglio geniculado*.

Depois de complicado trajecto nesse aqueducto escavado na porção petrea do temporal, o facial exterioriza-se pelo orificio estylo-mastoideu, situado para baixo e para dentro do conducto auditivo externo.

No interior do rochedo dá o facial 5 ramos collateraes: o grande e o pequeno nervos petrósos superficiaes, o nervo do musculo do estribo, a corda do tympano e o ramo anastomotico do pneumogastrico.

Fóra do rochedo fornece o facial o ramo anastomotico do glosso-pharyngeu, o ramo auricular posterior, os ramos dos musculos digastrico e estylo-mastoideu e o ramo lingual.

Os seus ramos terminaes (fig. 4) são o cervico-facial e o temporo-facial que se distribuem nas regiões superficiaes do craneo, da face e do pescoço.

O nucleo de origem do facial, propriamente dito, fica situado na protuberancia annular, junto ao nucleo principal da raiz motora do trigemeo.

O intermediario de Wrisberg termina na porção bulbar do soalho do 4º ventriculo, junto ao nucleo de terminacão da porção sensitiva do glosso-pharyngeu, do qual é considerado, por alguns autores, como sendo a porção superior.

8º par — AUDITIVO (figs. 1-11 e 2-8) — Este nervo, tambem chamado acustico, nasce na fosseta lateral do bulbo por duas raizes: uma interna ou vestibular e outra externa ou cochlear. Penetrando em seguida no conducto auditivo interno, o nervo acustico ra-

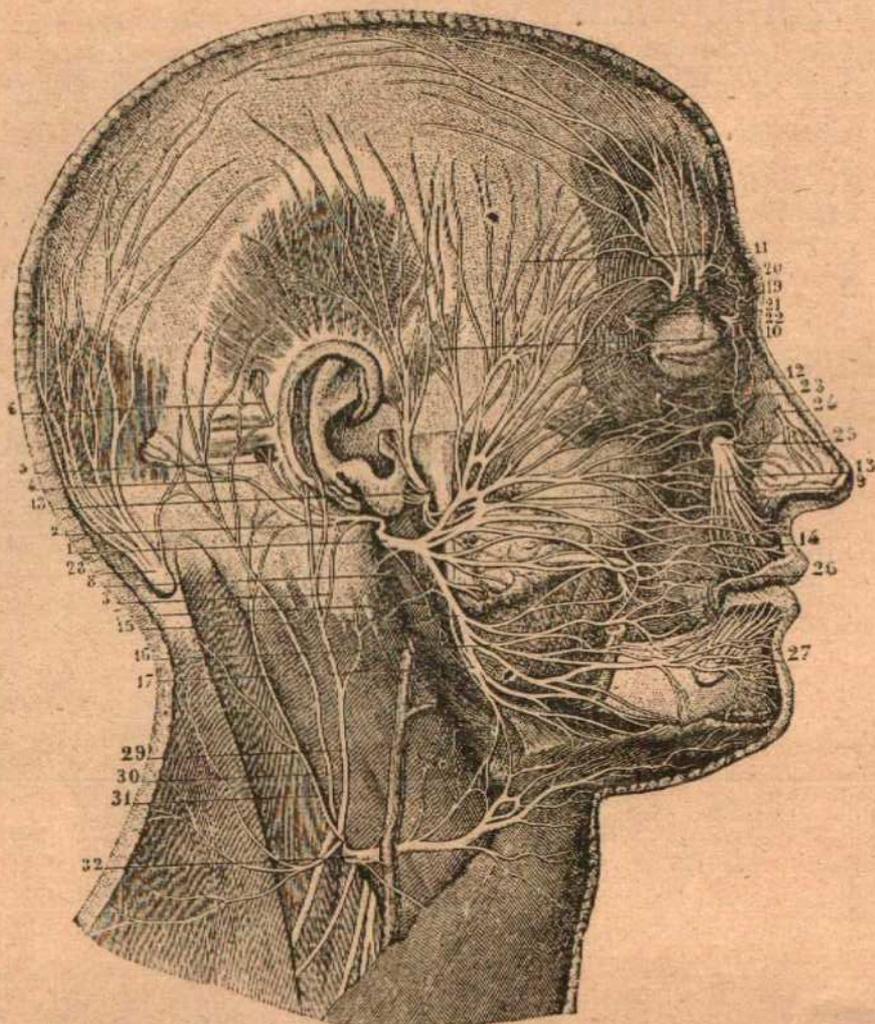


Fig. 4

Nervos superficiaes da cabeça

1 — Tronco do facial. 2, 3, 4, 5 e 6 — Nervo auricular posterior. 7 e 8 — Anastomoses do facial. 9, 10, 11, 12 e 13 — Seus ramos inferiores (cervico-facial). 14, 15, 16 e 17 — Ramos superiores (temporo-facial). 18 — Nervo auriculo-temporal. 19 — Frontal externo. 20 — Frontal interno. 21 — Lacrymal. 22 — Nasal interno. 23 — Nervo zygomatico. 24 — Nasal externo. 25 — Infra-orbitario. 26 — Nervo buccal. 27 — Nervo mentoneano. 28 — Nervo sub-occipital. 29, 30, 31 e 32 — Plexo cervical superficial.

mifica-se em grande numero de filetes que fazem o seu trajecto pelos orificios situados na parede interna desse conducto que mede somente cerca de um centimetro, sendo elle, mais uma fossa do que um canal.

Estes ramusculos quando de novo reunidos no ouvido interno, formam dois troncos de divisão do 8º par: o ramo anterior ou cochlear e o ramo posterior ou vestibular. O primeiro destina-se ao caracol, subdividindo-se o outro em tres ramos secundarios, que immergem no vestibulo e nos canaes semi-circulares.

No trajecto do nervo cochlear encontra-se uma intumescencia o *ganglio de Corti*, no do vestibular um outro ganglio — o *ganglio de Scarpa*.

Os feixes cochlear e vestibular do nervo auditivo têm a sua terminação real em nucleos distinctos localizados no bulbo, na protuberancia e no cerebello, subindo d'ahi até á cortex, na região temporal, que é assim considerada a esphera auditiva.

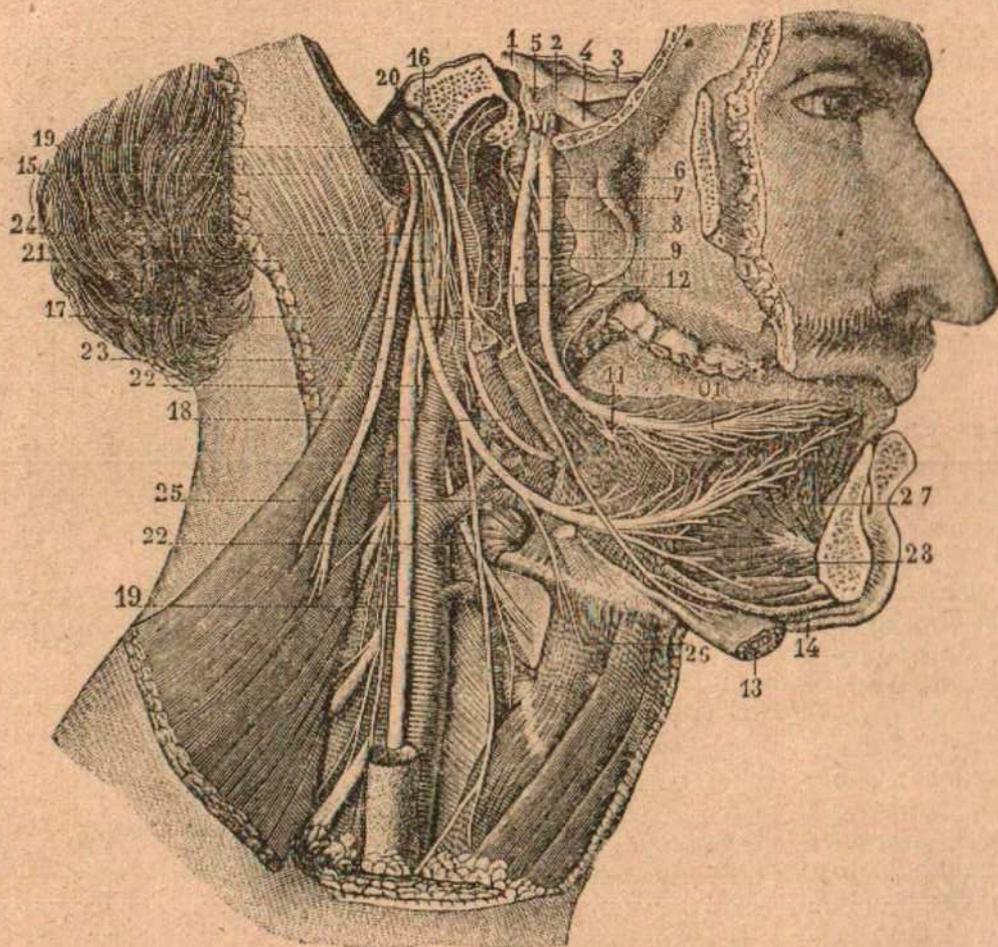


Fig. 5

Innervação da lingua

1 — Trigemeo. 2 — Ganglio de Gasser. 3, 4 e 5 — Seus ramos: ophthalmico, maxillar superior e maxillar inferior. 6, 7, 8, 9, 10, 12 e 14 — Ramos do maxillar inferior. 11 — Seu ganglio. 13 — Musculo mylo-hyoidêu. 15 e 18 — Nervo glosso-pharingêu. 16, 17 e 18 — Ganglio petroso e seus ramos. 19, 20 e 22 — Pneumogastrico, 23 — Nervo espinhal. 24 a 28 — Hypoglosso.

9º par — GLOSSO PHARINGEU (figs. 1-12, 2-9, 5-15 e 18 e 6-9 — Este nervo, que tem a sua origem apparente no sulco lateral do bulbo, logo abaixo do nervo auditivo, sae do craneo juntamente com os nervos do 10º e do 11º pares, pelo buraco rasgado posterior.

Immediatamente após á sua sahida, deste orificio apresenta o 9º par, 2 ganglios: um superior — o *ganglio de Ehrenritter* e outro inferior, mais importante — o *ganglio de Anäersch* ou *ganglio petroso* (fig. 5-16).

O glosso-pharingeu anastomosa-se com o pneumogastrico, com o facial e com o sympathico.

As suas fibras motoras são destinadas aos musculos da parede da pharynge, as sensitivas á mucosa deste orgão e ao terço posterior da face dorsal da lingua, onde por inter-medio do plexo lingual, vae fornecer finas ramificações ás glandulas calicicolas que formam o V lingual.

A raiz motora do glosso-pharyngeu provem do *nucleo ambigu*, localizado no bulbo terminando a raiz sensitiva em 2 nucleos igualmente ali situados.

10° par — PNEUMOGASTRICO (fig. 1-13, 2-10, 5-19, 20, 22, 6-10 e 16) — E' o mais importante dos nervos craneanos, pela sua zona de innervação.

O pneumogastrico ou nervo vago origina-se no sulco lateral do bulbo, na mesma linha do glosso-pharyngeu e do espinhal.

Sahindo com estes dois nervos pelo buraco rasgado posterior, o pneumogastrico atravessa o pescoço, o thorax e o diaphragma para, na cavidade abdominal, ramificar-se no estomago, no figado e no plexo solar.

Abaixo do buraco rasgado, acham-se dois ganglios annexos ao nervo vago: o *ganglio jugular* e subjacente a este o *ganglio plexiforme*.

Na vizinhança ainda de seu orificio de emergencia o pneumogastrico envia e recebe anastomoses que o ligam aos nervos espinhal, glosso-pharyngeu, facial, hypoglosso, syphatico e ao 1° par racheano. No pescoço achase o pneumogastrico entre a veia jugular interna e a carotida (interna para cima e primitiva para baixo), envolvidos por uma bainha commum, constituindo o chamado feixe vasculo nervoso do pescoço.

Penetrando no thorax, passa o pneumogastrico direito por detraz, da arteria sob-clavea, sob a qual emite um ramo, que se dirige novamente para cima: o *nervo recorrente* ou *laryngeu inferior*, passando o ramo correspondente do lado esquerdo por debaixo da crossa da aorta.

O pneumogastrico penetra no abdomen pelo orificio esophagiano do diaphragma — um adeante, outro atraz do esophago, terminando o do lado direito por detraz do estomago e o esquerdo na face anterior desta mesma viscera.

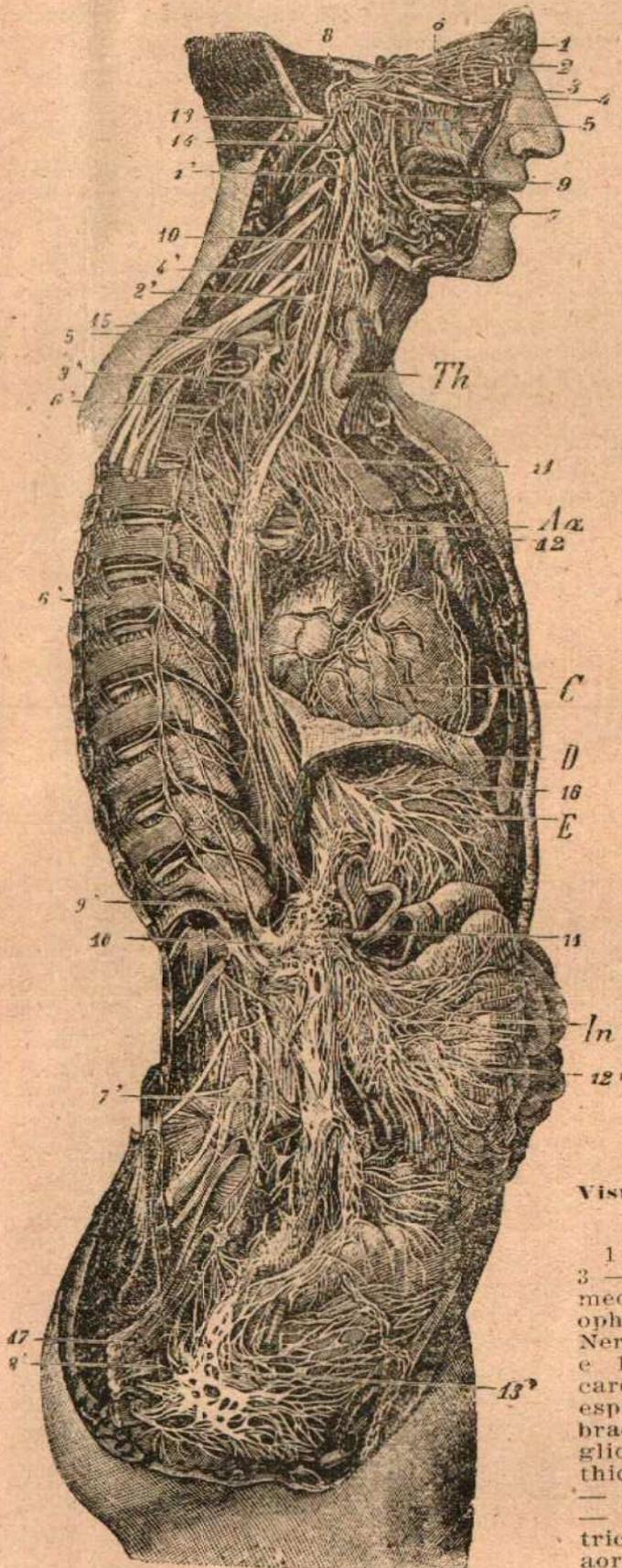
O pneumogastrico fornece ramos em todo o seu trajecto.

No pescoço, além dos recurrentes que já mencionámos, dá ramos pharyngeus e cardiacos.

Fig. 6

Vista de conjunto do pneumogastrico e do grande sympathico

1 — Glandula lacrymal. 2 — Globo occular. 3 — Nervo motor occular commum. 4 — Trigemio. 5 — Nervo maxillar inferior. 6 — Ganglio ophtalmico. 7 — Ganglio sub-maxillar. 8 — Nervo facial. 9 — Nervo glosso-pharyngêu. 10 e 16 — Nervo pneumogastrico. 11 — Nervos cardiacos. 12 — Plexo cardiaco. 13 — Nervo espinhal. 14 — Nervo hypoglosso. 15 — Plexo brachial. 17 — Plexo sacro. 1', 2' e 3' — Ganglios cervicaes. 5', 6' 7' e 8' — Cadeia sympathica. — 9' — Nervo grande esplanchnico. 10' — Ganglio semi-lunar. 11' — Plexo solar. 12' — Plexo mesenterico. 13' — Plexo hypogastrico. Th — Glandula thyroide. Aa — Arteria aorta. C — Coração. D — Diaphragma. E — Estomago. In — Intestinos.



No thorax destacam-se do pneumogastrico, ramos pulmonares, esophagianos e cardiacos. Estes, com os provenientes da porção cervical, vão formar com os seus homonymos do sympathico o plexo cardiaco.

No abdomen, o pneumogastrico esquerdo, depois de fornecer innumerous ramos á face anterior do estomago, vae pelo trajecto da veia porta, terminar-se no figado. O pneumogastrico direito envia ramos collateraes á face posterior do estomago, e ao plexo solar, indo depois lançar-se no angulo interno do ganglio semilunar direito para formar com o nervo grande esplanchnico, do mesmo lado, que se lança no angulo externo do ganglio — a *ansa memoravel de Wrisberg*.

Os nucleos centraes do pneumogastrico são em tudo semelhantes, tanto na raiz sensitiva quanto na motora aos do glosso pharyngeu, dos quaes são vizinhos.

11° par — ESPINHAL (figs. 1-14, 2-11, 5-23 e 6-13) — Este nervo de proveniencia bulbo-medullar, é tambem conhecido pelos nomes de *nervo accessorio do vago*, *nervo accessorio de Willis* ou simplesmente — *nervo accessorio*.

As suas raizes bulbares em numero de 4 ou 5, emergem do sulco lateral do bulbo: as raizes espinhaes, nascem no segmento superior da medulla, adeante das raizes cervicaes posteriores a partir da 4ª, dirigindo-se para cima.

Sahindo pelo buraco rasgado posterior em companhia dos nervos pneumogastrico e glosso-pharyngeu, divide-se o espinhal em dois ramos terminaes: um externo, outro interno.

O ramo interno, formado pelas fibras bulbares, depois de um curto trajecto, lança-se no ganglio plexiforme do pneumogastrico, por intermedio do qual vae se distribuir nos musculos da larynge.

O ramo externo, constituido pelas fibras medullares, vae formar o espinhal propriamente dito, distribuindo-se nos musculos esterno-cleido-mastoideu e trapezio. A sua origem real faz-se no bulbo e na porção superior da medulla cervical.

12° par — HYPOGLOSSO (fig. 1-18, 2-12, 5-24 a 28, e 6-14) — Tambem chamado grande hypoglosso, em opposição ao nervo lingual, ramo do maxillar inferior, conhecido antigamente pelo nome de pequeno hypoglosso, destaca-se o ultimo par craneano do sulco pre-olivar do bulbo (sulco do hypoglosso).

Originando-se por uma serie de 10 a 15 filetes, convergem estes para o buraco condyliano anterior por onde sae o nervo hypoglosso da caixa craneana.

Depois de lançar anastomoses para o ganglio plexiforme do pneumogastrico, para o ganglio cervical superior e para dois primeiros pares cervicaes, vae terminar o hypoglosso formando varias arcadas nervosas com o nervo lingual.

Em seu trajecto fornece o hypoglosso innervação aos musculos do pescoço, sendo os seus ramos terminaes destinados aos musculos da lingua.

O hypoglosso tem a sua origem no bulbo em um nucleo que tem o seu nome, (nucleo do hypoglosso).

Resumindo a distribuição e função dos nervos craneanos, podemos notar que: o 1° par — *olfactivo*, exclusivamente sensitivo ou melhor, sensorial, é o nervo da olfacção; o mesmo em relação ao 2° par, o *optico*, *nervo da visão*; o 3° par, *motor ocular commum*, innerva quasi todos os musculos do olho; o 4° par, *pathetico*, tambem somente motor, é destinado ao musculo grande obliquo do olho, cabendo ao 6° par, *motor ocular externo* a innervação do musculo recto externo; o 5° par — *trigemeo*, sensitivo-motor fornece sensibilidade á face, ás fossas nasaes, ás paredes buccaes e aos dentes, innervando pela sua raiz motora os musculos da mastigação e alguns do pescoço; o 7° par, *facial*, tambem mixto, pela sua raiz sensitiva (nervo intermediario de Wrisberg), dá sensibilidade, ás porções externa e media do aparelho auditivo, fornecendo ainda innervação ás glandulas sob-maxillar e sob-lingual; pela sua raiz motora é o *nervo da physionomia*, por innervar todos os musculos cuticulares do pescoço e da cabeça; o 8° par, *auditivo*, é um nervo sensorial destinado á audicção; o 9° par, *glosso-pharyngeu* é mixto, por ser ao mesmo tempo nervo da gustação e propulsor de alguns musculos da pharynge; o 10° par, *pneumogastrico*, nervo mixto, fornece ao mesmo tempo motricidade e sensibilidade ao aparelho respiratorio, á porção central do aparelho circulatorio, e a quasi todo o aparelho digestivo; o 11° par, *espinhal*, exclusivamente motor, innerva alguns musculos da larynge, o musculo esterno-cleido-mastoideu do pescoço e o musculo trapezio, do dorso; o 12° par, *hypoglosso* é tambem unicamente motor, sendo destinado principalmente aos musculos da lingua.

Angela Vargas Barboza Vianna

3.º Recital de Declamação

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

DIA 30 DE OUTUBRO ÀS 16 HORAS



Bilhetes á venda na Casa Mozart e na portaria do Instituto

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & C.^{ia}

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

— 166 — Rua do Ouvidor — 166 —

— RIO DE JANEIRO —

END. TELEG. ALVESIA — CAIXA POSTAL N. 658



FILIAES:

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Rua da Bahia, 1055

BELLO HORIZONTE

Salutaris

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL

A RAINHA

DAS

AGUAS DE MESA

A venda em toda a parte

Curso Normal de Preparatorios

RUA DO OUVIDOR N. 15-1º andar

Tel. Norte 6713

Rio de Janeiro

BRONZES E OBJECTOS DE ARTE

M. L. Krause & C.

JOA. HEIROS

RUA GONÇALVES DIAS, 83

— Rio de Janeiro —

Escritorio tecnico F. K. G.

Projectos de predios, palacetes e BUNGALOWS

Rua da Quitanda, 19, 1º andar.

EMPRESTIMOS

Menores juros — Maior Rapidez

RUA DO CARMO, 71-(1.º andar) Tel. Norte 766

SIQUEIRA CAVALCANTI & C.

(Casa bancaria sob a fiscalisação do governo)

Iluminação dos Edifícios

Atbos Aramis de Mattos

Cathedratico de Hygiene

Sabendo que a iluminação pode ser natural e artificial, vamos entretanto examinar aqui apenas, o que diz respeito a natural. Parecendo embora de somenos importancia, é o assumpto, da mais alta, pois de um illuminamento deficiente, derivam para o individuo, grandes perturbações de saúde, estando o mesmo mais exposto as infecções, sabido como é, que a luz é um agente bactericida por excellencia. Nos tempos que correm, em grande numero de paizes, o nosso inclusive, vem sendo usança embora má, a construcção de edificios de excessiva altura, alevantados em terreno de superficie exigua. Dahi decorre, que as janellas de muitos compartimento se são abrir, via de regra, para uma area central que acompanha o edificio, em altura, verdadeira chaminé por onde penetram ar e luz em quantidade diminuta. Além disto, sabido como é que não basta existir luz no edificio, mas indispensavel se torna seja ella ahí encontrada em quantidade que baste para os diversos mistéres da vida do homem, sem entretanto ser excessiva (caso em que é prejudicial) vemos quão importante é a questão da orientação dos edificios, pois tal lhes permite não só um conveniente illuminamento, como tambem uma insolação por algumas horas do dia, factor este nos mesmos indispensavel. Brilhando o sol, certas partes da casa são vivamente illuminadas, quando mais não seja, ao menos si suppuzermos a abertura por onde penetram os raios luminosos, feita em uma parede de espessura minima. Si ao contrario porém, esta parede for por demais espessa, pode succeder que a luz directa não possa fazer sentir lá os seus effeitos, embora partida de frente acima do horizonte, sendo que ainda mais, taes sejam as dimensões da sala e das janellas, o soalho poderá ou não ser illuminado, mudando, variando taes effeitos, conforme as horas e estações. Poderíamos realizar uma boa iluminação pela parte superior das janellas, protegendo-as com aberturas guarnecidas de um dispositivo (verdadeiro écran) diffusor, o qual seria constituido por uma substancia translucida, que receberia sobre a parte superior os raios luminosos, tornando-se assim uma verdadeira fonte illuminativa. Tem entretanto este meio inconvenientes varios, pois para que a iluminação fosse uniforme em todas as partes e sem variações, indispensavel seria, que este écran fosse collocado numa abertura de espessura quasi nulla, o que é impossivel.

Muito embora não seja possivel dar uma lei fixa, entretanto se sabe que o illuminamento seria optimo, no ponto do soalho que coincidissem com a vertical tirada da abertura da janella, sendo que a partir dahi, elle iria progressivamente diminuindo. Numa sala, illuminada por meio de aberturas lateralmente dispostas, ha uma acção illuminativa da aboboda celeste, muito embora tambem possa haver e directamente, outra do sol. Examinemos o caso da luz provir da aboboda celeste e vejamos primeiramente o effeito de uma abertura ampla sem nenhum elemento capaz de diminuir a luz por elle penetrada. Seja AB, A'B' a abertura feita numa parede, e M. um ponto do soalho deste compartimento. Si traçarmos uma pyramide tendo M. como vertice e AB A'B' como base, este marcará na aboboda celeste a porção de espaço que enviará a luz para M. dependendo o illuminamento principalmente do tamanho deste espaço e da luz dahi provinda. Ora, a luz da aboboda celeste, sabemos todos, apesar de não co-

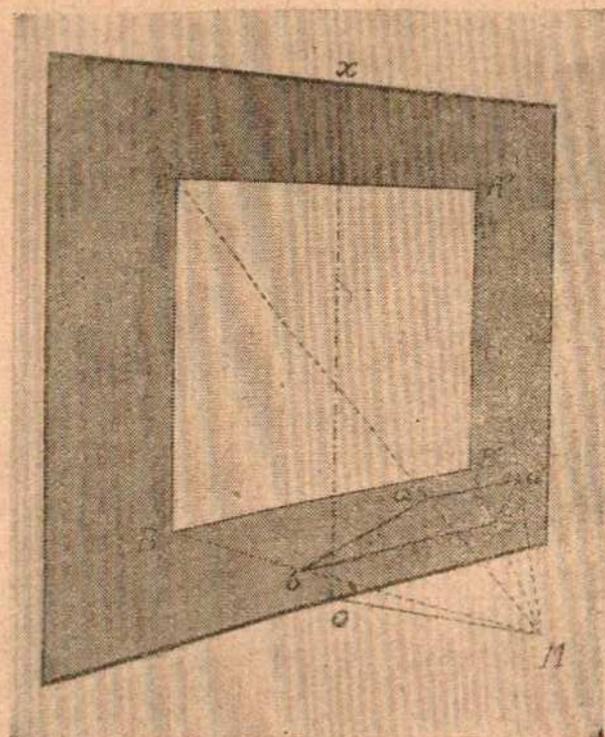


Fig. 1

nhecemos as leis das variações a que está sujeita, não é uniforme. Como porém o que queremos é, não avaliar o illuminamento nos diversos pontos, mas apenas comparal-as, longe de considerar o espaço sobre a abobada celeste limitado pela pyramide MA. B A'B', consideraremos os espaços sobre uma esfera de raio não determinado mas constante em todos os pontos: — ab a'b', sendo o raio da esfera M, a. Poderemos achar com precisão o valor desta superficie, bastando comprehendermos que o tamanho da mesma depende respectivamente do angulo E M F e do angulo C M D (figuras 2 e 3).

O valor do angulo E M F não depende da posição de M no plano horizontal, mas apenas da distancia de M a O, que representa o pé da mediana vertical da abertura.

Basta examinar a influencia de M. quanto a posição, sobre a direita de O φ para vermos logo que o angulo Y é nullo, quando M. coincide com O. Elle cresce até o maximo e decresce apoz, para tornar-se nullo quando M. é levado ao infinito. Si quizermos estudar o angulo z (fig. 3) a questão é mênos simples sendo que ahí, a parte media da janella, (C. D.) coincide, ou melhor, é vista no ponto M. Este angulo não depende apenas da distancia de M. a O, mas e principalmente, da posição de M., sendo tanto menor para uma distancia, quanto mais M. se affastar da normal, no plano em que está situada a abertura AB A'B'.

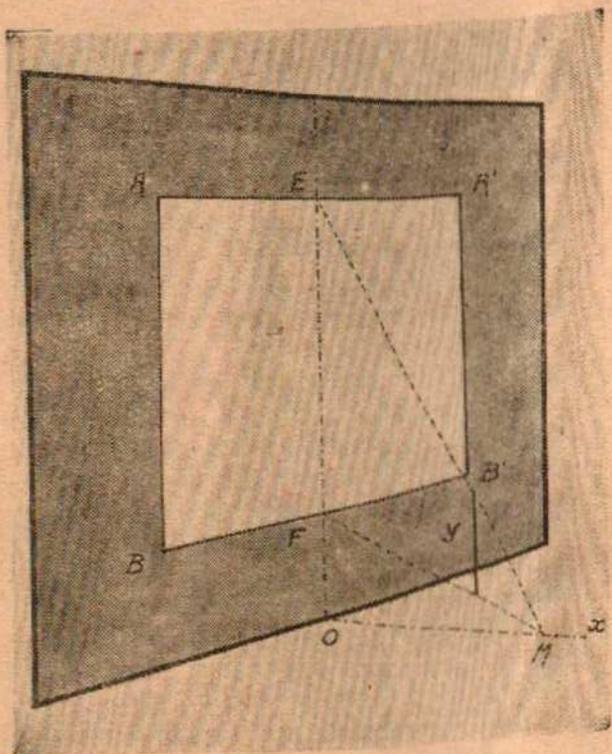


Fig. 2

Sendo assim, o angulo Z será tanto maior, quanto mais proximo de O estiver o ponto M, diminuindo ao contrario, quanto M. se affasta até o infinito. Si o ponto M. estiver no plano horizontal que passa pela borda inferior da abertura, vemos que o espaço util de céu é a Ox maximo quando M. coincide com o pé (chamemos assim) da mediana, diminue quando este ponto se desloca sobre uma recta que passa pela extremidade (pé) desta mediana diminuição esta tanto mais sensivel, quanto mais affastada estiver esta recta, da normal O φ até a parede. Si quizermos determinar o angulo Y (fig. 2), considerando b a largura da abertura, h a altura, e a distancia a da borda inferior acima do plano horizontal passando por M, e chamando φ a distancia O. M. teremos:

$$\text{tang. E. M. O} = \frac{a + h}{\varphi}$$

$$\text{tang. F. M. O} = \frac{a}{\varphi}$$

mas considerando que:

$$y = \text{E. M. O.} - \text{F. M. O.}, \text{ podemos deduzir:}$$

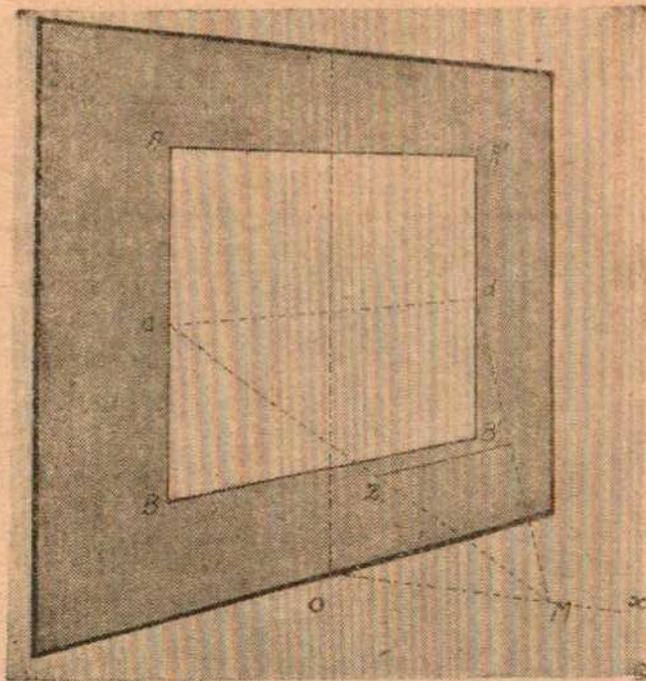


Fig. 3

$$\text{tang } y = \frac{\frac{a+h}{\varphi} - \frac{a}{\varphi}}{1 + \frac{a(a+h)}{\varphi^2}} = \frac{h\varphi}{\varphi^2 + a'(a+h)}$$

mas este valor é nullo, porque $\varphi' = L$, e $\varphi = 0$

Tal valor entretanto attinge seu maximo para uma posição de M. correspondente; $\varphi = \sqrt{a(a+h)}$.

Si $a = 0$, temos que $\text{tang. } y = \frac{h}{\varphi'}$, e o valor de y que é maximo quando $\varphi = 0$, augmenta quando φ cresce. Conservado este calculo, facil nos é calcular o valor do angulo Z (fig. 3):

$$\text{tang. } \frac{1}{2} Z = \frac{\frac{b}{2}}{\sqrt{\left(a + \frac{h}{2}\right)^2 + \varphi^2}} = \frac{b}{\sqrt{(2a+h)^2 + 4\varphi^2}}$$

este valor entretanto decresce indefinidamente, quando φ cresce a partir de (zero).

Podemos representar o illuminamento feito ao longo de uma superficie dada, por meio de um graphico, levando aos differentes pontos desta superficie, (linear) ordenadas proporcionaes aos illuminamentos nestes pontos. Nestas condições, teremos então uma curva, apresentando uma das fórmulas constantes das figuras junto e correspondendo uma, ao caso em que o ponto M. está no plano horizontal que passa pela borda inferior da abertura B. B' (figs. 3 e 4) e na outra, o ponto M. é encontrado abaixo deste plano (figs. 3 e 5).

Si considerarmos apenas o segundo caso, de accordo com as formulas anteriormente descriptas, o illuminamento augmenta com a largura da abertura pela qual passa a luz, sendo que para uma mesma altura da abertura, e mesma posição de M., o illuminamento será tanto maior, quanto mais proximo do plano horizontal passando por M., estiver a borda B. B'. Dahi então o motivo de determinarmos a collocação de janellas

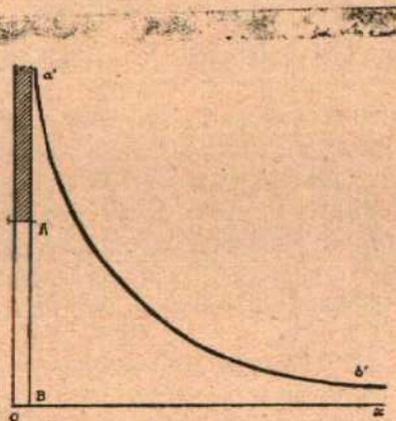


Fig. 4

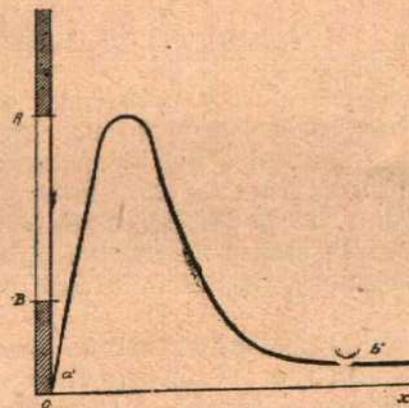


Fig. 5

largas e altas, isto é, rasgadas quasi até ao tecto, e cuja borda inferior, esteja o menos elevado possivel, do plano em que estão os pontos que devem ser illuminados. Dahi ainda, a razão pela qual exigimos em hygiene, sejam os espaços reduzidos ao minimo, multiplicado embora o numero de janellas. Quaes os effeitos observados no ponto de vista do illuminamento, quando a sala tem não uma, mas varias janellas?

Sob o ponto de vista theorico, a questão é facilima, sabido como é que o illuminamento sobre um ponto, resulta da somma dos illuminamentos separados, das diversas janellas. Entretanto, na pratica já não é a cousa tão facil, por não ser possivel determinar exactamente, o illuminamento produzido por cada janella. Vamos pois examinar a questão, encarando-a sob o duplo ponto de vista, isto é da illuminação unica e bilateral.

(Continuaremos este estudo)



ESPERANTO

(2.^a LIÇÃO)

Porto Carreiro Neto

Faremos desde logo uma primeira observação:

AS REGRAS, NO ESPERANTO, NÃO TÊM EXCEPÇÃO.

Nem poderá comprehender-se qualquer excepção numa lingua feita *a posteriori*. Si por acaso parece haver excepção a alguma regra, é porque, sem duvida, os casos não são identicos.

TODO SUBSTANTIVO TERMINA EM *O*. — TODO ADJECTIVO, DERIVADO DUM SUBSTANTIVO, TERMINA EM *A*. — TODO ADVERBIO, DERIVADO DUM ADJECTIVO, TERMINA EM *E*.

Exemplos: *Patro* — pai; *Patra* — paternal; *Patre* — paternalmente. Os substantivos podem dar, em certos casos, um *verbo*; então:

O INFINITO IMPESSOAL TERMINA EM *I*.

Difference-se, logo no principio do estudo, a parte *radical* da *terminação* propriamente dita. Na palavra *patro*, *patr* é o radical; *o* é a terminação; e assim por diante.

O ARTIGO DEFINIDO É UM UNICO PARA GENERO E NUMERO: *LA*.

La significa, portanto: *o, a, os, as*. Não existe o artigo indefinido *um*, e suas variações: *una, uns, umas*; a não ser em casos particulares, que estudaremos.

Outros exemplos: — *Ĝojo* — alegria; *ĝoja* — alegre; *ĝoje* — alegremente; *ĝoji* — alegrar-se. *Telegrafo* — telegrapho; *telegrafa* — telegraphico; *telegrafe* — telegraphicamente, por telegramma; *telegrafi* — telegraphar.

Para formar as phrases, como exercicio, que daremos abaixo, diremos logo que:

O TEMPO PRESENTE DO MODO INDICATIVO TERMINA EM *AS*.

Só ha *um* paradigma para os verbos; cada tempo só tem *uma* terminação para todas pessoas, tanto no singular, como do plural; sendo, assim, o verbo do Esperanto mais simples que o inglez. Só se distingue uma da outra pelo sujeito, que, como o inglez, francez, etc., deve vir expresso: nome ou pronome. Não ha verbos irregulares. Ex.: *La patro telegrafas* — o pai telegrapha, está passando um telegramma, etc.

O *plural* de todas as palavras susceptiveis de receber-o forma-se com o acrescimo de um *j*, que, como vimos, se pronuncia como *i* breve, nunca accentuado. Assim: *Patroj* — pais.

O accento continúa a cair sobre a syllaba *pa*, visto que *oj* é ditongo. O vale sempre *ô*! Propriamente, a palavra *patro* tem duas syllabas seguintes: *patr-o*: separem-se o radical e a terminação e ver-se-á como se divide uma palavra.

O *feminino* forma-se juntando-se ao radical o suffixo *IN*.

Assim:

Patro — pai.
Patroj — pais.

Patrino — mãe.
Patrinoj — mães.

Pais, isto é, *Patroj*—são os pais, homens somente, e não o casal, como na phrase: *meus pais*.

Para exprimir a *reunião de sexos*, usa-se o prefixo *GE*. Ex.: *Gepatroj* — pais (pai e mãe). *Frato* — irmão; *Fratino* — irmã.

Si a pessoa quer referir-se a irmãos—tanto homens como mulheres, dirá *gefratoj*. Um prégador se dirigirá aos ouvintes assim: *Gefratoj*! Si só ha irmãos do sexo masculino, dirá: *fratoj*.

Já que estamos falando na *família*, vamos estudar outros affixos uteis:

BO é um prefixo que indica *parentesco em virtude de casamento*.

Lembrem-se do *beau* francez, que tem a mesma pronuncia: *beau-père*, etc. Pois bem: *Bopatro* — sogro, isto é, pai em virtude de casamento.

Parenco — parente. O Esperanto tem este termo: *hoparencoj*, que não tem equivalente em português; é preciso traduzir por um circumloquio: parentes do marido (ou da mulher), isto é, parentes em virtude de casamento.

ID é um *suffixo* para indicar *descendente* em geral. Ex.: *Reĝo* — rei. *Reĝido* — filho do rei, príncipe. Assim: *Reĝo* — rei. *Reĝino* — rainha. *Gereĝoj* — reis (casal). *Reĝido* — príncipe. *Reĝidino* — princeza.

Nota: a letra *r* tem sempre o mesmo som, como qualquer outra!

EXERCICIO I

Onklo — Tio.
Kuzo — Primo.
Nevo — Sobrinho.
Frato — Irmão.

Avo — Avô.
Nepo — Neto.
Filo — Filho.
Sinjoro — Senhor.

Ŝafo — Carneiro.
Ĉevalo — Cavallo.
Koko — Gallo.
Bovo — Boi.

Formar o plural, o feminino, o descendente, o parente pelo casamento, a reunião dos dois sexos, das seguintes palavras, onde forem possíveis essas formações:

T H E M A I

Vocabulario

Kaj — E (conjunção).
Besto — Animal.
Birdo — Ave, passaro.
Suno — Sol.
Tajloro — Alfaiate.
Matura — Maduro.

Esti — Ser ou estar.
Rozo — Rosa.
Aparteni — Pertencer.
Brili — Brilhar.
Infano — Menino.
Homo — Homem (ente humano).

Leono — Leão.
Kolombo — Pombo.
Al — A (preposição).
Sana — São, com saúde.
Ne — Não.
Jam — Já.

Plori — Chorar.
Kie — Onde.

Ĉielo — Céu.
Kraĵono — Lapis.

Blua — Azul.
Sur — Sobre (tocando a superfície).

Tablo — Mesa.

Kuŝi — Repousar, estar deitado.

Fenestro — Janella.

Plumo — Penna.

Tero — Terra, chão.

Ŝtono — Pedra.

Patro kaj frato. Leono estas besto. Rozo estas floro, kaj kolombo estas birdo. La rozo apartenas al Teodoro. La suno brilas. La patro estas sana. La patro estas tajloro. Infano ne estas matura homo. La infano jam ne ploras. La ĉielo estas blua. Kie estas la libro kaj la kraĵono? La libro estas sur la tablo kaj la kraĵono kuŝas sur la fenestro. Sur la fenestro kuŝas kraĵono kaj plumo. Sur la tero kuŝas ŝtono.

Observação — Onde não estiver artigo definido *la* antes do substantivo, traduzam de preferencia por *um* ou suas variações.

Façam ainda os seguintes exercícios:

Pôr no plural todos os substantivos e adjectivos do exercício de traducção, assim como applicuem convenientemente aos substantivos, o feminino e demais affixos dados acima.

Applicuem as palavras conhecidas — usadas no referido exercício de traducção — na formação de outras phrases (por escripto será melhor).

Ex.: *Rozo ne estas birdo*; etc.

Barboza Vianna

HYGIENE PARA TODOS

Encontra-se nesta redacção

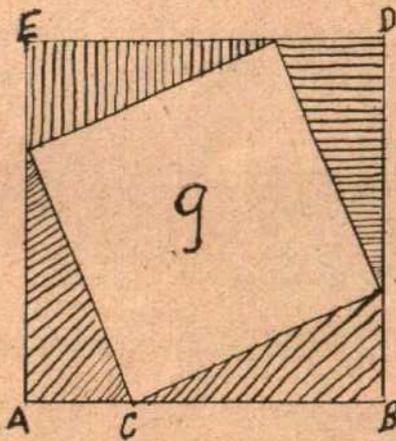
Preço: 5\$000

— Lei dos tres quadrados —

Roberto N. Lindsay
Cathedratico de Geometria

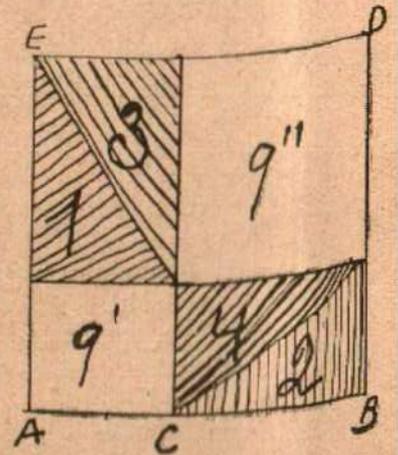
Desde a mais remota antiguidade que na India se conhecia a seguinte bella e simples demonstração da lei dos tres quadrados, falsamente attribuida por muito tempo a Pythagoras, celebre philosopho mathematico grego, que viveu no 6º seculo antes de Christo.

Eis a demonstração:



Construamos um quadrado ABDE. Marque-mos um ponto C entre os extremos do lado AB e construamos os triangulos rectangulos eguaes, cujos cathetos sejam AC e CB, ficando entre elles um quadrado, construido sobre as hypotenúsas desses triangulos rectangulos.

Tomemos agora esse mesmo quadrado ABDE e desponhamos os triangulos de modo que os



pares e os impares sejam grupados dous a dous, formando um rectangulo como nos mostra a figura ao lado. O quadrado maior ABDE fica decomposto em 2 quadrados q' e q'' , construidos um sobre o cátheto menor e o outro sobre o cátheto maior e quatro triangulos rectangulos eguaes.

A figura (1) fornece a seguinte igualdade:

$$\text{quadrado ABDE} = q + 4 \text{ triangulos eguaes}$$

A figura (2) fornece a igualdade:

$$\text{quadrado ABDE} = q' + q'' + 4 \text{ triangulos eguaes aos primeiros.}$$

Duas quantidades eguaes a uma terceira são eguaes entre si, logo:

$$q + 4t = q' + q'' + 4t$$

Subtrahindo $4t$ de ambos os membros, fica:

$$q = q' + q''$$

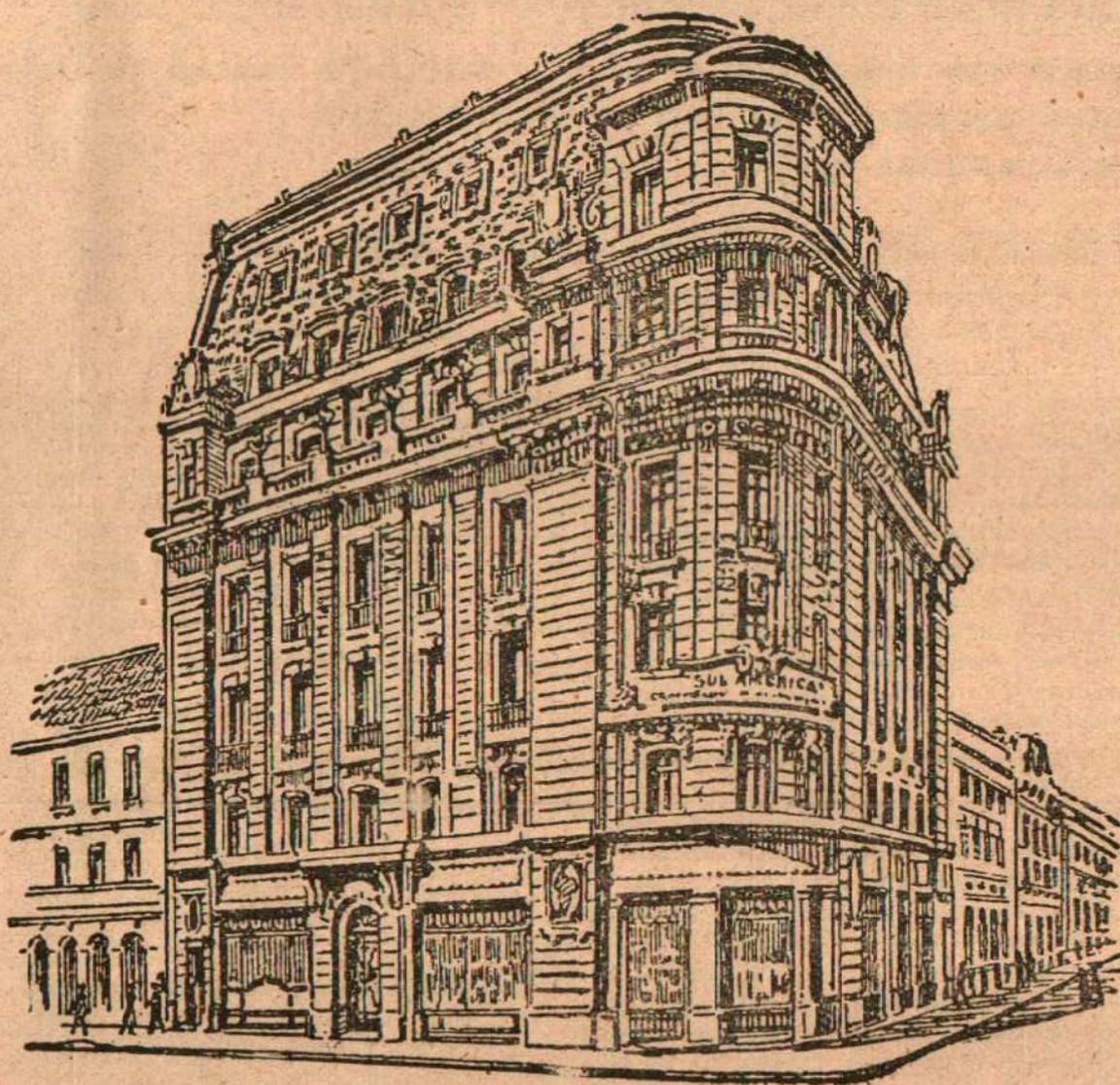
egualdade esta que proclama a lei dos tres quadrados: "quadratum hypotenuse est summa quadratorum cathetorum".

EMAGRINA

Comprimido para fazer emmagrecer.
ACOMPANHADO DE REGIMEN ALIMENTAR MUITO UTIL

SUL AMERICA

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS



EDIFÍCIO EM CONSTRUÇÃO PARA A SÉDE DA "SUL AMERICA", Á

RUA DO OUVIDOR

:: :: :: ESQUINA DE QUITANDA :: :: ::

— □ —
SÉDE PROVISÓRIA:

Rua Bethencourt da Silva, 15

— RIO DE JANEIRO —

"SUL AMERICA"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

FUNDADA EM 1895

Com a transferencia da carteira brasileira da "New York Life Insurance Company" a "Sul America" terá:

Seguros em vigor, mais de	550.000	contos de réis
Fundos accumulados, mais de	100.000	" " "
Receita annual, mais de	34.000	" " "

New York Life Insurance Company - Companhia Nacional de Seguros de Vida Sul America

Contracto de transferencia, para a segunda das apolices de seguros de vida, dotaes e de rendas vitalicias, emittidas pela primeira no Brasil

RESUMO DAS DISPOSIÇÕES DE INTERESSE DOS SEGURADOS

I — Os segurados cujas apolices forem transferidas para a "Sul America", ficarão "integralmente" com os mesmos direitos, interesses e garantias que tinham como segurados da "New-York Life Insurance Company".

II — As reservas mathematicas continuarão a ser calculadas na base adoptada pela "New-York Life Insurance Company", no momento da transferencia, e serão empregadas de accôrdo com as exigencias regulamentares em vigor.

III — Os valores representativos das responsabilidades referentes ás apolices que se transferirem ficarão como deposito especial no Banco do Brasil, que aceitou o encargo, mediante contracto que estipula que o deposito ficará permanentemente como garantia e protecção aos interesses dos segurados.

IV — A "Sul America" pagará aos segurados da "New-York Life Insurance Company", cujas apolices forem transferidas e que tenham direito a dividendos, os mesmos lucros como se a apolice não tivesse sido transferida, e, para tanto, annualmente, a "New-York Life Insurance Company", declarará os dividendos ou lucros a serem distribuidos aos segurados transferidos, fazendo acompanhar a

declaração alludida do calculo demonstrativo authenticado pela autoridade fiscal competente da séde da Companhia nos Estados Unidos da America do Norte.

V — Além do deposito das reservas no Banco do Brasil, continuará o deposito feito pela "New-York Life Insurance Company", no Thesouro Nacional, especialmente especificado como garantia das apolices transferidas, incorporando-se ás reservas, sómente quando não mais existir em vigor nenhuma daquellas apolices.

VI — O contracto de transferencia foi approved pela Superintendencia de Seguros do Estado de Nova York, e tambem pelo Governo do Brasil, nos termos e condições do decreto 16.696, de 10 de Setembro de 1924, publicado no "Diario Official" de 13 do mesmo mez, pagina 20.029, após "o cumprimento do disposto no art. 19 do decreto 14.593, de 31 de Dezembro de 1920 (Fiscalização das Companhias de Seguros)" — o "exame tecnico e juridico, que da operação fez a Inspectoria de Seguros"; — e tendo em vista "a situação da Companhia "Sul America", comprovada pelo laudo de exame da comissão especial, de 12 de Novembro de 1919, pelos balanços posteriores e mais documentos constantes do processo".

PARA MAIS INFORMAÇÕES DIRIGIR-SE Á

Casa Matriz: RUA DO OUVIDOR

PROVISORIAMENTE, Rua Bethencourt da Silva, 15

RIO DE JANEIRO



Gestos tristes

Um gesto triste será sempre um gesto
Obrigatorio para todos nós;
Pois tudo quanto possa haver de mesto
Melhor exprime do que a propria voz.

Embora seja carinhoso e brando,
É cheio de tristezza e desconforto
O gesto de uma pobre mãe, fechando
Os olhinhos, sem luz, do filho morto.

Gesto de adeus... Um braço que se agita
A despedir-se... Que tristezza encerra
O triste gesto de uma noiva afflicta
Ao noivo amado, que partiu pra a guerra!

Ha gestos tristes que não vi, mas penso:
Ninguem para elles poderia olhar:
Gestos dizendo todo o horror immenso
Dos naufragos perdidos no alto mar!

Um gesto muito triste, si é frequente,
Sejamos francos! Não nos desconsola:
Ja se torna quasi indifferente
O triste gesto de quem pede esmola!

Renato Lacerdas.

HISTORIA GERAL

(CONTINUAÇÃO)

Alfredo Balthazar da Ilveira

Docente da E. Normal

O direito pretoriano ou direito honorário, consoante os ensinamentos de Jurisconsulto Papiniano, foi introduzido pelos pretores para supprir e corrigir o direito civil conforme as exigências da utilidade pública. O cargo de *pretor urbano* foi instituído em 36 A. C. para alliviar os consules das suas innumeradas attribuições, de sorte que o pretor urbano ficou com funções judicarias, administrativas, militares e legislativas. Era-lhe, portanto, permitido, durante o mandato, que durava um anno, publicar os editos — verdadeiros decretos que modificavam as normas jurídicas e providenciavam acerca de varias cousas; esses editos constituiram o direito pretoriano. O pretor urbano não podia ausentar-se de Roma, cabendo-lhe presidir os tribunales criminaes de caracter permanente — *questiones perpetuae*, presidir o senado, policiar a cidade, velando pela sua tranquillidade e dirigir alguns jogos publicos. Criou-se, mais tarde, o *pretor peregrino*, que se destinava a conhecer dos negocios e interesses dos estrangeiros; competia-lhe, outrossim, substituir, em certas hypotheses, o pretor urbano.

E, em varias provincias conquistadas, Sicilia, Sardenha, Hespanha, institui-se, tambem, o cargo de pretor, que prestou reaes serviços á administração romana. Sylla augmentou o numero de pretores; Cesar elevou-os a dez e Augusto a dezesseis, e Nero criou o *pretor fiscalis*, que tinha a incumbencia de conhecer dos pleitos entre o fisco e os particulares. Os editos dos pretores foram de immensa utilidade para a formação do direito romano, porque eram inspirados no bom senso, que presidia as acções dos que exerceram aquelle cargo.

E, para evitar a multiplicidade das leis, bem como as damnosas consequencias da sua frequente revogação, decidiu a lei Cornelia que não era licito ao pretor albrar, durante o periodo do seu mandato, nenhum dos editos publicados no inicio da sua gestão. *Edictum translativum* era aquelle que, adoptado por um pretor, merecia a approvação dos seus successores, sendo, por isso, renovado annualmente; *edictum novum* era o edito de introduzia innovações na legislação e nos costumes. Os patricios monopolizaram, durante alguns annos, o cargo de pretor, que passou depois a ser exercido pelos plebeus. Publius Pilo, vencedor dos Sammitas, foi o primeiro plebeu que conseguiu ser pretor (337 A. C.); sua gestão ficou assignalada por varios feitos.

Equidade — é aquella virtude que impõe ao homem a observancia, em casos identicos, do mesmo criterio; assim, age, com equidade, o individuo que não admittre differenças de fortuna, de posição social, de sympathias, quando é chamado a pronunciar-se sobre pleitos rigorosamente semelhantes. A equidade tem os seus fundamentos no direito natural, isto é, naquelle conjuncto de preceitos que Deus gravou na consciencia dos homens; aos magistrados, que applicam a lei e aos jurisconsultos, que a interpretam, analysando os seus intuitos, cabe estabelecer as linhas divisorias entre a justiça e a equidade.

O juiz, quando tem de julgar uma causa pelas provas adduzidas, applica os principios da justiça, sem indagar, contudo, da maneira por que vai ser apreciada a sua sentença: *fiat justitiae, ne pereat mundus*, applicuem-se as regras da justiça, embora a sociedade se mostre contrariada, isto é, seu unico objectivo é evitar que o mais forte prejudique o mais fraco.

Mas, occasiões ha em que o juiz tem de combinar os principios do direito com as inspirações da sua consciencia para proferir uma decisão; então, recorrendo á equidade, isto é, recordando-se de decisões anteriores, elle, sem ferir direito de ninguém, baseia a sua sentença na equidade. Aquelles que se acostumaram a interpretar as leis e a analysar os factos com o rigorismo dos despotas, por certo que não comprehendem o alcance social da equidade, que constitue uma das principaes cogitações dos juizes, dos jurisconsultos e aquelles que exercem uma parcella da autoridade pública; porém, os que, cedo, se libertaram de estultos preconceitos, que geram os julgamentos apaixonados, buscando elementos para julgarem com serenidade, não ignoram que a equidade é um dos mais fortes esteios da tranquillidade pública, um dos mais poderosos elos da solidariedade social. A infracção dos preceptos da equidade engendra, em qualquer sociedade, essas violentas explosões de odio, que causam uma serie de maleficios de varias especies porque o homem, embora de rude intelligencia e de mínguada instrucção, sabe distinguir os julgamentos iniquos.

"Dans le monde il n'est rien de beau que l'équité;

Sans elle la valeur, la force, la beauté,

Et toutes les vertus dont s'éblouit la terre,

Ne sont que faux brillants et que nouveaux de verre. (Boileau).

A equidade era observada no direito romano e logrou grande desenvolvimento, na epocha em que se instituíram os pretores, porque eram elles que estabeleciam, nos ditos que publicavam, as regras jurídicas que deveriam ser applicadas aos pleitos a serem julgados; e eis por que Cimbali, acatado jurista italiano, apreciando o papel que representaram os pretores na formação do direito romano, considerou-os — *organo vivo del diritto, instrumenti infatigabile del progresso*. — Mas, como observa, e aliás, mui judiciosamente, o Dr. Emmanuel Sodré, um dos jovens, mas brilhantes cultores das nossas letras jurídicas — numa excellente monographia (1), era o *édictum translatitium*, que firmava os dictames da equidade, porque este ultimo é que se constituia das disposições que se iam repetindo com mais insistencia, de anno para anno". Porque o pretor, pelas suas attribuições de character judiciario e legislativo, podia combinar os principios fundamentaes do direito (*honesto vivere, alterum non laedere e suum cuique tribuere*), viver honestamente, não lesar a ninguem e dar a cada um o que lhe pertence), com os principios da equidade caracterizada por Ihering na individualização, isto é, não julgar da mesma fórma aquillo que é realmente desigual, o direito preto-riano era estribado nos ensinamentos da equidade; e foi, incontestavelmente, esse sentimento, de equidade, de que se acha impregnado o *Corpus Juris* dos romanos, que assegurou ao direito romano aquella admiravel consistencia que as revoluções sociaes e politicas não enfraqueceram, tornando-o, na phrase de Leibnitz, um monumento geometrico, construido com o rigor dos principios mathematicos. Porque se lia que "fôra preferivel julgar as questões, com os olhos na equidade e não na justiça", porque "se fazia da equidade a companheira inseparavel do juiz", porque "se obrigava o juiz a observar aos principios da equidade — *aequitas spectanda sit*, em todas as causas, submettidas ao seu juizo", o direito romano resistiu á acção destruidora dos seculos e serviu de modelo das leis de varios povos. E Bossuet, quando declarou que o bom senso, que é o mestre da vida, reinava nos textos romanos, quiz, evidentemente, provar que a equidade era a virtude mais convenhavel aos magistrados e juristas, que deveriam applicar as leis não com a frieza dos seus textos, mas, com aquella bondade recommendada no inimitavel Sermão da Montanha.

O juiz pôde agir, com rectidão e equidade, simultaneamente, sem ferir os direitos de qual-quer dos litigantes, isto é, sem se dobrar aos caprichos ou insinuações dos poderosos — (*me oportet ante omnia esse justum — convem-me, antes de tudo, ser justo*), é-lhe licito, todavia, temperar a justiça com a equidade, emprestando á equidade o significado que lhe deu Cicero — *vera lex, recta ractio, diffusa in omnes*, e Cogliulo completou: "sentimento popular de uma nova necessidade, ainda não satisfeita pelo direito, ou tambem a justiça de cada caso singular", (*apud*. Emmanuel Sodré).

Varios juizes brasileiros, principalmente os que eram considerados abolicionistas, ape-gavam-se aos ensinamentos da equidade, para libertar do captiveiro algumas centenas de escravos.

O juiz Magnaud, em França, e Raymundo Corrêa e João Marques na capital do nosso Brasil, reagiram contra a doutrina que impunha ao juiz o dever de applicar o texto da lei, sem indagar, comtudo, de varias circumstancias, que deveriam ser, minuciosamente, exami-nadas, antes de ser proferida a sentença condemnatoria; alcançaram grande popularidade as suas decisões, que mereceram francos elogios dos que não ignoram quão difficil é a missão do julgador. A equidade triumphou no direito romano, mas, na modernidade, vemo-la, tambem, victoriosa nas legislações suissa e alleman e nos accordams do Supremo Tribunal Federal, que não censura "a interpretação que bem se ajusta á precisão da linguagem na lei com a realização de um incontestado *desideratum* social". (*Revista de Direito*, vol. 52, pag. 101).

Vencendo os gregos na batalha de Pydna (pequena cidade da Macedonia), que serviu para realçar os merecimentos de Paulo Emilio, os romanos não descancaram as suas armas, enquanto não conseguiram a sua completa submissão, alcançada por Metellus, que derrotou Andriscus, e Mummius, que desbaratou as hostes dos hebreus, commandadas por Diaeus.

As conquistas, empreendidas pelos romanos, logo que se sentiram aparelhados para combater os povos que possuíam um certo adiantamento, concorreram para o esplendor da sua civilização.

Assim, Paulo Emilio, apóz a victoria de Pydna, arrecadou a opulenta collecção de ma-nuscriptos e de varias obras, que pertencia aos reis de Pella, notavel por haver sido o berço de Alexandre Magno; e, desde então, o povo romano, que só sentia entusiasmo pela guerra, começou a consagrar alguns instantes ás letras.

Cicero foi quem mais concorreu para a divulgação, em Roma, da literatura e da philo-sophia gregas, quer vertendo para o latim varias obras de gregos notaveis, quer aconselhando, nas suas eloquentes allocuções, o estudo do grego, quer encorajando o seu particular amigo Pomponius Attieus a abrir uma livraria, onde se encontravam as principaes obras de phi-

(1) A equidade pela jurisprudencia — 1921.

filosofia e literatura gregas. Os romanos foram, paulatinamente, assimilando a cultura hellenica, e os que exerciam cargos publicos importavam de Athenas os melhores livros, que, considerados propriedade do estado romano, eram logo traduzidos para a lingua latina e expostos nos *bibliopulae* (livreiros).

Sylla prestou, tambem, um relevante serviço ás letras romanas, pois, foi elle quem mandou buscar, em Athenas, a riquissima bibliotheca de Apellicon de Teos, o grande philosopho, que commentara varias das obras de Aristoteles e de Theophrasto. Lucullus, que era um cultor apaixonado das letras hellenicis, applicou uma parte da sua grande fortuna na aquisição de excellentes livros, cuja leitura elle franqueava aos estudiosos. E, nos ultimos annos da republica romana, raras eram as familias abastadas que não reservavam nas suas casas, uma sala destinada á leitura. Asimius Polliai, que era um erudito, fundou no *Atrium Libertatis* (no monte Aventino) a primeira bibliotheca publica e protegeu os escriptores do seu tempo. Julio Cesar, cujo nome fulgura, com brilho igual, nas letras latinas e nos annos da historia militar dos romanos, encarregou Terentius Varro, cognominado o *mais sabio dos romanos*, de installar uma bibliotheca publica; entretanto, seus desejos foram contrariados pelos punhaes dos sicarios, que privaram Roma das luzes, da experiencia e do patriotismo de um dos mais completos typos da historia universal. Augusto realizou o plano do seu parente e protector, e mandou abrir duas bibliothecas para a instrucção dos romanos: uma foi construida no *Porticus Octaviae* e a outra, que recebera o nome de *Octavianae*, como uma homenagem á sua irman, funcionava no templo de Appollo Palatino. Tiberio, que apreciava a literatura e que conhecia, tambem, o grego, possuia no seu palacio de Roma uma excellente collecção de livros latinos e gregos. Trajano instituiu a celebre bibliotheca Ulpiana, uma das mais opulentas da antiguidade romana, e Constantino Magno pode guardar, em Constantinopla, uma farta messe de manuscriptos gregos, que foram, mais tarde, estudados e commentados pelos eruditos e aproveitados pelos pioneiros da renascença italiana. Os escravos, quando os romanos começaram a estudar a philosophia e a literatura dos gregos, foram incumbidos de copiar os manuscriptos; tornaram-se assim, conhecidas, em Roma, as obras de Homero, Euripides, Aristophanes, Sophocles, Eschylo, Herodoto, Thucydides, Xenophonte, Socrates, Aristoteles, Panatius, cujos livros Cicero traduziu e annotou; Pericles, Demosthenes, Eschine, de Zenão, o fundador do stoicismo, que, cedo, se propagou entre elles, e de muitos outros vultos notaveis de Athenas.

O stoicismo que desenvolvia no homem o verdadeiro culto pelo dever, tornando-o insensivel ás dores physicas e moraes e aos applausos ou criticas dos seus semelhantes, alcançou, em Roma, uma regular quantidade de adeptos de reconhecido valor moral. O stoicismo estabelecia excellentes regras para serem observadas pelos individuos, taes como aquellas que recommendavam a firmeza de opiniões, a coragem, nos instantes de perigo, a prudencia, nas questões de summa delicadeza, a bondade, que deveria ser dispensada aos que não mereciam as graças da fortuna, e a crença num Ente Superior, que presidia aos destinos do universo.

Zenão, o seu fundador, viu-a professada por Chryseppo, grande orador, cujas obras exerceram uma accentuada influencia em Cicero. Cleantho, fundador do Portico e successor de Zenão no ensino da philosophia, Panatius, notavel pelo estylo eloquente, Possidonius, uma das maiores illustrações da sua epocha e que mereceu, certa vez, a visita de Pompeu, que ficou, deveras, impressionado com a sua sabedoria e a sua resignação, de Athenofo de Tarso, tambem respeitavel pelos seus variados conhecimentos e de muitos outros gregos, que a acceitaram, sem relutancias. Não foram poucos os romanos que abraçaram o stoicismo; e, embora os estudos juridicos despertassem maior enthusiasmo, a philosophia stoica alcançou sectarios da envergadura moral de Paulo Emilio, que derrotou Perseu e incorporou aos dominios romanos a Macedonia e a Liguria; de Catão, que se celebrou pela intransigencia das suas idéas, batalhando pela destruição de Carthago e pela moralidade dos costumes publicos e privados; de Scipião Emiliano, o aniquilador de Carthago na terceira guerra punica, o heroe da batalha de Zania; de Musonius Reifus, director de uma grande escola em Roma, no reinado de Tiberio; mereceu o perdão de Vespasiano; de Cornutus e Persius Flaceus, grandes poetas satyricos, que incorreram na odiosidade de Nero, que os exilou; de Traséas, que se retirou do senado romano, para não emprestar a solidariedade da sua presença á famosa oração, que Seneca pronunciou, para justificar o assassinato de Agripina; de Marco Aurelio, o imperador-philosopho, o administrador justo e honesto, autor de uma collecção de excellentes pensamentos, além de outras personagens de reconhecido merito moral. Cicero, Lucrecio e Seneca foram os grandes propagandistas da philosophia em Roma, de sorte que os juriconsultos aperfeçoaram os seus estudos philosophicos e puderam emitir aquelles magnificos pareceres, que esclareciam assumptos intrincados, firmando a verdadeira doutrina juridica, que deveria ser observada. O grego consagrou-se ao estudo da philosophia, mas, o romano, sem se esquecer dos negocios, preferiu estudar o direito; quando, porém, elle conheceu a utilidade do estudo da philosophia, que lhe permittia raciocinar com precisão,

A equidade era observada no direito romano e logrou grande desenvolvimento, na epocha em que se instituíram os pretores, porque eram elles que estabeleciam, nos ditos que publicavam, as regras juridicas que deveriam ser applicadas aos pleitos a serem julgados; e eis por que Cimbali, acatado jurista italiano, apreciando o papel que representaram os pretores na formação do direito romano, considerou-os — *organo vivo del diritto, instrumenti infatigabile del progresso*. — Mas, como observa, e aliás, mui judiciosamente, o Dr. Emmanuel Sodré, um dos jovens, mas brilhantes cultores das nossas letras juridicas — numa excellente monographia (1), era o *edictum translatitium*, que firmava os dictames da equidade, porque este ultimo é que se constituia das disposições que se iam repetindo com mais insistencia, de anno para anno". Porque o pretor, pelas suas attribuições de character judiciario e legislativo, podia combinar os principios fundamentaes do direito (*honesto vivere, alterum non laedere e suum cuique tribuere*), viver honestamente, não lesar a ninguem e dar a cada um o que lhe pertence), com os principios da equidade caracterizada por Ihering na individualização, isto é, não julgar da mesma fórma aquillo que é realmente desigual, o direito pretoriano era estribado nos ensinamentos da equidade; e foi, incontestavelmente, esse sentimento, de equidade, de que se acha impregnado o *Corpus Juris* dos romanos, que assegurou ao direito romano aquella admiravel consistencia que as revoluções sociaes e politicas não enfraqueceram, tornando-o, na phrase de Leibnitz, um monumento geometrico, construido com o rigor dos principios mathematicos. Porque se lia que "fôra preferivel julgar as questões, com os olhos na equidade e não na justiça", porque "se fazia da equidade a companheira inseparavel do juiz", porque "se obrigava o juiz a observar aos principios da equidade — *aequitas spectanda sit*, em todas as causas, submettidas ao seu juizo", o direito romano resistiu á acção destruidora dos seculos e serviu de modelo das leis de varios povos. E Bossuet, quando declarou que o bom senso, que é o mestre da vida, reinava nos textos romanos, quiz, evidentemente, provar que a equidade era a virtude mais convenhavel aos magistrados e juristas, que deveriam applicar as leis não com a frieza dos seus textos, mas, com aquella bondade recommendada no inimitavel Sermão da Montanha.

O juiz pôde agir, com rectidão e equidade, simultaneamente, sem ferir os direitos de qualquer dos litigantes, isto é, sem se dobrar aos caprichos ou insinuações dos poderosos — (*me oportet ante omnia esse justum — convem-me, antes de tudo, ser justo*), é-lhe licito, todavia, temperar a justiça com a equidade, emprestando á equidade o significado que lhe deu Cícero — *vera lex, recta ractio, diffusa in omnes*, e Cogliuolo completou: "sentimento popular de uma nova necessidade, ainda não satisfeita pelo direito, ou tambem a justiça de cada caso singular", (*apud*. Emmanuel Sodré).

Varios juizes brasileiros, principalmente os que eram considerados abolicionistas, apégavam-se aos ensinamentos da equidade, para libertar do captiveiro algumas centenas de escravos.

O juiz Magnaud, em França, e Raymundo Corrêa e João Marques na capital do nosso Brasil, reagiram contra a doutrina que impunha ao juiz o dever de applicar o texto da lei, sem indagar, comtudo, de varias circumstancias, que deveriam ser, minuciosamente, examinadas, antes de ser proferida a sentença condemnatoria; alcançaram grande popularidade as suas decisões, que mereceram francos elogios dos que não ignoram quão difficil é a missão do julgador. A equidade triumphou no direito romano, mas, na modernidade, vemo-la, tambem, victoriosa nas legislações suissa e alleman e nos accordams do Supremo Tribunal Federal, que não censura "a interpretação que bem se ajusta á precisão da linguagem na lei com a realização de um incontestado *desideratum social*". (*Revista de Direito*, vol. 52, pag. 101).

Vencendo os gregos na batalha de Pydna (pequena cidade da Macedonia), que serviu para realçar os merecimentos de Paulo Emilio, os romanos não descansaram as suas armas, enquanto não conseguiram a sua completa submissão, alcançada por Metellus, que derrotou Andriscus, e Mummius, que desbaratou as hostes dos hebreus, commandadas por Diaeus.

As conquistas, empreendidas pelos romanos, logo que se sentiram aparelhados para combater os povos que possuíam um certo adiantamento, concorreram para o esplendor da sua civilização.

Assim, Paulo Emilio, apóz a victoria de Pydna, arrecadou a opulenta colleção de manuscritos e de varias obras, que pertencia aos reis de Pella, notavel por haver sido o berço de Alexandre Magno; e, desde então, o povo romano, que só sentia enthusiasmo pela guerra, começou a consagrar alguns instantes ás letras.

Cícero foi quem mais concorreu para a divulgação, em Roma, da literatura e da philosophia gregas, quer vertendo para o latim varias obras de gregos notaveis, quer aconselhando, nas suas eloquentes allocuções, o estudo do grego, quer encorajando o seu particular amigo Pomponius Attieus a abrir uma livraria, onde se encontravam as principaes obras de phi-

(1) A equidade pela jurisprudencia — 1921.

osophia e literatura gregas. Os romanos foram, paulatinamente, assimilando a cultura hellenica, e os que exerciam cargos publicos importavam de Athenas os melhores livros, que, considerados propriedade do estado romano, eram logo traduzidos para a lingua latina e expostos nos *bibliopulae* (livreiros).

Sylla prestou, tambem, um relevante serviço ás letras romanas, pois, foi elle quem mandou buscar, em Athenas, a riquissima bibliotheca de Apellicon de Teos, o grande philosopho, que commentara varias das obras de Aristoteles e de Theophrasto. Lucullus, que era um cultor apaixonado das letras hellenicis, applicou uma parte da sua grande fortuna na aquisição de excellentes livros, cuja leitura elle franqueava aos estudiosos. E, nos ultimos annos da republica romana, raras eram as familias abastadas que não reservavam nas suas casas, uma sala destinada á leitura. Asimius Polliai, que era um erudito, fundou no *Atrium Libertatis* (no monte Aventino) a primeira bibliotheca publica e protegeu os escriptores lo seu tempo. Julio Cesar, cujo nome fulgura, com brilho igual, nas letras latinas e nos annos da historia militar dos romanos, encarregou Terentius Varro, cognominado o *mais sábio dos romanos*, de installar uma bibliotheca publica; entretanto, seus desejos foram contrariados pelos punhaes dos sicarios, que privaram Roma das luzes, da experiencia e do patriotismo de um dos mais completos typos da historia universal. Augusto realizou o plano lo seu parente e protector, e mandou abrir duas bibliothecas para a instrucção dos romanos: uma foi construida no *Porticus Octaviae* e a outra, que recebera o nome de *Octaviana*, como uma homenagem á sua irman, funcionava no templo de Appollo Palatino. Tiberio, que apreciava a literatura e que conhecia, tambem, o grego, possuia no seu palacio de Roma uma excellente collecção de livros latinos e gregos. Trajano instituiu a celebre bibliotheca Ulpiana, uma das mais opulentas da antiguidade romana, e Constantino Magno ponde guardar, em Constantinopla, uma farta messe de manuscriptos gregos, que foram, mais tarde, estudados e commentados pelos eruditos e aproveitados pelos pioneiros da renascença italiana. Os escravos, quando os romanos começaram a estudar a philosophia e a literatura dos gregos, foram incumbidos de copiar os manuscriptos: tornaram-se assim, conhecidas, em Roma, as obras de Homero, Euripides, Aristophanes, Sophocles, Eschylo, Herodoto, Thucidides, Xenophonte, Socrates, Aristoteles, Panatius, cujos livros Cicero traduziu e annotou; Pericles, Demosthenes, Eschine, de Zenão, o fundador do stoicismo, que, cedo, se propagou entre elles e de muitos outros vultos notaveis de Athenas.

O stoicismo que desenvolvia no homem o verdadeiro culto pelo dever, tornando-o insensível ás dores physicas e moraes e aos applausos ou criticas dos seus semelhantes, alcançou, em Roma, uma regular quantidade de adeptos de reconhecido valor moral. O stoicismo estabelecia excellentes regras para serem observadas pelos individuos, taes como aquellas que recommendavam a firmeza de opiniões, a coragem, nos instantes de perigo, a pendencia, nas questões de summa delicadeza, a bondade, que deveria ser dispensada aos que não mereciam as graças da fortuna, e a crença num Ente Superior, que presidia aos destinos do universo.

Zenão, o seu fundador, viu-a professada por Chryseppo, grande orador, cuja obra exerceram uma accentuada influencia em Cicero, Cleantho, fundador do Portico e successor de Zenão no ensino da philosophia, Panatius, notavel pelo estylo eloquente, Possidonius, uma das maiores illustrações da sua epocha e que mereceu, certa vez, a visita de Pompei, que ficou, deveras, impressionado com a sua sabedoria e a sua resignação, de Atheno de Tarsó, tambem respeitavel pelos seus variados conhecimentos e de muitos outros gregos, que a acceitaram, sem relutancias. Não foram poucos os romanos que abraçaram o stoicismo; e, embora os estudos juridicos despertassem maior enthusiasmo, a philosophia stoica abençoou sectarios da envergadura moral de Paulo Emilio, que derrotou Perseu e incorporou os domínios romanos a Macedonia e a Liguria; de Catão, que se celebrou pela intransigencia das suas idéas, batalhando pela destruição de Carthago e pela moralidade dos costumes publicos e privados; de Scipião Emiliano, o aniquilador de Carthago na terceira guerra punica, o heroe da batalha de Zania; de Musonius Reifus, director de uma grande escola em Roma, no reinado de Tiberio; mereceu o perdão de Vespasiano; de Cornutus e Persius Flaceus, grandes poetas satyricos, que incorreram na odiosidade de Nero, que os exilou; de Traséas, que se retirou do senado romano, para não emprestar a solidariedade da sua presença á famosa oração, que Seneca pronunciou, para justificar o assassinato de Agripina; de Marco Aurelio, o imperador-philosopho, o administrador justo e honesto, autor de uma collecção de excellentes pensamentos, além de outras personagens de reconhecido merito moral. Cicero, Lucrecio e Seneca foram os grandes propagandistas da philosophia em Roma, de sorte que os jurisconsultos aperfeçoaram os seus estudos philosophicos e puderam smittir aquelles magnificos pareceres, que esclareciam assumptos intrincados, firmando a verdadeira doutrina juridica, que deveria ser observada. O grego consagrou-se ao estudo da philosophia, mas, o romano, sem se esquecer dos negocios, preferiu estudar o direito; quando porém, elle conheceu a utilidade do estudo da philosophia, que lhe permitia raciocinar com precisão,

indagar do sentido das leis e interpreta-las com absoluto criterio, começou a cultiva-la, com carinho, reconhecendo, então, o merito dos philosophos da Grecia.

O estudo da philosophia grega serviu, portanto, para orientar a intelligencia dos romanos, mórmente daquelles que se consagraram aos estudos juridicos, de modo que puderam elles (romanos) comprehender, em toda a sua plenitude, a idéa do bello, do justo e da verdade. Applicando os principios da philosophia ao direito, os romanos estabeleceram a verdadeira concepção da justiça, praticaram a equidade e interpretaram as leis, sem se subordinar ao seu sentido literal, isto é, ao interpretar uma lei buscavam as suas origens, o seu objectivo e a applicação que deveria ter, e não se deixavam, nunca, influenciar pela sua simples redacção.

E foi, ainda, o estudo da philosophia que permittiu ao romano distinguir os preceitos do direito dos principios da moral, estabelecendo-se, assim, a differença entre o dever moral, imposto pela consciencia e o juridico, nascido das leis.

Antes do apparecimento da lei das Doze Taboas, que foi uma consequencia das divergencias entre os patricios e os plebeus, poucos eram em Roma os que estudavam o direito, mesmo porque os romanos não possuíam codigos; entretanto, podem ser enumerados, como sabedores de direito, naquelle primeiro periodo, Papirio e Appio Claudio. Mas, a lei das Doze Taboas ia ser applicada pelos tribunos; portanto, appareceram varias interpretações aos seus dispositivos, que passaram a ser commentados pelos estudiosos de direito, que se chamavam Tiberio Coruncanio, Sexto Aelio Poeto, cujos pareceres eram modelo de sabedoria juridica, enunciados numa linguagem elegante e sabia, Mucius Scœvola, antigo pretor da Sardenha, considerado o mais erudito jurisconsulto do seu tempo, Junnio Brutus e Marco Tullio Cicero, cognominado o principe da eloquencia romana, autor de notaveis trabalhos de direito e de philosophia.

Os jurisconsultos desempenharam, em Roma, um papel de summa importancia, porque, eram, constantemente, chamados pelos imperadores para emittir opinião sobre varios assumptos; sua influencia era assás consideravel, quer em materia de legislação, quer em varias questões de administração. O imperador Adriano estabeleceu uma escola de direito, que se chamou *Athenœum*, publicou o *Edito perpetuo*, que era uma collecção das melhores leis do seu tempo; e datam do seu reinado algumas leis excellentes, merecendo ser mencionadas: a que negava ao senhor o direito de matar o escravo, a que abolia os sacrificios humanos, e a que mandava reservar a duodecima parte da fortuna paterna aos filhos proscritos. Neracio Prisco, Juvencio Celso, Salvio Juliano distinguiram-se, como grandes conhecedores das letras juridicas, no reinado de Adriano.

Papiniano, procurador fiscal no tempo de Marco-Aurelio, que preferiu morrer a defender o assassinato de Geta, commettido pelo imperador Caracalla, foi o maior jurisconsulto da antiguidade; compoz um grande numero de obras notaveis, que, ainda hoje, são citadas; Gaio, que escreveu as *Institutas*, que contribuíram para o brilho do codigo de Justiniano; Paulo, rival de Papiniano, autor de trabalhos juridicos de reconhecido valor, Ulpiano, prefeito do pretorio nos tempos de Heliogabalo e de Alexandre Severo, de quem foi amigo intimo, deixou varios trabalhos juridicos, que sempre mereceram grandes louvores; Modestino, discípulo de Ulpiano, que o elevou a varios cargos no reinado de Alexandre Severo e Maximino, escreveu notaveis pareceres e dissertações juridicas, que Jacques Lect publicou no seculo XVIII; foram tão notaveis, que uma constituição, assignada por Constantino Magno, determinou que os seus escriptos teriam força de lei. Theodosio II publicou uma celebre constituição, na qual eram traçadas normas aos juizes, os quaes, em caso de duvida, deveriam invocar a opinião de qualquer daquelles cinco jurisconsultos, preferindo, porém, a de Papiniano, si não houvesse plena concordancia entre elles. Não resta a menor duvida que o direito romano logrou um grande desenvolvimento no Occidente; e a figura do imperador Justiniano, que encarregou Triboniano de codificar o direito romano, não pôde ser esquecida, pois, elle foi um dos que mais concorreram para que o direito romano se vulgarizasse no mundo civilizado. O *codex*, codigo, o *digesto*, ou *pandectas*, as *institutas*, e as *novellas* formam os trabalhos juridicos, que Triboniano, para attender ás instrucções do imperador Justiniano, compilou, auxiliado por Theophilo e Dorotheu, dous grandes mestres do direito.

No seculo XII o direito romano teve grandes cultores, principalmente em Bolonha, onde viveram Accurcio, alcunhado pelos seus coevos de *idolo dos jurisconsultos*, autor da *Grande Glosa* (uma grande cómpilação de decisões e leis romanas, acompanhadas de eruditos commentarios), Barthulo, *corypheu dos interpretes do direito*, no conceito do jurisconsulto francez Dumoulin, tambem notavel pelas suas annotações aos textos do direito romano; e em Pisa, em cuja universidade de direito as *Pandectas* foram interpretadas e commentadas por Barthulo de Sassaferrato e Baldo de Perusa, que leccionou, tambem em varias universidades e em Pavia e Perusa. João das Regras, discípulo de Barthulo, foi quem introduziu o direito romano em Portugal; pois, gozando da amizade de D. João I, que era um dos apreciadores da sua competencia, mereceu d'elle a incumbencia de compilar as *leis geraes*, que haviam

revogado os *foraes*. E o direito romano, bém como as glosas de Accurcio e as opiniões de Barthulo eram consideradas as fontes accessorias da legislação luzitana; mas, a 18 de Agosto (razão) (18 de Agosto de 1769), da autoria de Paschoal José de Mello Freire, o grande alabrador do Marquez de Pombal na reforma das leis portuguezas, aboliu aquelles privilegios e determinou que o direito romano "servisse de subsidio nos casos omissos, não por utilidade propria, mas por serem muitas das suas disposições fundadas na boa razão e consistentes ou nos principios primitivos, que contém verdades essenciaes, intrinsecas ou inherentes".

O direito romano influiu, consideravelmente, na formação do direito brasileiro, na parte referente ao direito de familia, quer na parte attinente a varios outros ramos do direito privado; hoje, porém, o direito civil brasileiro é regulado pelos dispositivos do código civil, promulgado em 1.º de Janeiro de 1916, durante a presidencia do Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, que ponde realizar o grande anhelos dos brasileiros, manifestado desde a nossa emancipação politica. Varias foram as modificações, nos costumes romanos, feitas pelas conquistas, podendo ser assignaladas, portanto, as seguintes:

- a) gosto pela litteratura e pela philosophia, como ficou acima demonstrado;
- b) apparecimento dos livreiros e editores, que foram auferindo grandes lucros com aquelle ramo do commercio e concorrendo, tambem, para tornar conhecidos escriptores romanos de valor;
- c) recitações publicas e leituras para o povo, que foram uma especie de formação do theatro romano, que attingiu, com o correr dos tempos, a um grande desenvolvimento;
- d) o prazer do theatro — e parece que foi Pompeu, quem mandou construir o primeiro theatro em Roma, quando regressou, victorioso, da guerra contra o rei do Ponto; e tornou-se, durante o imperio, um centro em que se glorificava o vicio;
- e) as bellas-artes e a construcção de galerias ao redor das residencias dos aristocratas, nas quaes se encontravam bellissimas telas e magnificos objectos de arte, adquiridos na sua maioria, em Athenas, pois, em seguida ás victorias alcançadas pelos romanos contra os cartaginezes, a civilisação hellenica foi absorvida pelos romanos, influido nos seus costumes, hábitos e aperfeiçoando seus sentimentos de esthetica, Gregos eram os architectos que embelezaram Roma, e a arte grega, que substituiu, em Roma, a eterna, ergueu o theatro de Pompeu, a basilica de Paulo Emilio, o monumento de Cecilia Metella (esposa de Cicerão) e a basilica Julia; mas, foi, durante o imperio, que a architectura, considerada por Cicerão a sciencia de summa importancia, teve o seu maximo desenvolvimento. Celer e Severo construíram o famoso palacio dourado de Nero; Ralvio traçou e executou o palacio de Nomiciano, no monte Palatino; Apollodoro de Damas ligou o seu nome a varios monumentos concluidos no reinado de Trajano (ponte no Danubio, a columna de Trajano), Detrius, protegido de Adriano, destacou-se, tambem, pelo seu temperamento artistico, de que foram a origem o tumulo de Adriano e a ponte Aelius. Augusto, que dispensou aos poetas uma particular estima, não se descurou da architectura, e, no seu reinado, foram erguidos o templo de Apollo Palatino, o theatro de Marcello e o Portico Octavio. Gorgaso, Damophilos, Metrodo, e, numa magnifica tela, desenhou a victoria de Paulo Emilio, foram os mestres de pintura dos romanos, formando discipulos do valor de Ludio, o grande paysagista do reinado de Augusto e de Dorotheu, que copiou, por determinação de Nero, a celebre Venus de Apes.

Apollonio, que viveu no tempo de Scylla, Cleomenes e Archeláo de Puene, contemporaneos de Vespasiano, destacaram-se como grandes esculptores; entretanto, não formaram discipulos que os igualassem.

Foram, ainda, os gregos que divulgaram, em Roma, as doutrinas de Hippocrates; porém, sómente no reinado de Tiberio a medicina encontrou alguns cultores, que aprezearam a medicina grega, através das lições da escola de Alexandria.

Claudio Galeno, o medico de confiança de Marco Aurelio e Commodo, depois de uma longa permanencia em Pergamo, cuja bibliotheca publica possuia cerca de 200.000 volumes, foi quem ensinou a medicina aos romanos, revivendo as doutrinas de Hippocrates publicando livros que abrangiam os conhecimentos de medicina daquela epocha. Coelius Acreliano (IV seculo) e Orihase (V seculo) commentaram as opiniões de Galeno; Alaxandre de Tralles, coevo do imperador Justiniano, e notavel pelos seus variados conhecimentos, reuniu, numa obra de dezeseis volumes, todas as doutrinas medicas, que, então, prevaleciam. Os arabes, depois da queda do imperio romano, deram uma nova orientação aos estudos de medicina, guiando-se pelas *Pandectas de Medicina* de Aarão, medico e philosopho que esculia em Alexandria. Vê-se, portanto, por essa ligeira resenha, quão importante foi, para os romanos, a civilisação hellenica, a qual, salva dos golpes dos barbaros por Themistocles Alciades, em memoraveis jornadas, contribuiu para o esplendor da civilisação romana, desenvolvendo, entre os romanos, o culto pelas bellas-artes, pelas letras e estabelecendo as bases (a philosophia grega) para o direito romano.

Vencedores, em prelios memoraveis, que lhes asseguraram o dominio no Mediterraneo, a posse das Gallias e do Egypto, os romanos, que haviam fundado varias colonias, de se

falava o latim e se observavam os seus costumes e as suas leis, conseguiram que a sua lingua e o seu direito lograssem um extraordinario desenvolvimento. O latim passou a ser falado nas cidades conquistadas pelos romanos; e, mesmo depois do desaparecimento do imperio romano, era o latim a lingua em que se exprimiam varios povos. Carlos Magno determinou que as decises dos tribunaes do seu reino fossem escriptas em latim; e Carlos VIII prohibiu que as defesas, perante os tribunaes, se escrevessem em francez. Luiz XI imitou o gesto dos seus antecessores e Francisco I ordenou que todos os actos dos tabelliães fossem lavrados em latim; portanto, o ensino do latim tornou-se obrigatorio, na França, e concorreu para a divulgacão dos grandes poetas e escriptores, que haviam opulentado Roma com as suas excellentes producções litterarias e historicas. A renascença não hostilizou o latim; e todos aquelles que se destacaram, na memoravel quadra da renascença, falavam e escreviam, com elegancia, a lingua de Cicero, Hortensio, Cesar, Tito Livio, Virgilio, Horacio, Marcial, Ovidio, Tacito, Sallustio, Seneca, Suetonio, cujas obras lhes eram familiares. Leão X, o grande Papa, publicou uma notavel encyclica, na qual recommendava a todos o estudo da lingua latina. E, na Allemanha, na Hollanda, na Inglaterra, na França, o latim era a lingua escolhida pelos mestres das universidades de direito e de medicina para a publicacão das suas obras.

Na Hespanha, tambem, durante alguns seculos, a lingua latina era a unica em que se exprimiam os seus numerosos habitantes, embora varias das suas provincias, como a Biscaya, a Catalunha, o Aragão e a Galliza possuissem um dialecto proprio, mixto de palavras arabes, celtas e phenicias.

Portugal, logo que poudo emancipar-se da Galliza, que era, no entretanto, um centro de certo adiantamento, cuidou de constituir um idioma, em cuja formacão collocaram o latim, como *magna pars*, o gallepiano, que os poetas empregavam, como se depreende das *Cantigas* de Affonso Sabio, e o francez, que era falado pelo conde Dom Henrique de Borgonha, marido de D. Theresa, e pelos fidalgos e guerreiros que o acompanharam. Dom Bernardo, Dom Mauricio, Dom Hugo e São Geraldo, que foram os primeiros bispos das dioceses creadas, em Portugal, eram de origem franceza; e generalizou-se, outrosim, o costume de enviar os rapazes para as universidades da França. Foi um francez, Emeric d'Ebrard, quem se encarregou da instrucção do rei Dom Diniz, o fundador da universidade de Lisboa, transferida depois para Coimbra.

O latim alcançou, em Portugal, um grande acolhimento; foi estudado, com verdadeiro carinho, e concorreu para enriquecer a lingua portugueza, libertando-a de varias palavras e expressões deselegantes, opulentando-a com vocabulos sonoros.

O latim passou, tambem, a ser a lingua official dos tribunaes de qualquer instancia, de sorte que os advogados e juizes deveriam ser versados naquelle idioma, em que Cicero arrebatou aos seus compatriotas e Cesar narrou a conquista das Gallias. Mas, parece-me a mim, modesto cultor da historia, que duas foram as principaes causas, que transformaram o "latim em vehiculo da romanizacão dos povos conquistados":

a) o direito romano, cujos textos foram, pela sua admiravel singeleza e inexcedivel sentatez, modelo dos codigos das nações, que se organizaram, empós a derrocada do imperio romano no V seculo da idade christan. Roma não poudo conservar, pelas armas, as provincias que havia subjugado e annexado ao seu dominio; mas, legou ao mundo o seu direito, cuja importancia e no conceito de Rudolf von Hering *não consiste, sómente, em ter sido por um momento a fonte ou origem do direito; esse valor foi passageiro, residindo, porém, a sua autoridade na profunda revolução interna, na transformacão completa que ha feito experimentar todo nosso pensamento juridico e em haver chegado a ser, como o Christianismo, um elemento de civilizacão moderna* (apud Abelardo Lobo). O direito romano, portanto, não só cooperou para propagar o ensino do latim, senão tambem para despertar nos povos, que se constituiram em nações independentes, quando o imperio romano desaparecia pela imprevidencia e pusillaminidade dos seus imperadores, o sentimento juridico, que não favorece o predomínio da violencia;

b) o prestigio que lhe emprestou o Christianismo — a mais sublime das philosophias — notadamente no periodo medieval em que a sciencia era uma especie de privilegio dos monges. O direito canonico, que era, em certas questões, preferido ao direito civil, prevaleceu, naquelle periodo em que o Papa era tido como o arbitro supremo e mediador dos povos, resultando, ainda, dessa primazia a necessidade do conhecimento do latim para perfeita applicação dos seus dispositivos. Tambem a Companhia de Jesus, que prestou ao nosso querido paiz os mais assignalados serviços, cooperou para a vulgarizacão dos estudos de latim, uma vez que os seus membros eram escolhidos dentre os mais eruditos sacerdotes. No Brasil o estudo do latim foi, sempre, exigido para a matricula nas faculdades de direito e de medicina; e quem possui uma pequena cultura, verifica, desde logo, que o estudo do latim, como elemento de illustracão da intelligencia e guia seguro no conhecimento da lingua portugueza, não pôde ser dispensado aos preparatorianos, que se destinarem a qualquer profissão. Insis-

tindo sobre a necessidade do latim, não posso furtar-me ao dever de render publicas homenagens ao Dr. Fortunato da Fonseca Duarte, meu mestre de latim, meu examinador daquella disciplina e meu amigo, pelos seus grandes serviços prestados ao magisterio secundario desta cidade, do qual foi um dos seus grandes luzeiros. O latim é, portanto, uma disciplina indispensavel para aquelles que precisam de conhecer a lingua portugueza — dever indeclinavel dos que nasceram nas bellas e fecundas plagas brasileiras, cujo vocabulario é derivado, na sua grande maioria, da lingua latina.



CHIMICA ORGANICA

Correggio de Castro

Docente da E. Normal



(PONTO 38)

Cellulose: procedencia, acção dos acidos sulfurico e azotico (algodão polvora, collodio e celluloides)

A cellulose é um hydrato de carbono que constitue a quasi totalidade da membrana da cellula vegetal. As fibras de algodão e a medula do sabugueiro são cellulose quasi pura. O papel é constituido por cellulose com substancias corantes e collantes.

O acido sulfurico concentrado transforma a cellulose em amido; mas si o papel fôr mergulhado, menos de um minuto, em acido sulfurico concentrado e si em seguida fôr lavado em agua, adquirirá o aspecto de pergaminho: é o pergaminho vegetal ou papel pergaminho.

O acido azotico diluido tem á quente a mesma acção que sobre o amido, isto é, dá acido oxalico; mas concentrado, ou, o que é melhor, misturado com acido sulfurico dá compostos nitricos chamados nitrocelluloses, aos quaes pertence o algodão-polvora.

Para se preparar algodão-polvora, mergulha-se algodão em mistura fria de um volume de acido sulfurico com tres volumes de acido azotico, ambos concentrados. Depois de uns quinze minutos retira-se o algodão, lava-se em bastante agua e deixa-se secar. O algodão conserva o mesmo aspecto, mas se torna aspero e extraordinariamente inflammavel. O algodão-polvora se inflamma sem deixar residuo: portanto os productos da combustão são todos gazosos, e dahi o seu grande poder explosivo. O algodão-polvora constitue uma das polvoras sem fumaça com que se carregam os torpedos e outros instrumentos bellicos.

A nitrocellulose preparada com o acido azotico e sulfurico em volumes eguaes, é (ao contrario do algodão-polvora commum) soluvel na mistura de alcool e ether, dando a substancia viscosa chamada *collodio*. O *collodio* se consome em grande quantidade no fabrico de seda artificial, e é tambem empregado em pequena cirurgia e nas pelli-culas photographicas.

A *celluloide* que se presta a mil fins (brinquedos, como bonecas; castão de bengala ou guarda-chuva; tampas de potes de pomada; pentes; leques; bolas de bilhar, em substituição ao marfim, olhos, etc.), é fabricada com uma mistura de nitrocellulose e camphora, embebida em alcool commum e comprimida, á temperatura de 50°.

FABRICAÇÃO DE PAPEL. O papel, que é cellulose quasi pura, se fabrica de trapos de panno vegetal, de outros papeis velhos, e directamente da madeira.

A madeira é constituida por cellulose com substancias mineraes incrustantes ou corantes: por isso a madeira branca contem mais cellulose que a madeira colorida.

Quer proceda da madeira, quer de trapos, o papel se prepara do mesmo modo, mas somente os trapos dão o papel superior, chamado de linho.

Eis a marcha da preparação.

A madeira depois de picada é reduzida a farelo em mós de pedra. O farelo (ou trapos) é fervido com soda caustica, para se descorar. A massa resultante é, em geral descorada uma segunda vez por chloro. A massa descorada é submettida á *collagem*. isto é, adiciona-se-lhe dextrina ou colophana para tornal-o impermeavel (do contrario tem-se pa el filtro) e tambem as substancias corantes que se quizerem. A *collagem* se faz com dissolução da massa em excesso de agua. Nessa massa ultima, muito diluida mergulha-se uma peneira rectangular de malhas metallicas muito estreitas: tirando-se a peneira a agua escorre e deixa uma camada fina de cellulose.

Virando-se então a peneira sobre feltro, cae sobre este a camada de cellulose. Depositando-se sobre esta camada algumas outras, para se ter a espessura desejada; comprimindo-a depois na prensa, tem-se a folha de papel, que se põe a seccar. Esta folha de papel pode ser mergulhada em soluto de colla-forte com pedra-hume para soffrer a collagem superficial que lhe dá o brilho. Nos papeis de embrulho esta collagem é feita por machinismo, e geralmente de um lado só.

Na industria estas operações se fazem de modo mais perfeito e economico por mecanismos de complexidade variavel, ou mesmo á mão para os papeis mais finos.

A mão do homem não é a mais economica, mas é a mais perfeita de todas as machinas.

ERRATA — Em o artigo anterior sahiam erros typographicos que se devem corrigir assim: — O hydrocarboneto que se encontra no cautchú é C, H₂; a cãmphora é solúvel no alcohol; a arabina, que se encontra na gomma arábica, tem fórmula análoga á do polvilho.



◉ LEXIOGENIA E GRAPHIA DOS VERBOS ◉

Francisco A. Dias de Abreu

Docente de Portuguez

Os verbos da lingua portugueza derivaram-se uns directamente do latim, outros formaram-se no seio da propria lingua. E o portuguez foi, dentre as linguas romanicas, aquella cuja conjugação mais se approximou da latina.

O infinito impessoal da 1ª conjugação originou-se do infinito em *are*, com a queda da vogal final, como: *amare*, amar; *laudare*, louvar.

O da 2ª derivou-se dos seus correspondentes latinos da 2ª conjugação em *ére* (longo) e da terceira em *ere* (breve), exs: *debére*, dever; *fácere*, fazer.

O da terceira formou-se por sua vez do infinito dos verbos da terceira em *ere* (breve) e da quarta em *ire* como: *conducere*, conduzir; *audire*, ouvir.

O da quarta conjugação teve por origem o infinito da segunda em *ere* (longo), exs.: *ponére*, pôr, que apresenta as formas antiquadas *poner* e *poder*, que apenas representam o periodo de transição, porque passou o idioma em sua evolução.

Este verbo é ainda considerado por alguns autores como um verbo irregular da segunda conjugação.

Cumpra observar que os verbos da 3ª conjugação latina foram impellidos para a 2ª, por ser mais geral e regular. Vemos tambem no latim medieval os verbos da terceira passarem para a segunda e a quarta, exs.: *fácere* e *dicere*, transformados em *facére* e *dicére* (ere longo) e *conducere* e *adducere* (ere breve) que deram *conducire* e *adducire*, donde provieram as formas, fazer, dizer, conduzir e adduzir.

Estes verbos são os que mais se acostaram ao latim, pois podemos consideral-os como derivados de primeira ordem.

Devemos considerar de segunda ordem, todos os que se formaram no seio da propria lingua, isto é, de substantivos e adjectivos com a desinencia *ar* ou com o suffixo grego *izar*, correspondente ao latim da decadencia *issare*.

Estes verbos se distinguem dos de primeira ordem não só pelo seu thema, de cumlo propriamente vernaculo, como tambem pelo seu suffixo de formação grega, como sejam: suavizar, rivalizar, pormenorizar, fiscalizar, realizar, nacionalizar, fertilizar, etc., nos quaes distinguimos perfeitamente o thema e o seu respectivo suffixos suav-izar, fiscal-izar, fertil-izar, etc.

Teuho, entretanto, observado em obras scientificas, litterarias e em escriptores de nota a confusão que lavra na graphia destes verbos, que são escriptos com *s*, como se tivessem o suffixo *isar*, que não existe, valorisar, solemnisar, hostilisar, etc.

Ao mesmo tempo, tenho visto alguns verbos terminados em *ar*, graphados com *s*, como: balisar, irisar, frisar, precisar e alguns outros, formados por prefixação: abalisar, deslisar, assisar, deslisar, desavisar, etc.

A figurativa de todos estes ultimos é um *s*, que por estar precedido de *m* si se confunde com *iz* do suffixo *izar*, fazendo suppor a qualquer pessoa que haja em todos elles o suffixo *izar*, o que não é verdade; pois o *s* faz parte integrante do substantivo ou adjectivo, que constitue o thema verbal, como balis-ar, iris-ar, fris-ar, etc.

Ha alguns verbos, como: analysar, dialysar e paralyzar, que tambem podem produzir semelhante equivoco.

Finalmente, si tomarmos em consideração o que acima ficou esclarecido, tanto em relação aos verbos terminados em *izar*, quanto aos terminados em *ar*, deixaremos de errar todas as vezes que prestarmos attenção ao seu thema respectivo.



GEOMETRIA

(PONTO XV)

Ferreira de Azeu
Docente da E. Normal

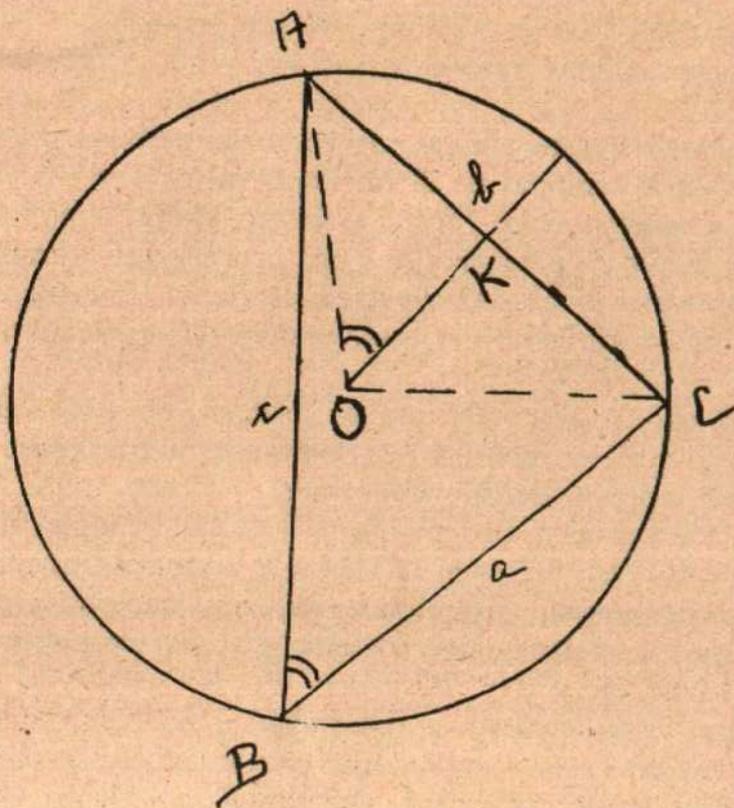
Princípio da proporcionalidade dos lados de um triangulo aos senos dos angulos oppostos, pela inscripção d'um triangulo em um circulo e tendo em vista a definição do seno de um arco.

Applicação do principio anterior ao caso dos triangulos rectangulos.

Consequencias da applicação da proporcionalidade dos lados d'um triangulo aos senos dos angulos oppostos, ao caso dos triangulos rectangulos.

Em todo triangulo, os lados são proporcionacs aos senos dos angulos oppostos

Seja o triangulo ABC, inscripto no circulo O.



Ja sabemos que

$$\text{sen } B = \frac{b}{2r}$$

$$\text{sen } C = \frac{c}{2r}$$

$$\text{sen } A = \frac{a}{2r}$$

donde

$$2r \frac{b}{\text{sen } B} = 2r$$

$$\frac{c}{\text{sen } C} = 2r$$

$$\frac{a}{\text{sen } A} = 2r$$

logo

$$\frac{a}{\text{sen } A} = \frac{b}{\text{sen } B} = \frac{c}{\text{sen } C}$$

O triangulo sendo rectangulo: por exemplo, em A, temos:

$$\begin{aligned} A &= 90 \text{ gr\aa os} \\ \text{sen } A &= 1 \end{aligned}$$

logo

$$\frac{a}{1} = \frac{b}{\text{sen } B} = \frac{c}{\text{sen } C}$$

donde

$$\begin{aligned} b &= a \text{ sen } B \\ c &= a \text{ sen } C \end{aligned} \quad (1)$$

Mas, notando que
 $\text{sen } B = \text{cos } C$
 $\text{sen } C = \text{cos } B$

(pois os angulos B e C s\aa o complementares) temos:

$$\begin{aligned} b &= a \text{ cos } C \\ c &= a \text{ cos } B \end{aligned} \quad (2)$$

Podemos escrever os grupos (1) e (2) do modo seguinte:

$$\text{sen } B = \frac{b}{a}$$

$$\text{sen } C = \frac{c}{a}$$

$$\text{cos } B = \frac{c}{a}$$

$$\text{cos } C = \frac{b}{a}$$

Logo, n'um triangulo rectangulo, o seno d'um dos angulos agudos \u00e9 igual ao quociente do catheto opposto pela hypotenusa.

O coseno \u00e9 o quociente do catheto adjacente pela hypotenusa.

*Uma assignatura d' "A Escola Normal" custa 20\$000
 :: :: Vale por 20 livros :: ::*

RESOLUÇÃO DE UM SYSTEMA DETERMINADO DO 1.º GRÁO POR UM METHODO ORIGINAL

Raul d'Avila Goulart
Docente de Algebra

THEOREMAS AUXILIARES

1º) Si dois polynomios inteiros e racionaes em X do gráo (p) se annullarem para (p + 1) valores de X differentes, esses polynomios são identicos, isto é, os coeficientes das mesmas potencias de X são eguaes.

Sejam:

$$F(X) = Ax^p + Bx^{p-1} + Cx^{p-2} + \dots + Gx + H$$

$$f(x) = ax^p + bx^{p-1} + cx^{p-2} + gx + h$$

Fazendo-se a differença do primeiro polynomio para o segundo teremos:

$$F(x) - f(x) = (A - a)x^p + (B - b)x^{p-1} + (C - c)x^{p-2} + \dots + H - h.$$

O polynomio differença se annullando para mais valores que as unidades do seu gráo é chamado **identicamente nullo**, isto é, seus coeficientes são **todos nullos**:

$$A - a = 0 \quad B - b = 0 \quad C - c = 0 \quad \dots \quad G - g = 0 \quad H - h = 0$$

$$A = a \quad B = b \quad C = c \quad G = g \quad H = h.$$

c. q. d.

2º theorema:

Si dois polynomios inteiros e racionaes em x de gráo (p) se annullarem para (p) valores de x differentes, seus coeficientes serão proporcionaes.

Sejam:

$$F(x) = Ax^p + Bx^{p-1} + bx^{p-2} + \dots + Gx + H$$

$$f(x) = ax^p + bx^{p-1} + cx^{p-2} + \dots + gx + h.$$

Eliminando-se nesses polynomios (x^p), pela **reducção ao mesmo coeficiente**, teremos:

$$\begin{array}{l} F(x) \text{ a } \{ Aax^p + Bax^{p-1} + bax^{p-2} + \dots + Gax + Ha \\ f(x) \text{ A } \{ Aax^p - Abx^{p-1} - Acx^{p-2} - \dots - Agx - Ah \end{array}$$

$$(Ba - Ab)x^{p-1} + (Ca - Ac)x^{p-2} + (Ga - Ag)x + (Ha - Ah)$$

O polynomio anterior sendo do gráo (p - 1) e se annullando para (p) valores de x differentes, é **identicamente nullo**.

$$Ba - Ab = 0 \quad Ca - Ac = 0 \quad \dots \quad Ga - Ag = 0 \quad Hc - hb = 0$$

$$\frac{A}{a} = \frac{B}{b} = \frac{C}{c} = \frac{G}{g} = \frac{H}{h}$$

APPLICAÇÃO

Seja o systema:

$$\begin{array}{l} (\varphi 1) \{ 5x + 3y - 19 = 0 \\ (\varphi 2) \{ 7x + 2y - 20 = 0 \end{array}$$

Multiplicando-se cada equação por um elemento indeterminado, tem-se:

$$(q1) \quad m \quad | \quad 5mx + 3my - 19m = 0$$

$$(q2) \quad p \quad | \quad 7px + 2py - 20p = 0$$

Igualando as equações do sistema anterior temos:

$$5mx + 3my - 19m = 7px + 2py - 20p.$$

Os polynomios anteriores sendo do mesmo gráo em x, e devendo-se anullar para os mesmos valores de x, são identicos, isto é os coeficientes das mesmas potencias de x são eguaes.

$$1^a \quad 5m = 7p.$$

$$2^a \quad 3my = 19m = 2py - 20y$$

Determinando-se m na 1^a e substituindo-se na 2^a, tem-se:

$$1^a \quad m = \frac{7p}{5}$$

$$2^a \quad 3y \left(\frac{7p}{5}\right) - 19 \left(\frac{7p}{5}\right) = 2py - 20y$$

Equação que nos poderia conduzir, facilmente, á determinação dos valores de x e y.

LIVROS

editam-se pelo minimo do custo, na

EMPRESA BRASIL EDITORA - CASTRO MENDONÇA & Cia.
RUA SENADOR DANTAS, 105

e vendem-se, um pouco mais caro, na

LIVRARIA SCIENTIFICA BRASILEIRA - SUSEKIND DE MENDONÇA & Cia.
RUA DE S. JOSÉ, 114

PARNASO INFANTIL

ALGUEM

Para alguém sou o lyrio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
E si na terra existe, é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado,
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancolico, triste e fatigado,
Esse alguém abre as asas no meu leito,
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim, além dos mares! Esse alguém
E' de meus dias a esplendente aurora,
E's tu, doce velhinha, ó minha mãe!

Gonçalves Crespo

VELHA ANEDOCTA

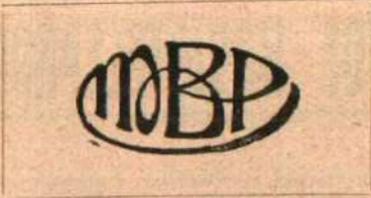
Tertuliano, frivolo peralta
Que foi um paspalhão desde fedelho,
Typo incapaz de ouvir um bom conselho,
Typo que, morto, não faria falta;

Lá um dia deixou de andar á malta,
E, indo á casa do pae, honrado velho,
A sós na sala, deante de um espelho,
A propria imagem disse em voz bem alta:

— "Tertuliano, és um rapaz formoso!
E's sympathico, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo te será preciso?"

Penetrando na sala, o pae sisudo,
Que por traz da cortina ouvira tudo,
Severamente respondeu — "Juizo."

Arthur Azevedo



Sulfeto de mercurio colloidal

Injecções intra-musculares

Indolor, sem analgesico, inalteravel e não produz
nodulos.

Preparado no Laboratorio dos Drs. David Madeira, Nelson Barbosa e Oswino Penna

RUA DA QUITANDA, 3
3º andar

Telephones **CENTRAL 402**
2901
— Enx. Tele "DAVIMADEIRA" —

RIO DE JANEIRO

A' venda nas casas de Cirurgia e nas principaes Drogarias.

O eminente Professor Dr. Barboza Vianna, da Faculdade de Medicina, assim se manifesta :

Attesto que emprego correntemente, na minha clinica, o preparado Phospho-Calcinodada, dando-lhe sempre preferencia sobre os seus similares, nacionaes e estrangeiros, pelo resultado observado com a sua prescripção.

Rio, 1º de Setembro de 1924

(a) Dr. Barboza Vianna

Esse grande tonico que tem se imposto á classe medica pela sua bella confecção, seu sabor agradavel e pelos seus evidentes effeitos therapeuticos é encontrado em todas as pharmacias e drogarias.

Melle. Dorziat e o Synorol

Telegrammas de Paris annunciam que a grande artista franceza, que todo o Rio elegante applaudio e admirou no Theatro Municipal, não só pelo seu talento como apurada elegancia e gosto em vestir-se, accitou a direcção artistica de uma casa de modas em Paris, na qual dictará o bom gosto ao mundo inteiro. O que porem, pouca gente sabe é que Melle. Dorziat tem um apaixonado cuidado com os seus dentes, que ella considera a sua maior riqueza, não os trocando pelo mais valioso collar de perolas, declarando que conseguiu conserval-os sempre perfeitos e lindos usando pela manhã e a noite a pasta dentifricia Synorol e depois das refeições o elixir Synorol para ter a bocca sempre perfumada, fazendo a seguinte declaração em precioso autographo:

«Le dentifrice "Synorol" est parfait pour les soins de la bouche.»

(ass.) Gabrielle Dorziat.

1923



"MIROVISTA"

Esplendida e muito breve
sahirá da nossa Alfandega



AV. RIO BRANCO, 102

Edificio d' "A CAPITAL" — 3.º andar - sala 3

ESQUINA DE OUVIDOR

Phone 6464

Rio de Janeiro

CURSO DE RADIOTELEPHONIA

Acha-se funcionando este curso,
que se destina a fornecer todos
os conhecimentos de ordem theo-
rica e pratica sobre a radio
:: :: :: telephonia :: :: ::

Este curso que se realiza sob a orien-
tação do engenheiro Silva Lima espe-
cialista no assumpto, dispõe de todo
o material para as aulas praticas, rece-
:: bendo e realizando irradiações. ::

Aulas diarias, sendo de trez
mezes a duração de cada curso

Rua do Rosario, 173-1. e 2.º andares

Director Geral
PROPRIETARIO

Dr. Aramis de Mattos

TUDO DE GRAÇA

Casa propria, automovel,
mobilia, piano e enxoval
etc., basta comprar um
bilhete da
:: SORTE GRANDE ::
na feliz

CASA ODEON

AVENIDA RIO BRANCO, N.º 137

(Junto ao Cinema Odeon)

RIO DE JANEIRO



CHEGOU O MOMENTO...

Lindas casemiras
para as senhoritas
normalistas e distinctos
professores.

PREÇOS BARATISSIMOS

Rua General Gomes Carneiro, 8

(perto da Rua Marechal Floriano Peixoto)

RIO DE JANEIRO

☞ A PRIMAVERA ☞

(Conferencia realisada no Curso Angela Vargas)

Luiz Carlos

Fôra-me desnecessaria a advertencia do Calendario, para que eu verificasse, hoje, o advento da Primavera. Bastar-me-ia, para isso estar aqui presente a flôr da Sociedade.

Já eu sentia no ar a caricia fluctuante da formosa estação, que volve, hoje, do outro hemispherio para nós, o seu sorriso luminoso e nos perfuma a existencia com os primeiros effluvios do seu halito de rosas.

Demais, uma festa de arte tem sempre a frescura da graça primaveril, porque a Arte é a primavera do espirito; e é de notar que a presente festa se realiza no recinto hellenico do Curso ANGELA VARGAS, que é uma escola de Primavera.

As flôres, aqui, estão no seu elemento.

A Primavera, aqui, dispensa o Calendario: não é uma contingencia, é immanencia.

E, quando lhe faltassem as flôres, floresceria pelo sonho.

Os sonhos e as flôres se correspondem na Terra, como, no Céu, os anjos e as estrellas.

A idade do sonho é uma noite; a idade da flôr é um dia.

Si a flôr evapora o perfume, o sonho exhala a poesia. Si a flôr vem da raiz e rebenta, no alto, da extremidade do hastil, o sonho nasce do coração, que é tambem uma raiz — a mais profunda que existe — e vem desabrochar em nossa frente.

Aqui ha flôres sinceras, ha flôres transfiguradas em creanças, ha flôres disfarçadas em mulheres. E sonhos? Si os vissemos... Que de azas intangiveis esvoaçam neste ambiente!

Que harmonia secreta espiritualiza, aqui, o silencio!

Estamos entre sonhos e flôres, em colloquio com a Primavera.

Das quatro estações, que encerram, de mãos dadas, na sua ronda indefinida, o fantasma impassivel do Tempo, sempre representado, na allegoria dos symbolos, por um velho esmarrido, que se veste apostolicamente de longas barbas brancas, para resistir ao frio, e que suggere de si, a todos nós, um vago receio sacrilego da Eternidade, porque é elle que a exprime sensivelmente e só nos revela frio e velhice; das quatro estações, que formam o circulo vicioso da vida terrestre, abroilhada em flores e fructos a preço de agonias e tempestades, a Primavera é a unica, que foge á finalidade inconsequente da destruição.

Surge sempre e só para reconfortar a reerguer. Realiza o segundo estado activo da alma universal, da Trindade indiana: é a energia de Vichnou, o eterno poder conservador, prodigalizando a sua qualidade immanente: a bondade.

A Primavera é a eurhythmia da Terra.

Os antigos costumavam contar o anno, começando por ella. Era logico.

A novidade importa a noção de principio.

Ha millenios que ella vem, renovando a Terra; mas não se transforma nunca: deixa sempre de si, em toda a parte, uma graça lourejante, exhalando puberdade.

Ao desvario luminoso do verão, que estarrece as cousas, num espasmo de deslumbramento, principalmente em certos climas, onde o Sol — "polvo de chamma" como o imaginou Augusto de Lima, parece querer sugar, até á ultima gotta, as aguas bohemias dos rios e a seiva delirante das florestas, succede a fadiga chlorotica do Outomno, o desmaio pensativo da chlorophyla, as revoadas amarellas das folhas resequidas, arranhando o ar levadas pela briza, a displicencia morbida das perspectivas...

E, a esse estado enfermigo da Natureza, sobrevém o Inverno — a agonia branca — os silencios infinitos flôrescendo em neve, o desnudamento das arvores, a catalepsia dos rios, na coagulação gelida das aguas, e, em tudo, uma desolação espectral esfumando-se na dissolvencia das brumas...

Que se poderia esperar, em seguida, senão a extincção de todas as energias da Terra, senão o resfriamento e a morte do Planeta?

Mas o genio conservador das cousas sorriu para a Terra, na ultim noite de Inverno, e, na manhã immediata, um espirito novo, impregnando-se na xistencia terrena, transfigurou em flôr uma face do Orbe.

Era a Primavera, que surgia e ficou sendo o eterno "sursum-corda" da Terra.

E quereis saber quem é a Primavera? Vae dizer-vol-o muito melhr do que eu, e pela voz de Lazineira — o meu botão de Primavera — o Poeta exticto Francisco de Paula Monteiro de Barros, meu irmão e primeiro Mestre, a quem devo toda a consolação, que a Arte me tem trazido na vida, e uma das mais fudas emoções, que já me produziram versos florescidos pela Primavera na alma humana.

A poesia de sua lavra, que ides ouvir, data de 25 annos atraz (é fartamente conhecida em nosso paiz, propagada pela modinha, que é o perfum cantante da alma do povo.

O seu processo technico é antigo, mas a sua essencia, como a Primavera, ha de ser eternamente nova.

IGUALDADE ILLUSORIA

A primavera é uma estação florida,
Cheia de immenso, divinal fulgor!
De flôres enche o coração da vida
E enche de vida o coração da flôr!

A mocidade é uma estação ditosa,
Cheia de risos, de ideal prazer!
E as almas sentem um viver de rosa
Na mocidade — a rosa do viver!

Na primavera ha profusão de côres,
As flôres brotam no rochedo bruto!
Depois... o fructo que ha de vir das flôres
E as novas flôres que hão de vir do fructo!

Na mocidade ha melopéas calmas,
Tremem dos labios os vermelhos frisos!
Os risos cantam no brotar das almas,
Cantam as almas no brotar dos risos!

Ambas se adornam de um viver risonho,
Iguaes parecem — ambas são de amor!
Se a mocidade faz nascer o sonho,
A primavera faz nascer a flôr!

Iguaes parecem quando a vida as solta,
E, no entretanto, ellas não são iguaes!
A primavera passa e depois volta
E a mocidade não nos volta mais!

A magia d'estes versos desvenda a correspondencia mysteriosa, que existe entre o sentimento humano e a expressão das flôres.

A flôr é a visão da sensibilidade.

Si ella não tem alma, porque ha de falar tanto á nossa alma?

Quem já pegou de um lyrio sem sentir a força da innocencia? Quem não comprehende a humildade christã da violeta, sempre pequenina, sempre hesitante no descerrar as petalas e a côr, florindo junto á sua raiz, fiel ao chão m que nasceu e, ainda, occultando-se sob as suas fôlhas, como furtivas particulas da noite arre-
ceiadas do Sol?

Quem não adivinha o anceio sideral de um cravo, tecido de refilhos irregulares, rematado em pontas, irradiando nervosamente da extremidade do hastil, numa expressão irrequiéta de tumulto interior?

E a tristeza grisalha da flôr do manacá, feita da essencia dos crepusculos e exhalando a unção resignada de quem vae envelhecendo?!

E o lothus, a flôr hieratica, nenufar sagrado do Egypto, flôr das profundidades do tempo, que desabrocha de si a sombra de um seculo!

E a papoula, que é a flôr authentica do sonho, porque d'ella se extrae o opio; tem a essencia do somno: floresce dormindo?!...

E a victoria-régia, a flôr das aguas, flôr do Amazonas, a maior flôr do mundo, tão flôr que pode servir de berço a uma creança?!

E a camelia, flôr dos recolhimentos, que reabsorve em si o perfume e toma uma expressão tão illibada, que morre ao menor contacto humano?!

Quem não interpreta na camelia a intangibilidade das creaturas espirituaes, o silencio das monjas no martyrio da clausura?

E o amor-perfeito, que tem sempre o mesmo perfume, mas varia tanto, sem nunca encontrar a sua côr propria, talvez porque, na Terra, o amor exista, sim, mas nunca seja perfeito?!

E a saudade, porque ha de ser saudade? Porque, notae, é uma flôr tão dura-doura; tem um perfume tão silencioso e tem uma côr tão ausente!

E o malmequer, porque assim lhè chamamos? Talvez porque tenhamos o habito de tirar a sorte com elle. A sorte sempre nos quer tão mal...

E as magnolias, e os jamins, e as madresilvas, e as hortensias e as margari-das, e os myosotis, e os geranios, e os raynunculos, e as petunias, e... que sei eu? O que vae de flôres pela Primavera! Só Deus sabe!

Ainda ha, porém, duas, a que não posso deixar de fazer menção especial.

A primeira é régia, pelo tamanho e pelas attitudes. Falta-lhe porém, o perfume; e veste-se de amarello. (O amarello é um plagio do branco. Talvez seja por isso que se lhe queira mal. Diziam os antigos: "Si não houvesse máu gosto, que seria do amarello?") Entretanto, notae: o Sol é amarello, o ouro é amarello, o fructo maduro é amarello. Eu o vejo com mais sympathia do que o commum dos homens. Para mim, elle é a velhice do branco. Todas as cousas brancas, com a idade, vão amarellecendo. E eu sinto uma grande poesia na velhice.

Si o desespero é amarello, só o tenho visto em caso de molestia, principalmente quando ha desespero de saude.

Quanto ao resto, é obra dos symbolistas, que eu, aliás, estimo sobremaneira, mas em se tratando de Arte.

Tambem o verde é a côr do viço e vae colorir as aguas em decomposição.

Que ha neste mundo sem a sua controversia no destino das cousas?

Não foi, naturalmente, por se lembrar de que o amarello é a côr da molestia, que o gira-sol, de que estou tratando, se vestiu delle! Ao revez, a sua intenção foi desmesuradamente atrevida. Não a limitou como o cravo, que, apenas, trae o seu desejo de ser estrella. Foi muito além: copiou caricaturalmente o Sol e acompanha-lhe o movimento apparente, convencido de que as demais flôres o tomem pelo proprio Sol.

Ha quem admire o gira-sol, como symbolo de audacia. Mas a audacia, em bôa moral, só se justifica pelo heroismo.

E, no caso do girasol, não ha heroismo; ha megalomania.

Nunca tive o faustoso heliantho em meu jardim, porque não quero ser cumplice da vaidade, que nos faz muito mal; só lisonjêa, para torturar. E' como a chama que lambe para queimar.

Emilio de Menezes foi quem até hoje melhor estudou a psychologia do gira-sol. Leiamol-o:

GIRA-SOL

Florir no descampado ou no humido recanto
De alguma ruina, ou mesmo em aspero alcantil,
E' um orgulho que tem o redoirado heliantho
Dês que na terra emerge a plumula erectil.

Quando elle desabrocha entre os glastos e o acantho,
Entre os mil tinhorões e as passifloras mil,
Tem-se á conta de um sol, nascido por encanto
Ao topo senhorial do tomentoso hastil.

E' de vêl-o medir a força e o valimento
Do orgulho vegetal, do seu orgulho em pról,
Ante o rival senhor de terra e firmamento!

E' de vêl-o, tenaz, de arrebol a arrebol,
Do grande astro seguindo o régio movimento,
O aureo disco volver para encarar o Sol!

A segunda das flôres, a que me venho referindo especialmente, é a flôr do milagre. Encerra toda a emoção do Infinito, dentro da corolla: sentem-se nella as vertigens de um seraphico holocausto; o incanto no clarão das madrugadas; a meditação luminosa da agonia do...
vêr, co-ther is...

Podemos chamar-lhe a quintessencia da Primavera, porque existe a synthese mais forte das realizações da Belleza.

D'ella é que se tece a epiderme das creanças e das mulheres; assim como integra o esplendor do corpo humano, na Terra, se evulcos, na essencia mystica das litánias, e vae transfigurar, no Céu, a es- Vir-gem Santissima.

Flôr da carne. Flôr do espirito. Salve, Rosa!

Victor Hugo diz que, quando uma preocupação o innervava e fazê-o sahir desorientado, na imminencia de commetter um desatin- r en-canto, curado, dentro de um extase beatifico, perante a primeira r e lhe deparasse.

As rosas! São ellas as melhores confidentes da nossa solidão.

Bilac affirma: só quem ama pode ouvir e entender estrellas. enta- rei: só quem sonha é capaz de comprehender as rosas...

Ellas vêm de raizes enterradas no lôdo e irrompem de hastias es- pinhos!

São, entretanto, tão puras! Que ha, na Terra, mais puro do são o corpo da castidade. Parece que viveram muito tempo em fundes- entos, recalcando as torturas ignoradas, que a natureza das roseiras der na hostilidade dos espinhos. Soffreram muito, talvez, no aneio da p e, á força dos seus silencios interiores, que se fazem perfume, um dia do primeiro raio do Sol, sentem-se rosas.

Comprehende-se, nellas, o milagre da transfiguração.

O genio de Salomão nunca lhe accendeu na frente o nimbo ser esta- do glorioso. Jesus Christo, á vista de tres homens, irradiou transfigu- tuando do alto de um monte, como uma flôrescencia volatil de Sol e d

Na cultura do coração está a nossa verdadeira finalidade ter- ração já transformou visivelmente, em Jesus, a natureza humana, dando- arencia de uma floração radiosa, e imprimindo-lhe, na fluctuação, a espe- das azas e do perfume. E' Primavera. E' o bem-energia do coração do a sua essencia primaveril.

A luz que se exhalou de Jesus Christo, temol-a todos nós m- penas, não sabemos, como elle o soube, divinizar-a.

Que são os nossos olhos, pestanejando sempre, senão os pyrihsa luz interior? Quem não sente no corpo uma palpação de estrella e não- no as estrellas scintillando no alto, a ancia de precipitar-se nas vertigens- to?

Haverá algum equivoco da consciencia universal, na nossa rix?

Tanto custa acreditar-o, quanto custa decifrar-mos...

Acceitemo-nos, pois, empregando o nosso esforço, principalm- nquis- ta da bondade e da belleza, expressões equivalentes da Primavera- flôres- cendo as almas, outras flôrescendo as cousas, e ambas manifest- cedentes da verdade absoluta.

A bondade e a belleza são sorrisos de Deus; um invisivel, out-

A bondade é mais do Céu que da Terra; por isso, invisivel

A belleza é mais da Terra que do Céu, razão por que é vis-

Notae que a bondade é constante e a belleza contingente.

Notae que a belleza é a bondade que se vê. A bondade a belle- são vê.

E si ambas são sorrisos de Deus, quem as possui está na gn-

Deus é, em regra, silencioso; por isso, ambas tambem o são.

Como a belleza, porém, é mais da Terra do que do Céu, ás ve- na vi- brante, porque Deus precisa de falar á Terra.

Quando a belleza vibra, nasce a musica, que é a voz de Deu-

No Azul, nos astros, na aurora, no dia, na tarde, nos horizo- co-iris, no luar, a belleza é silenciosa, ou antes, um equilibrio de sons — lá uni- da ao Céu. Quando porém, depende só, ou mais, da Terra, vibra p- r.

As creanças e as mulheres cantam.

Os clarins, que têm a voz da luz, vibram a claridade.

As florestas gorgeiam pelos passaros.

O mar, nas suas angustias profundas, entôa a musica do mu- nican- do-a aos ventos, que a diffundem pela Amplidão.

Os rios murmuram melancolicamente... As cataractas e as cachoeiras, no sobresalto da sua queda subita, despenham-se, cantando a musica do abysmo.

E a propria tempestade, que é a suprema belleza dramatica das cousas, atravez dos seus turbilhões de raios e lufadas, — especie de recontro fantastico de Laocoonte e Briaréu — atrôa e vae resoando, sinistramente, pelos longes o **De Profundis** do Infinito!

Só as flôres, que aliás parecem inteiramente da Terra, continuam silenciosas, mas porque as flôres só estão na Terra, (olha-as bem): são do Céu.

Si a musica é a vibração da belleza, a Primavera ha de ser uma revoada de rythmos secretos... Ha, nella, a palpação recondita do renascimento, da nova genese das cousas; e é, talvez, por vir animada de um fremito tão profundo que ella rebenta em flôres.

Que será mais profundo, o mar ou uma flôr?

O escaphandro e as ancoras convivem com a profundura do mar.

Quem já penetrou, porém, a profundez da formação de uma flôr?

Só o sentimento, porque uma flôr é como Deus: só se comprehende pelo coração.

Alberto de Oliveira, referindo-se á dôr materna de uma mulher, que chorava junto a uma campá, diz, no tercetto final do "Contraste":

E a terra, a grande mãe, as fundas dôres
De outra mãe desconhece e, vendo-a em pranto,
Em vez de em pranto abrir-se, abre-se em flôres.

Haveria, de facto, contraste?

Sim, porque a terra aberta em flôres é a Primavera, que tem a essencia da alegria.

Mas lá diz a quadra popular:

Até nas flôres se encontra
A differença da sorte:
Umás enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.

E, enfeitando a morte, as flôres parecem apenas sorrir, que é o modo da dôr flôrescer.

No caso geral, ellas são segredos angelicos da sepultura, porque as raizes, d'onde ellas vêm, vivem enterradas.

Não é o povo, em regra, tão alegre?

Examinae, porém, a alma de cada individuo e encontrareis sempre a tristeza. A Primavera é a repercussão desse phenomeno paradoxal. Toda flôr tem a expressão da virgindade, que presuppõe intangibilidade. Só é intangivel, em absoluto, o que é só; e a solidão é o clima da tristeza. A flôr em si é triste. Reparae como é meditativa. A profusão das flôres é que é alegre, porque revela a força, o tumulto da graça germinal. A alegria é tumultuaria. Eis porque a Primavera é alegre: não pela flôr, mas pelo tumulto chromatico das flôrescencias.

Primavera é sempre felicidade, mas quantas vezes a felicidade nasce da tristeza! A propria Primavera nasce do Inverno.

A admiravel Poetiza, Comtesse de Noailles, cuja esthesia vertiginosa illumina, em nossos dias, a tradição do genio creador da França, diz:

"Le Printemps appartient à ceux qui lui ressemblent."

Conheci um casal de velinhos octogenarios, que ainda conservavam n'alma o lyrismo virgem da mocidade. Queriam-se muito.

Era um prazer inédito vê-los caminhar, de braço dado, aconchegados um ao outro, tremulos ambos, servindo-se mutuamente de arrimo. Branquinhos de velhice, sahiam pelo campo a passear, virgilicamente, como dois noivos no verdôr da edade.

Dir-se-ia que realizavam os esponsaes da agonia para as nupcias eternas.

Mas a Natureza, cuja finalidade é o amor, separou-os illogicamente, quando juntos já resvalavam no tumulo!

Desfez-se aquelle prodigio de conjugalidade! E a velhinha, que ficara a sós no mundo, no extase da sua sideração de saudade, durante os cinco annos em que

Os rios murmuram melancolicamente... As cataractas e as cachoeiras, no sobressalto da sua queda subita, despenham-se, cantando a musica do abysmo.

E a propria tempestade, que é a suprema belleza dramatica das cousas, atravez dos seus turbilhões de raios e lufadas, — especie de recontro fantastico de Laocoonte e Briaréu — atrôa e vae resoando, sinistramente, pelos longes o **De Profundis** do Infinito!

Só as flôres, que aliás parecem inteiramente da Terra, continuam silenciosas, mas porque as flôres só estão na Terra, (olhae-as bem): são do Céu.

Si a musica é a vibração da belleza, a Primavera ha de ser uma revoada de rythmos secretos... Ha, nella, a palpação recondita do renascimento, da nova genese das cousas; e é, talvez, por vir animada de um fremito tão profundo que ella rebenta em flôres.

Que será mais profundo, o mar ou uma flôr?

O escaphandro e as ancoras convivem com a profundura do mar.

Quem já penetrou, porém, a profundeza da formação de uma flôr?

Só o sentimento, porque uma flôr é como Deus: só se comprehende pelo coração.

Alberto de Oliveira, referindo-se á dôr materna de uma mulher, que chorava junto a uma campa, diz, no tercetto final do "Contraste":

E a terra, a grande mãe, as fundas dôres
De outra mãe desconhece e, vendo-a em pranto,
Em vez de em pranto abrir-se, abre-se em flôres.

Haveria, de facto, contraste?

Sim, porque a terra aberta em flôres é a Primavera, que tem a essencia da alegria.

Mas lá diz a quadra popular:

Até nas flôres se encontra
A differença da sorte:
Umás enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.

E, enfeitando a morte, as flôres parecem apenas sorrir, que é o modo da dôr flôrescer.

No caso geral, ellas são segredos angelicos da sepultura, porque as raizes, d'onde ellas vêm, vivem enterradas.

Não é o povo, em regra, tão alegre?

Examinae, porém, a alma de cada individuo e encontrareis sempre a tristeza. A Primavera é a repercussão desse phenomeno paradoxal. Toda flôr tem a expressão da virgindade, que presuppõe intangibilidade. Só é intangível, em absoluto, o que é só; e a solidão é o clima da tristeza. A flôr em si é triste. Reparae como é meditativa. A profusão das flôres é que é alegre, porque revela a força, o tumulto da graça germinal. A alegria é tumultuaria. Eis porque a Primavera é alegre: não pela flôr, mas pelo tumulto chromatico das flôrescencias.

Primavera é sempre felicidade, mas quantas vezes a felicidade nasce da tristeza! A propria Primavera nasce do Inverno.

A admiravel Poetiza, Comtesse de Noailles, cuja esthesia vertiginosa illumina, em nossos dias, a tradição do genio creador da França, diz:

"Le Printemps appartient á ceux qui lui ressemblent."

Conheci um casal de velhinhos octogenarios, que ainda conservavam n'alma o lyrismo virgem da mocidade. Queriam-se muito.

Era um prazer inédito vê-los caminhar, de braço dado, aconchegados um ao outro, tremulos ambos, servindo-se mutuamente de arrimo. Branquinhos de velhice, sahiam pelo campo a passear, virgilicamente, como dois noivos no verdôr da idade.

Dir-se-ia que realizavam os esponsaes da agonia para as nupcias eternas.

Mas a Natureza, cuja finalidade é o amor, separou-os illogicamente, quando juntos já resvalavam no tumulto!

Desfez-se aquelle prodigio de conjugalidade! E a velhinha, que ficara a sós no mundo, no extase da sua sideração de saudade, durante os cinco annos em que

sobreviveu ao seu companheiro, tornou-se poetiza e conseguiu dedicar-lhe alguns versos impressionantes pela frescura da sinceridade.

Este episodio, que trago a lume, porque o sinto repassado de extranha poesia, que o envolve num halo de lenda, evocando a doçura de Philemon e Baucis, vem justificar a belleza do conceito emittido pela Comtesse de Noailles.

Em pleno inverno da vida, é um caso de primavera.

A Primavera da alma! Pudessemos todos fruir o estado de graça daquelles doces velhinhos!

O amor e a poesia! São elles a força e a caricia da criação. Sob os influxos dessa dupla vertigem cosmica, rola o mundo.

O amor é um halito de abysmo impregnado de um sabor de estrellas. A poesia é a confidencia do Infinito.

Ai! de quem não sinta o effeito desse duplo mysterio: será um proscripto da Primavera, porque ella é esse proprio mysterio: a força e a caricia da criação; a germinação da terra, sob o afago imponderavel da volupia luminosa.

Ai! de nós si não nos deleitasse a existencia a suggestão da Primavera!

Oh! o aneio de florir! O aneio da belleza!

A volição absorvente da nossa alma!

Tudo quer flôrescer para ser bello.

A propria Natureza, depois de formar todas as flôres, ainda quiz ser flôr; e appareceu a mulher — a primavera do destino humano.

Nella estão a força e a caricia da criação. E o seu poder de primavera é tão forte que vem a proposito citar os interessantes versos: "Attração Feminina", do Poeta portuguez, Fernandes Costa.

Tem toda a mulher um fluido,
Que em pura attracção consiste.
E' como um ar que a circumda.
Ninguem o vê; mas existe.

Quem o sentiu,
Si nelle entrou,
Jámais sahiu.

Tem toda a mulher um philtro,
Recatado e sacrosanto,
Donde vem o seu prestigio,
Donde nasce o seu encanto.

Philtro que fôra
Dado á serpente
Fascinadôra.

Onde reside essa força?
Nos olhos? no coração?
E' como um sexto sentido.
Chama-se fascinação.

Passa-se ao lado;
A força impera,
E'-se arrastado.

Oh! o aneio de florir!

A elegancia — rythmo das linhas — está sempre flôrescendo pela moda, que é a primavera dos costumes.

Todos os nossos desejos sobem do coração, como os hastis, no aneio de florir. A flôr é a finalidade da esperança humana.

Nascemos anciosos pela flôr do seio materno, que tem a forma dos mundos e a essencia dos luares; vivemos, na infancia e na mocidade, tão felizes, porque somos a propria flôr da idade; envelhecemos e morremos tão tristes, porque não flôrescemos nunca mais!

Si a velhice, ás vezes, ainda conserva um reflexo de felicidade, é como os fructos saborosos, que guardam um vago perfume da flôr de que vieram. A saudade é o fructo da esperança.

Em cada fructo ha o passado de um flôr.

E' por isso, talvez, que os fructos, em geral, são doces.

Oh! o aneio de florir!

A propria noite, da profundidade dos seus abysmos indecifráveis vem celebrar a Primavera, na flôrescencia das estrellas.

Primavera — effluvio genesiaco do Espaço, aroma luminoso do idyllio dos mundos, scentelha da Orbita, no delirio da Terra em deredor do Sol;

Primavera, que és a eterna inspiração do amor, porque nasceste do abraço de dois infinitos, porque és o contacto de duas curvas transcendentaes do Universo.

Essencia do Equinoxio. Vertigem creadôra da suprema intersecção. Vem de ti a força do cruzamento dos destinos.

E's o beijo fluctuante da procreação.

Primavera, exaltação das antheras, alleluia do pollen, resurreição de Pan, symphonia visual da Natureza, festa das côres; apothese dos ninhos, espirito subtil das revoadas;

Primavera, que tens a singelleza da infancia, a frescura da adolescencia, a graça de Eva, a poesia dos noivados, a alegria da vida;

Primavera, que tens o sabor da idade de ouro; que és a remanescencia do paraizo terrestre;

Primavera — respiração de Deus — purifica para sempre a Terra, ó força da Belleza.



A ULTIMA LIÇÃO

Zenaide Guerreiro

Prof. pela E. Normal

Entre os alumnos matriculados na pequenina escola dos colonos, havia, nesse tempo, um menino que se distinguia de todos os outros pelas más qualidades de caracter e pelo instincto perverso que o dominava.

Tinha doze annos talvez. Era magro, pallido, de olhar vivo. Os cabellos ruivos, crescidos, cahiam-lhe em desordem pela testa estreita e sobre as orelhas; a bocca que um riso constante de cynismo deformava, imprimia ao seu rosto, marcado de manchas, sardas e pequenas cicatrizes, um aspecto feio, desagradavel.

Os companheiros de classe chamavam-no sempre: — "Chico Sardento" e os lavradores quando o avistavam, ao longe na estrada, esbordoando um cão ou matando um passarinho exclamavam cheios de odio:

— Peste malvada!

E o terrivel Chico Sardento bem merecia o odio que lhe devotavam.

Era um bandido em miniatura. A sua imaginação para o mal era de uma fecundidade assombrosa e, os que bem o conheciam contavam delle façanhas que horrorisavam.

Os seus paes, que viviam de pesca na ilha do Salto, não mais quizeram saber do filho degenerado.

E Chico Sardento vivia como um cão sem dono, em casa de um tio materno que tinha um sitio nas margens do Parahyba.

Uma unica pessoa, na colonia, tratava com paciencia e carinho o malvado Chico Sardento: era o velho professor Roberto Noemy que regia, então, a escola da fazenda. Quando o aconselhavam que expulsasse da escola aquelle menino tão

mão, o bom homem, com a sua voz pau sada e cansada respondia:



"Expulsa-lo? Si eu lhe fechasse as portas da Escola, para onde iria elle? Ficaria ahi pelo mato como uma féra.

Aqui não, talvez comsiga corrigi-lo mais tarde.

Um dia levou para aula uma andorinha. E diante da classe, na frente do professor, declarou que ia cegar, com uma agulha de sapateiro a pobresinha.

Os outros alumnos olharam attonitos. O professor Roberto, procurando evitar que o terrivel menino praticasse tamanha crueldade, avançou rapido e, arrancando-lhe da mão a ave captiva, reprehendeu-o com energia.

O perverso Chico Sardento, vendo fugir pela janella a andorinha que o professor havia soltado, encheu-se de surda colera e apanhando num gesto rapido, uma pesada lousa, atirou-a com força no rosto de seu mestre.

O professor Roberto surprehendido pelo golpe, levou a mão á testa que se ensopára de sangue. Os meninos ergueram-se levados pelo espanto indiscriptivel que aquella scena havia provocado.

E um delles sem se conter, gritou:

— Péga o Sardento !

Percebendo que ia ser castigado pelos companheiros, o malvado resolveu fugir immediatamente; correu para o recreio da escola e dirigiu-se para a margem do rio; pretendia saltar de pedra em pedra para um terreno visinho e alcançar desse modo a estrada. Foi, porém, tão infeliz que escorregou e cahiu na correnteza do Parahyba.

Exactamente nesse trecho as aguas do magestoso rio rolam com uma impetuosidade fantastica, em turbilhões de espuma, entre as rochas escarpadas das margens.

Os meninos que tinham vindo em perseguição do culpado, olhavam horrorisados. Chico Sardento sacudindo os braços, gritando por soccorro, ia sendo arrastado pelas aguas enfurecidas. E o Parahyba, batendo contra as pedras, rugia como uma féra a quem quizessem tirar a presa.

Diante de tão inesperada scena, o professor Roberto, espirito nobre, animo corajoso, sentiu que não devia deixar morrer aquelle menino.

E elle ainda era forte e nadava bem; podia arrancar da morte a pobre criança estouvada. Com o rosto ainda cheio de sangue, atirou-se ao rio, e, com duas braçadas rapidas alcançou o menino que se debatia agonisante.

Era fatal. Chico Sardento, sentindo-se perdido, agarrou-se como louco ao professor. E ambos unidos, num abraço inseparavel, foram pelo rio abaixo levados pela correnteza. Assim findou-se o professor Roberto.

E ao morrer, naquelle dia cheio de sol e de alegria, deu aos seus pequeninos discipulos uma bella licção de heroismo e abnegação.



Sedas e roupas brancas

Antes de comprar ide a

GASA ISIDORO

Rua 7 de Setembro N. 99

Perfumarias finas

Artigos para toilette

Objectos para presentes

Joias e phantasias

O mais completo sortimento

PERFUMARIA AVENIDA

Avenida Rio Branco, 142

Phone C. 1318



Os unicos Perfumes de Luxo vendidos a peso

CALYPSO

75 %
de economia

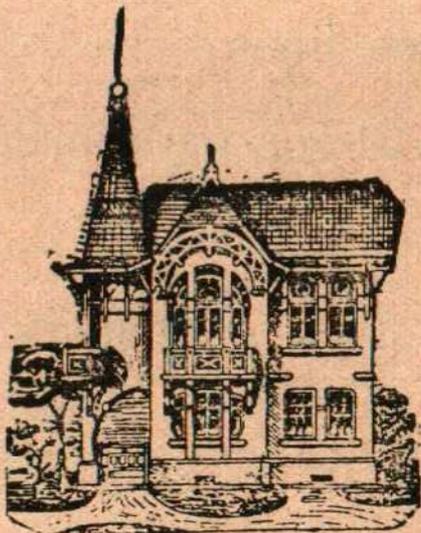
F. de Séguier & C.^{ia}



-- RUA BETTENCOURT DA SILVA N. 16 --

Edificio do Hotel Avenida

Redução de 5 % a quem trazer
este anuncio N. 885



João de Carvalho

CONSTRUCTOR

Construção e Reconstrução
de prédios por
administração ou empreitada

OFFICINA E ESCRITORIO:

Rua Buenos Ayres, 230

Telephone Norte 372

RIO DE JANEIRO

YORK

O MELHOR

CIGARRO

TODA SENHORA DEVE USAR

GYROL

(Em caixas com 20 papéis)

PARA SUA HYGIENE INTIMA

DEPOSITARIOS:

E. T. MELLO & C.—Caixa postal 2475

RIO DE JANEIRO

COMISSÕES DE CAFE' E INDUSTRIAS

LEITE PINTO & C.^o

RIO DE JANEIRO

35, BECCO DO BRAGANÇA

TEL. 6441 NORTE

PETROPOLIS

Fabrica de Tecidos de Malha VALP'W ISA

RUA VALPARAISO, 190

TELEPHONE 740

"A Escola Normal" das alumnas



Misericórdia

Carlinda Andrade Duval Assis

Alumna do 4.º anno

Corria o Mez de Maio.

Num triste leito agonisava uma pobre mulher. Junto della, se achava o filho unico, criado com os desvelos e carinhos de uma mãe verdadeiramente christã.

Amara o filho extremecidamente, como só sabem amar as discipulas da Mãe Suprema, e ao partir para a eternidade queria deixar-lhe uma ultima recordação.

Com os olhos já sem brilho, procurava ao redor, pelas paredes tristes e nuas da alcova, uma pequenina lembrança para o mais caro objecto de seu coração.

Que havia de legar-lhe porém, se a triste pobreza em que se achava era absoluta?!...

Tudo que possuira, fôra vendido para custear as despesas desses ultimos annos de pertinaz enfermidade!

Apertado de encontro ao coração, trazia um Terço de metal, que havia sido o seu mais querido companheiro e constituia a unica cousa que pudera conservar. Não se animava, porém, a entregal-o ao filho.

Este, apesar da santa educação que tivera, levado pelas más companhias, tornara-se um atheu.

Que fazer pois?!...

Sentindo que a morte, a passos gigantescos, se aproximava, pediu á Santissima Virgem que a inspirasse, e, já na doce agonia dos justos, entregou ao filho o precioso legado.

Profundamente commovido, o joven guardou o objecto no bolso.

Alguns dias se passaram, e o rapaz não tinha mais socego. Aquelle Terço o incomodava... Que diriam delle os companheiros se o vissem andar com um Terço?

Rir-se-iam a sua custa, chamando-o de beato, ignorante, e mil cousas mais!...

E depois... elle, um homem intelligente, num seculo de progressos, como poderia usar qual ingenua menina, essa tolice que é um Terço?!...

Só mesmo lançando-o fóra. Mas... como poderia fazel-o, se era elle uma lembrança de sua Mãe?!...

Dia e noite, esse combate se travava em seu coração que não tinha mais tranquillidade.

Um dia, seguia por uma estrada, quando cahiu uma chuva torrencial. Como sempre, caminhava assustado, a temer que alguem o julgasse um ignorante devoto de Terços e de Nossa Senhora.

Num dado momento, já sendo impossivel vencer o máo espirito que lhe falava atirou o Terço á lama, e seguiu apressado.

Em vez porém, de fazer socegradamente o resto da jornada, como naturalmente esperava, em peor estado se achou então.

Um remorso enorme de ter lançado ao lodo a derradeira recordação de sua proge-nitora não o deixava em paz! Ao mesmo tempo lembrava-se dos bellos annos da feliz infancia e sentia, que apesar de tudo, a fé não morrera de todo.

O respeito humano porém, esse peor inimigo do homem, continuava a lhe dizer as mesmas ccusas, e assim elle não tinha coragem para voltar atraz reparando a accção feita!

O Terço entretanto não ficara perdido. Pouco depois de ter sido abandonado, passava pela mesma estrada, um outro rapaz que, como o primeiro, apesar de ter sido um crente e até seminaristas, era hoje um livre pensador.

Ao ver um objecto no caminho, apanhou-o e, reconhecendo que era um Terço ficou seriamente embaraçado. Que fazer daquelle objecto? Não tinha mais devoção para conserval-o, mas ao mesmo tempo não sentia coragem de lançal-o novamente á lama.

Aborrecido começou a meditar, resolvendo finalmente leval-o até á primeira igreja e ahi collocal-o sobre um altar.

Apressado, para lá se encaminhou. Chegando, dirigiu-se ao altar mór e quiz collocar o objecto, que o havia trazido até ali. Uma força inexplicavel porém, não o deixava conseguir o que intentara. Novamente quiz se approximar, mas o mesmo se deu. Excitado, repetia as tentativas, que eram sempre nullas.

Cangado de uma lucta, que não comprehendia, sentou-se num dos bancos fronteiros e, sem saber como, começou a lembrar-se nitidamente da sua vida no Seminario: O vasto casarão de altas paredes brancas, oude a voz alegre dos superiores se confundia com a dos discipulos... A capella onde pela manhã ia cheio de fé e amor receber o Rei dos Reis... Os queridos companheiros que, mais felizes que elle, continuaram no caminho da Verdade... Um remorso punjente, uma dôr sincera, despedaçava o seu coração. Sentidas lagrimas pourejavam pelas faces pallidas. Cheio do nobre desejo de reparar o passado collocou o Terço no bolso, e voltou ao Seminario. Depois de exprimir ao Director o seu sincero arrependimento, pediu a readmissão no estabelecimento e edificantemente concluiu os estudos. Annos se passaram, e elle foi designado capellão de um hospital. Uma noite, quando se preparava para dormir, vieram chamal-o dizendo que numa das enfermarias um homem agonisava.

Immediatamente para lá se dirigiu, mas o doente ao vel-o começou a dar gritos horribéis, dizendo ao mesmo tempo que o sacerdote dali se afastasse.

Approximando-se indagou solícito qual o motivo por que não queria junto de si, o ministro do Senhor, para lhe falar na Misericordia Divina. O doente com a physionomia transtornada, o olhar chammejante e a bocca cheia de espuma exclamou:

— “Misericordia.?!... Para mim não ha mais perdão! Eu sou um condemnado!”

— “Mas porque, filho? — perguntou com carinho o padre.

— “Nunca ouviste falar em Nossa Senhora?... Não conhece o seu Terço?”

Ao ouvir estas ultimas palavras o moribundo sentou-se no leito e disse:

— “Oh! não me fale em terço, pois foi elle mesmo o causador de minha quêda!”

— “O Terço? indagou o padre perplexo.

— “Sim. Eu possui um que me fôra legado por minha mãe nos ultimos instantes de vida. Mas, com receio das zombarias dos amigos, atirei-o á lama. Hoje, apesar de reconhecer o meu erro e de estar cheio de remorsos de ter offendido tanto a Deus e á Minha Mãe, nada mais posso fazer. O meu crime é dos que não merecem perdão!”

Com uma convulsão cahiu sobre o leito o pobre infeliz.

O sacerdote, que tudo ouvira admirado e que comprehendia como era extensa a misericordia de Deus para com aquelle desgraçado, fez-lhe algumas perguntas, referentes ao logar onde fôra perdido, época e qualidade do Terço, e, depois de verificar ser o mesmo que o havia salvo, retirou-o do bolso onde sempre o trazia com carinho.

— “Filho, disse elle, o seu Terço não está perdido, aqui o tem. E’ mais uma prova do infinito e misericordioso amor do nosso Deus.”

No auge da alegria o homem apertava a querida reliquia contra os labios, misturando seus beijos com lagrimas de sincero arrependimento e de verdadeiro amor.

No dia seguinte, placidamente entregava a alma ao Creador sendo sua morte verdadeiramente edificante.

Leitura para Moças?

e em portuguez?

Eis um problema mensalmente resolvido por

“FOTO-FILM”

Edição theatral da EMPRESA BRASIL EDITORA

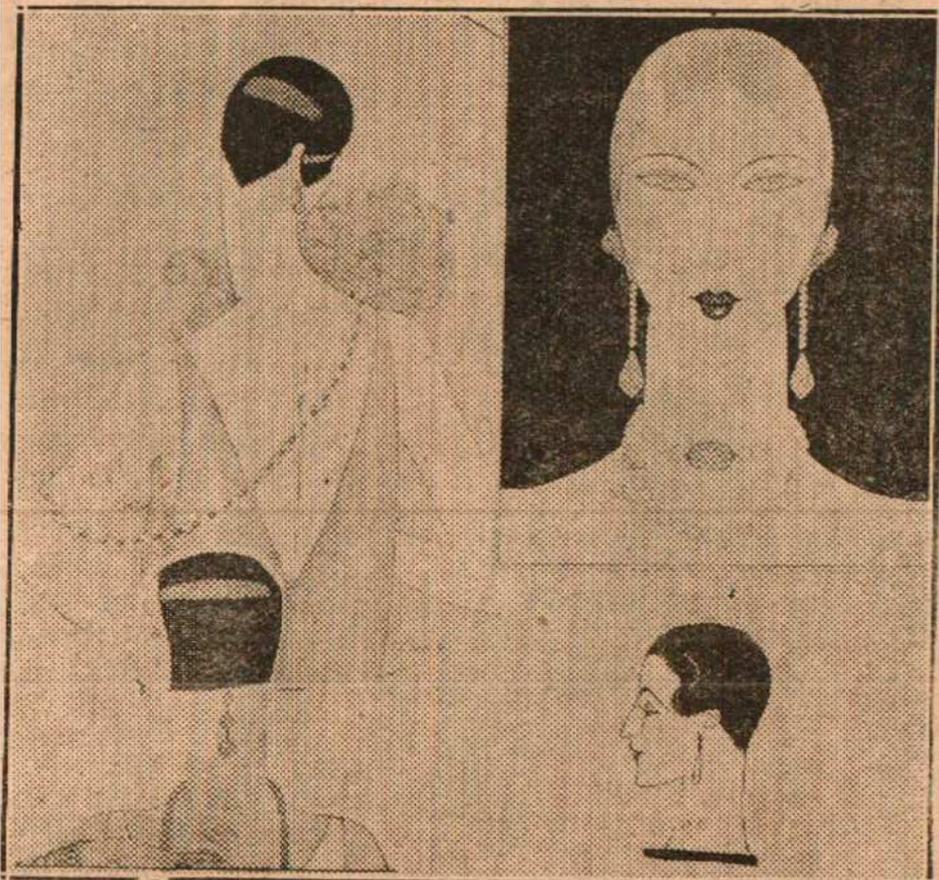
CASTRO, MENDONÇA & Cia.

SENADOR DANTAS, 105

Cabellos curtos

Adelina Picanço da Costa

Alumna do 4.º anno



En garçon ou á la garçonne, á pomponette ou á inglesa, todas nós temos, neste momento, os nossos cabellos cortados, no rigor da moda que invadiu todas as classes sociaes e toda mocidade feminina,

isto é, o conjunto do sexo fraco comprehendido entre os 12 e os 50 annos.

Se as minhas gentis colleguinhas, quizerem ter o trabalho de folhear os jornaes illustrados da velha Europa, o que lhes trará ainda a vantagem de recordar as linguas estudadas na nossa Escola, verão que o assumpto predominante em todos elles é o corte do cabello.

Tivemos por isso a idéa de trazer para essas columnas os ultimos modelos de cabellos curtos, havendo agora a preocupação de deixar livres as orelhas para que fiquem bem evidenciados os brincos em bola de prata, tão em moda actualmente.

Esse feitio de penteado e de corte está fazendo cahir, um pouco, o uso dos brincos de corrente, de forma antiga ou moderna avidamente procurados até bem pouco tempo.

Os collares de perolas de prata, que muita gente imagina ser o rigor da moda, tambem está sendo esquecido na "Europa gloriosa, a mulher deslumbrante e caprichosa" do nosso genial Castro Alves.

Julgo, com estes pequenos informes, prestar algum serviço as minhas amiguinhas da Escola, onde a maioria, felizmente, já adoptou a hygienica moda dos cabellos curtos.

DE AGULHA E LINHA

Gloria Swanson

Da *écharpe*, que nos envolve o pescoço e tão, bellamente, nos emoldura o rosto, fatal, e, insensivelmente, deveríamos chegar ás gollas altas.

Não temos certeza se ellas virão, mas, o facto, é que a transição se desenha com a maior nitidez possível. E tal se dando como sempre acontece quando

os excessos tocam ao seu auge, assim, dos exaggerados decotes, audaciosamente, accentuados, passaremos ao polo diametralmente, opposto.

Apercebemo-nos do proximo advento das altas gollas, porque não sentimos surpresa ao vermos as *écharpes* a nos embaraçar o pescoço e o collo, dos quaes nada mais se distingue.

Tal moda já não nos causa decepção, antes, achamol-a ou-sada, com laivos de bohemia, e um certo imprevisito *tic canaille*, que seduz e encanta.

A *écharpe*, é extremamente chic, uma vez que se não pareça com a gravata masculina, ou, como existem algu-

mas, arremedando as camisas do opposto sexo ao nosso, em tal caso, proscreveríamos, summariamente, a mesma *écharpe*.

Uma outra cousa, é quando a toilette, embora simples e modesta, taes devem



Elegancias

Robes. Manteaux. Troussesaux. Modelos

Rua S. José, 120 s.b.

ser as nossas, tem os pannos a se prolongarem pelo pescoço onde colleam e enroscam, vindo terminar em nó, na sua parte posterior.

E' igualmente, chic ver-se um *manteau* crusado na frente, fechado até debaixo do queixo, com uma *écharpe* varias vezes enrolada, cahindo, negligentemente.

A *écharpe*, de côres vivas, tem outro encanto, que não a de tom *pastel*, amoreticido e solemne.

Os modelos mais em voga são os que vem lançando a afamada fabrica de tecidos Rodier, que é hoje o mais elegante emporio, onde se surtem de originaes e caros tecidos os da *haute gomme* parisiense.

Bien savoir porter l'écharpe, é um segredo. A elegancia é uma cousa innata, só o berço a dá, e, em qualquer contingencia ou acto da vida se revela, sem peias ou obices.



DR. AGFREDO GOMES

(HOMENAGEM DERRADEIRA)

Adahil Duarte

Alumna do 3.º anno

Mestre e amigo !

Sim, a expressão muito se adequada ao distincto morto: porque aquelle que, com um devotamento incomparavel irradia com a luz fulgurante do seu saber cerebros já clareados, mas procurando com um carinho particular e com uma solicitude indizível dar-lhes um bello fulgor, é, alem de um mestre, um amigo.

Portanto, amigo inesquecível, como poderei privar meu coração de falar mostrando a gratidão, a dor que o envolve neste momento em que tão brutalmente fugiste ás caricias de todos que muito te amaram ?

A emoção que sinto, é grande: quizera poder exprimir a magoa immensa que mora em minh'alma desde o instante fatal, em que impellido pelo cruel destino partiste para esse mundo desconhecido.

Surpreza! Desolação! Eis o que volto a encarar naturalmente, acontecimento tão deploravel: e a recordação ineffavel da figura brilhante do professor bem amado, vem encher meu coração duma profunda e negra tristeza.

As tuas aulas repassadas de doçuras, as palavras meigas que tinhas para com todas, os instantes bemitos que passaste ao nosso lado, as admoestações justas e delicadas, as pequeninas provas de carinho e de amor, todas essas lembranças me baixam do cerebro ao coração em ondas de saudade e dos meus olhos desce a lagrima que é o orvalho da alma !

Foste um bom: quem deixa em alumnas que, quando sensatas, são os melhores juizes dos professores, em gerações inteiras que educaste, a saudade profunda que sentimos, é porque foste bom, é porque soubeste dedicar á causa alheia uma abnegação superior.

Si tiveste erros, qual a creatura humana que não os tem? e depois, não me cabe o direito de apontal-os nem censural-os.

Habituei-me a admirar-te, tal qual foste e hoje que se passaram dois dias de tua morte tragica, eu prometto a mim mesma, modelar pela tua a minha vida, cultuando a tua memoria com o mais puro affecto.

Choro abatida a tua falta immensa ao Brasil, a este Brasil que adoraste como bom patriota, concorrendo com o teu talento indiscutivel para o seu progresso intellectual.

Foste tu, que durante meio seculo, dedicaste um entranhado amor á causa por que te batias lutando como um verdadeiro e incansavel general, cujos meritos só poderemos compensar trazendo estampada em nossas almas a tua augusta lembrança.

E todos que te conheceram de perto, que tiveram a fortuna de admirar o teu valor, tambem hão de chorar commigo, envoltos na mesma onda de uma saudade eterna, immersos na dor de uma separação infinda, privados para todo o sempre do grande genio que illuminou no seu curto trajecto da vida, e illuminará infinitamente o nosso amado Brasil.

A' tua memoria — meu coração agradecido.

BIBLIOGRAPHIA



OSORIO DUQUE ESTRADA — *Critica e Polemica* — Rio de Janeiro — 1924

O illustre publicista e critico patricio, acaba de enfeixar em volume os seus artigos publicados em varios jornaes desta capital, sobre o valor litterario da moderna geração.

O nosso prezado collaborador, espirito combativo e ardoroso, não quiz que a sua opinião sempre acatada se perdesse nos jornaes de um só dia, com o que lucraram os belletristas, pelo eminente membro da Academia consagrados, que recebem assim um perenne attestado de seu valor.

Somos muito gratos pela offerta que, do seu presente livro, nos fez o autor.

A ESCOLA — Agosto de 1924

Recebemos o numero 17 desta apreciada revista pedagogica, que traz no seu summario um artigo do Professor Joaquim de Almeida Lisboa sobre Notas de Mathematica.

E' de louvar o esforço da direcção desse periodico, trazendo, em um só numero, este longo artigo, util para os que se dedicam á difficil sciencia de Poincaré e Leibnitz.

Somos tambem muito agradecidos á Direcção pelo regio presente da collecção completa da revista que nos fez.

A ESCOLA PRIMARIA — Agosto de 1924

Recebemos e agradecemos o numero 7 do 8.º anno da mais antiga revista escolar do Districto Federal, cujos numeros nunca desmerecem o conceito que justamente goza, pelos anteriormente apparecidos.

O presente numero traz artigos firmados pelos Professores Leoncio Corrêa, J. S., Abilio Barros de Alencar, S. R., Cacilda Dias da Cruz, Othello Reis, Jonathas Serrano, Noemia Eloya e Julia Martins, Olympia do Coutto e E. Blume.

A Direcção d' "A Escola Primaria" teve egualmente a nimia gentileza de offerter-nos a collecção completa, em 7 volumes, cartonados, dessa excellente revista pedagogica.

LEITE E LACTICINIOS — Agosto de 1924

O numero 13 da excellente revista dirigida pelos Drs. Costa Junior e Aleixo de Vasconcellos, que temos em mão, traz o seguinte summario: Merenda nas escolas primarias, Dr. A. de Vasconcellos; Fiscalização da manteiga na Belgica, Acimar Marchanto; Tratamento industrial da nata na fabricação da manteiga, Waldemar Lemos; Informação e Divulgação; Resumo das Revistas.

MANON — N. 1 — Setembro de 1924

Os Srs. Carlos Alberto e Leon Petit tiveram a feliz iniciativa da creação de uma revista, que, á semelhança de suas congeneres europeas, seja o indice de nosso progresso nas artes graphica e photographica.

Correspondendo a este arcabouço material, acha-se a argamassa litteraria á altura de nossas melhores revistas.

Somos muito gratos ao recebimento deste numero da nóvel collega.

Pyorrhéa

Dr. Rufino Motta, especialista
e descobridor do específico.

Rua S. José 38 - Rio

PHOTOGRAPHIA

Carlos Alberto & C.

RUA DO OUVIDOR, 130-2º andar

TEL. NORTE 5882

- RIO DE JANEIRO -

Curso Normal de Educação

Preparam-se alumnos para os exames da Escola Normal

Directoras—Zenaide Guerreiro e Sylvia de Leon Chatrio

Professoras pela E. Normal

Rua S. Christovão, 23

GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO

JERONYMO SILVA

Livraria, Papelaria e Encadernação

GILBERTO SILVA

Rua da Conceição, 59 - Tel. 60 - NICTHEROV

FRAQUEZA DA SYPHILIS

MARIA engordou 6 kilos em 40 dias com 2 vidros de Luetyl, gastando 12\$000 e ficou forte. — GLORIA engordou 2 kilos em 3 mezes com 10 vidros de outro depurativo e gastou 35\$000.

LUETYL só em boas pharmacias

CAPAS PARA SENHORAS

Sob medida

PREÇOS DA FABRICA

Arthur N. Gonçalves

RUA DO LAVRADIO, 96

1.º ANDAR

Telephone Central 2127

GABEÇAS LIMPAS

Acabaram-se os piolhos, as lendias, as parasitas e a queda dos cabellos

COM O USO DO

Oleo Indigena

Perfumado

Este oleo, é um grande tonico do couro cabelludo e combate com efficaçia não só a queda do cabelo, como extingue por completo os piolhos, as lendias, a caspa e as parasitas na cabeça das creanças e dos adultos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias, perfumarias, barbearias, armarinhos e no Parc Royal. Representante geral: A. J. Henriques, Rua Theophilo Ottoni, 163 — Rio de Janeiro.

Preço 3\$000, pelo correio 4\$500

Quereis ser feliz nos vossos amores?
Quereis ganhar dinheiro e serdes feliz nos vossos negocios?

A vossa vida está atrazada ou os vossos negocios estão correndo mal?
O vosso noivo ou noiva não vos quer mais?

Emfim, tendes algum embaraço na vida?

E' facil, facilimo, uzae hoje mesmo o grande e infallivel.

TALISMAN DE JERUSALEM

(DEFUMADOR INDIGENA)

O mais completo

Preço 5\$000, pelo correio 6\$000

Para destruição dos mosquitos e maus cheiros nas casas e camaras mortuarias, etc., etc.

Representante: A. J. HENRIQUES

Rua Theophilo Ottoni, 163 — RIO DE JANEIRO

Não acceitai, sobre qualquer pretexto, outro defumador, a não ser o

Talisman de Jerusalem

(Defumador indigena)

O unico verdadeiro e que dá resultados.



Creme Kaloderma de fama verdadeiramente universal.

Indispensavel para a toilette.

Sabonete Kaloderma. O sabonete de toilette mais puro e hygienico que existe.

Pó de Arroz Kaloderma, muito apreciado para a toilette, para uso das creanças, e para o banho.

Sabonete { Kaloderma em estojo de aluminio, para a barba.
Kaloderma em estojo de aluminio, para viagem.

A' venda em todas as casas importantes d'este artigo

F. WOLFF & SOHN

KARLSRUHE

**A Saude
da Mulher**

é o REMEDIO
MAIS EFFICAZ

PARA
Incommodos de senhoras

VARIAS NOTICIAS

Escola Normal do Districto Federal

FALLECIMENTO

Uma grande fatalidade pesa sobre a Escola Normal, pois têm ultimamente desapparecido grandes vultos do Magisterio patrio.

No dia 27 de Setembro, foi victima de brutal desastre, quando sahia da Escola Normal, morrendo horas depois, o cathedratico de Portuguez, decano dos professores, Dr. Alfredo Gomes.

Energico, disciplinado e disciplinador o Dr. Alfredo Gomes, pelos seus esforços proprios e pelo real talento, se creou um nome respeitado e acatado.

Por isso, a noticia de que o distincto professor tinha sido victima de um grave accidente, impressionou profundamente a nossa sociedade que anciosa acompanhava o seu tratamento, confiante em que o seu organismo resistisse ao golpe. Desgraçadamente assim não aconteceu e a morte, zombando dos recursos da sciencia, prostrou para sempre aquella vida preciosa.

Nascido a 12 de Dezembro de 1859, aqui, na Capital da Republica, no anno de 1876, após brilhante curso de humanidades, todo elle feito com distincção, o então joven Alfredo Gomes se bacharelou no Collegio Pedro II. Dedicando-se á medicina, com raro brillantismo, sete annos depois, isto é, em 1883, collava o grão de doutor pela nossa Faculdade. Desde bacharel em letras dedicou-se ao magisterio.

Datam dahi as suas maiores conquistas, a golpes de intelligencia e de dedicaçãõ. Um anno depois, fez o concurso para o lugar de professor substituto da cadeira de Portuguez e Historia Literaria do Collegio D. Pedro II, sendo, em 1885, classificado pelos votos de Fausto Barreto e Victorio da Costa no 1º lugar para cathedratico dessas materias. Ensinar, para o illustre medico, era tarefa á qual se sentia irresistivelmente inclinado, tanto que, em 1896, fez novo concurso, para a cadeira de Francez e Literatura Franceza da Escola Militar, o que lhe valeu, alto juizo de Benjamin Constant.

Assim, desenvolvendo as suas actividades no professorado, em 1890 foi escolhido por Benjamin Constant para, com outros vultos de renome no magisterio superior, organizar a Escola Normal.

Cabendo ao Dr. Alfredo Gomes a cadeira de Portuguez, donde nunca mais se afastou, nem mesmo quando em 1894, a convite do Director da Instrucção, Furkim Werneck, no governo de Prudente de Moraes, foi elevado ao cargo de director daquelle estabelecimento de ensino.

Não parou ahi a ascensão merecida do professor consagrado: em 1898, como prova da confiança que nelle depositava o governo, era investido nas funcções de Director Geral da Instrucção Publica.

Mas o ideal que absorvia o trabalhador infatigavel o não deixou socegado, pois em 1888 fundava nas Laranjeiras um collegio com o seu proprio nome, collegio por onde, até 1917, passaram varias gerações, e que hoje com brillantismo, se espalham pela magistratura, advocacia, magisterio, como os Drs. Cesario Pereira, Chrysolito Gusmão, Henrique Roxo, Helio Lobo e outros.

Em 1899 no concurso de Francez do Collegio Pedro II, deu extraordinario realce ao concurso, merecendo não só da Congregaçãõ como do então ministro Dr. Epitacio as mais calorosas felicitações.

Em 1903, tambem em concurso, o Dr. Alfredo Gomes disputou a cadeira de Francez do Pedro II.



Actualmente toda a actividade do emerito educador era dedicada á Escola Normal, de onde sahia após ter dado suas aulas, quando a morte o colheu.

Os seus funeraes, tiveram grande significação de pezar, pelas homenagens que lhe foram prestadas.

No cemiterio, feita a encommendação do corpo, fallaram varios oradores exaltando os meritos e virtudes do chorado extincto.

Usando da palavra em nome da Escola Normal, disse o Dr. Bricio Filho que era seu intuito prestar em silencio sua homenagem ao morto, recolhido no preito de justiça á indiscutivel benemerencia dos seus notaveis serviços ao magno problema da instrucção em nosso paiz. A directoria da escola, porém, alli presente, e os professores entenderam que deviam delegar-lhe a palavra, em nome da Escola Normal que guardará inapagavel lembrança daquelle que acabava de ser attingido pela mão da fatalidade. Aceitara a honrosa incumbencia e vinha dizer o que sentia do extincto, em rapidos traços, mas sufficientes para ser aquilatado o muito que em favor do ensino entre nós fizera o illustre brasileiro, cujo passamento era profunda e sinceramente deplorado. Vinha dar em nome dos delegantes o adeus de despedida, doloroso e pungente, nessa viagem sem esperanças de volta, nessa excursão sem certeza de regresso.

Depois de tratar da passagem do Dr. Alfredo Gomes por varios departamentos da instrucção, das obras por elle publicadas, entre as quaes uma grammatica portugueza, avidamente procurada, o orador disse que elle morreu em pleno combate, sem nunca ter descansado. Foi um verdadeiro general, não dessas batalhas cruentas, que espalham a morte, a desgraça, o luto, a desolação e empobrecem nações, mesmo quando victoriosas, mas dos combates no campo do ensino e da instrucção, onde o triumpho é sempre benefico. Delle se pôde dizer o que Ferreira de Menezes, saudoso jornalista da Abolição, um dos heroicos pioneiros da redempção da raça negra, dissera de conhecido educador: "Com o escudo do A B C deu batalhas contra a ignorancia e ergueu as phalanges letradas da nossa patria. E' ante esses Ozorios que a mocidade se curva e na realidade deve curvar-se".

Dado o extraordinario valor do collega cujo passamento deplorava, disse o Dr. Bricio Filho que diante do seu tumulo se curvava a directoria da Escola Normal acompanhada de todo o pessoal do referido estabelecimento de ensino.

E com elles, accrescentou o orador, os professores cathedromaticos, docentes e regentes, todos identificados em verdadeira homenagem. E ainda essa legião de professoras e professores que aprenderam com o grande mestre. E mais o professorado dos diversos estabelecimentos de ensino da Capital da Republica. Pôde-se mesmo accrescentar, exclamou o orador, sem hyperbole e hipertrophia de generosidade, antes com justiça, verdade e direito, que á beira daquelle sepultura se inclina com reverencia o magisterio do Brasil inteiro.

A seguir, fallaram o professor Balthazar da Silveira, em nome da Sociedade dos Professores da Escola Normal do Districto Federal, cujo discurso publicamos adiante; o Dr. Abilio Borges, que leu um longo discurso e o Dr. Octavio Carneiro, que, compungidissimo, declarou ter sido um dos alumnos gratuitos admittidos no Collegio Alfredo Gomes, devendo á sua generosidade a posição que hoje occupa na sociedade.

Foram assim, as mais expressivas, as homenagens prestadas pelos seus collegas e amigos á memoria do nobre educador cujo passamento sinceramente deploramos.

A Directoria da Escola Normal, por motivo da morte do professor Alfredo Gomes, suspendeu as aulas, tendo nomeado uma commissão, composta dos professores Barboza Vianna, Ernesto Cohn e Jacques Raymundo para representar o mesmo estabelecimento no enterramento do saudoso mestre.

Discurso do Professor Alfredo Balthazar da Silveira

A Sociedade de Professores da Escola Normal do Districto Federal, por intermedio do seu obscuro 1.º secretario, vem despedir-se do egregio pedagogo patrio e confessar á beira do seu tumulo, quão grande é a magua que o seu inesperado fallecimento causa em nossos corações. Não é, por certo, o sentimento de curiosidade, que, agora, nos une, nesse campo de repouso, onde o sussurro das arvores e o chilrear das aves não admittem paixões politicas, preconceitos de raça, nem rivalidades, oriundas de polemicas litterarias ou scientificas; não é, tampouco, o sentimento da lisonja, porque o saudoso extincto, embora fosse portador das melhores credenciaes de natureza intellectual e moral, contentou-se em leccionar á juventude carioca, aformoseando-lhes a intelligencia, offerecendo-lhes salutaes exemplos e despertando-

lhes, outrosim, um grande amor pela lingua materna, da qual era um dos maiores conhecedores: não, meus senhores, o que nos congrega, em torno desse sarcophago, é o sentimento da saudade, porém, que só se aninha e vive nos corações cujos rythmos não obedecem á moral dos interesses.

Bem sei que este não é o local apropriado para se aquilatar dos grandes meritos e relevantes serviços do professor Alfredo Gomes; bem sei que a sua figura de pedagogo atheniense será devidamente estudada por outros, cujos merecimentos fazem desaparecer a minha modesta individualidade: devo, porém, embora pallidamente, recordar a sua benefica actuação na formação mental e moral de milhares de professoras municipaes e de centenas de cidadãos, que occupam cargos de destaque na sociedade carioca. Medico, nos primeiros annos da sua existencia, deixou-se, cedo, seduzir pelos encantos da formosa Clio; e, elle-o, então, na cathedra official, e, em estabelecimentos particulares, ensinando aos que o procuravam e o ouviam, encantados com a sua competencia, com a sua bondade, com a sua modestia. Na Escola Normal, durante uns trinta annos, leccionou com applausos unanimes; no collegio que fundou e que dirigiu com criterio, até o advento da lei organica, baptisada de catastrophe administrativa, pelo inesquecivel Ruy Barbosa; no concurso de francez do Collegio Pedro II, do qual serviu de examinador de Gastão Ruch, de Henrique Monat, de Floriano de Brito, de Adrien Delpech, de Theophilo Torres; no concurso da mesma disciplina, a que se submetteu para substituir Henrique Monat, revelando grandes conhecimentos do idioma em que escreveram Chateaubriand, Lamartine, Victor Hugo, Paul Bourget, Brunetiére, o saudoso extincto, qual um cavalleiro medieval, que, nas disputadas justas, procurava vencer o contendor, sem o amesquinhar, soube guardar uma grande discreção de maneiras. Comparei-o ao pedagogo atheniense, porque, possuindo reconhecida idoneidade intellectual e moral, que lhe facilitaria o ingresso nas elevadas funcções publicas, jamais ambicionou qualquer posto de destaque politico e jamais maltratou aquelles que revelavam aptidão para o professorado.

Elle foi um bom; elle foi um simples, e nunca commetteu um acto que ferisse os direitos do seu proximo; é, portanto, lidima, a tristeza que experimentamos nós, que o conhecemos e por isso, deploramos, mui sinceramente, o seu passamento.

Senhores — na antiguidade romana, quando o paganismo avassalava o espirito daquella gente vaidosa e futil que residia em Roma, os abastados não se esqueciam, nas suas disposições testamentarias, de reservar uma quota dos seus haveres, para a aquisição de rosas da Campania, de Paestum e de Prinesta... para lhes adornar o sepulchro. Aquelles, porém que não podiam, pela carencia de recursos, imitar o gesto dos ricos, pediam, no entretanto, aos seus parentes e amigos que fizessem inscrever na sua sepultura a seguinte legenda: *sparge, precor rosas super busta mea, viator!* esparge ó viandante, eu t'o supplico, rosas no meu tumulo! legenda que traduzia a vaidade morbida dos que entendiam, erroneamente, que a vida humana finalizava na tumba. O nosso saudoso extincto não precisa de inscrições no seu tumulo; todos aquelles que o estimavam — e foram quantos o conheceram, sempre que aqui vierem se não esquecerão de entoar ao Altissimo uma sentida prece pelo repouso de sua bonissima alma. Dorme em paz grande mestre — tua figura de educador emerito será, sempre, recordada com veneração.

COLLAÇÃO DE GRÃO

No dia 5 de Setembro effectuou-se a collação de grão das normalistas que concluíram o curso no anno passado.

Pela manhã foi rezada uma missa em acção de graças pelo auspicioso facto, sendo celebrante o conego Francisco de Almeida, tendo ao evangelho occupado a tribuna sacra o conego Dr. Olympio de Castro.

O orador, sobre o thema "Deus meo et homina", desenvolveu considerações, mostrando que tudo devemos procurar em Deus, nosso Pae, nosso Senhor e nosso Criador. Nelle está toda a fonte da vida.

Todo o homem tem na sua frente o chrisma da Divindade, "Faça-se o homem á nossa imagem e semelhança".

Continuando, diz que na formação do homem está o verdadeiro segredo da solução do problema social, que se realiza pela educação, mas educação que não pôde ser sinão aquella modelada pelos sentimentos religiosos.

Entra, depois, a tratar da significação da cerimonia que se celebrava naquelle instante.

Tratando-se — remata o orador — da solemnidade das futuras educadoras dos brasileiros, de envolta com as congratulações sinceras, muitos votos se fizessem para a prosperidade de todas, para serem, não sómente uteis á Patria como para merecerem, de modo particular, as benções do Céu.

A cerimonia da collação de gráo realizou-se, ás 20 horas, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica.



Grupo de professorandas á sahida da Egreja da Candelaria

Foi oradora, em nome da turma, a Senhorita Antonia Pereira de Castro, tendo servido de paronympho o Sr. José Rangel, director da Escola Normal, cujo discurso foi o seguinte:

“Por um desses privilegiados e raros favores com que a sorte, por vezes, nos surprehe, encontro-me neste festivo acto, tão empolgante na sua alta significação, investido da magnifica dignidade de paronymphar a luzida e numerosa turma que recebe hoje os diplomas de habilitação com os quaes vae, cada qual, á porfia, pleitear pelos proprios meritos, os postos de combate nas fileiras do magisterio nacional.

Por mais que indague e procure, não consigo, na verdade, no que diz respeito aos meus proprios titulos, atinar com a razão desse gesto fidalgo dessa captivante preferéncia que me conduziu a um posto de immerecido relevo.

Devo buscar, portanto, o movel de tal mostra de estima e confiança, na alma candida e generosa destas creaturas, a quem tanto quero e ás quaes me prenda por laços fortes, no convivio affectivo e espirital da nossa vida escolar.

O gesto de appello ao velho professor, que lhes vae, bem ou mal, ha dous annos, servindo de guia e conselheiro, para acompanhá-las com a sua palavra inexpressiva e o seu coração muito enternecido, nesta gloriosa etapa da sua jornada pelo mundo das lettras, só por si define a extrema delicadeza dos seus sentimentos de moças, porque, ás louçanias de um verbo poderoso e terso, que qualquer dos elementos da docéncia normal lhes poderia, hoje, aqui trazer, preferiram a assistência pouco confortadora de quem, por força da iniquidade do tempo que tanto pesa e tão rapido passa, já não conseguirá por mais que para isso se esforce, alçar aos surtos fascinadores que são o privilegio da mocidade — toda feita de bravura, exuberancia e inspiração.

As jovens professoras puderam, provavelmente, perceber no rapido commercio de amistosas relações que entretivemos e, infelizmente para mim, tão fugaz como todo o sonho venturoso, que ao choque das gratas emoções que, assim lhe proporcionavam, o animo do padrinho que elegeram ainda seria capaz de accôrda, pelo menos, em vibrações de reconhecimento, e que, por certo, na injunção do momento, lembraria ao beneficiado o compromisso que comsigo mesmo assumira de nunca recusar o seu esforço e a sua boa vontade ao aceno dos moços, com cujas aspirações tem vivido sempre identificado, dedicando toda a sua obscura existencia ao serviço da causa maxima da educação brasileira.

Quizestes, assim, dilectas afilhadas, em retribuição ao sincero e paterno affecto que em mim haveis despertado, fazer reflectir sobre o meu crepusculo a aureola e o fastigio do vosso encantamento juvenil, dando-me caridosa illusão de merecimento e premio generoso, muito excedent a tudo quanto eu pudera aspirar.

Sirvam as alegrias, que assim me proporcionaes, de benções propiciatorias sobre o alvorecer das vossas esperanças, em troca das flôres de bondade com que, em meu beneficio, tão prodigas vos mostrais.

El se todos os passos do vosso auspicioso viver forem inspirados por tão magnanimo sentir, haveis de ter sempre, sob os pés, um espesso e macio relvado de gratidão a protegêl-os contra as asperezas do caminho no peregrinar pelas incertezas do futuro.

Os diplomas a que fizestes jús e que, ora, vos serão conferidos, significam justo galardão ao esforço indefectivel de que dêstes provas patentes e inilludiveis na luta pelo aperfeiçoamento mental e formação profissional, e importam no reconhecimento da capacidade didactica e das habilitações scientificas e literarias requeridas para o benemerito mistér de formar em bases solidas as gerações que, de futuro, terão de assumir os encargos e responsabilidades de promover todo o bem para a nossa terra, assegurando assim a felicidade do Brasil.

Desnecessario entreter-vos que já bem o sabeis, sobre a ingente e gloriosa tarefa que neste momento ides assumir, sobre os deveres imperiosos peculiares ao officio singularissimo de formar almas, talhar caracteres, zelar pelo aperfeiçoamento da raça, abrir novos horizontes á intelligencia e animar de sadio patriotismo a gente nova que terá de se identificar, de corpo são e espirito illuminado, com a obra do engrandecimento nacional.

Mas, vos posso affirmar que nada existe de mais consolador, mais nobilitante, mais digno de respeitoso apreço que o desprendimento das grandezas mundanas, das deliciosas fantasias da mocidade, do conforto material e dos prazeres da existencia, das seductoras vantagens de outras carreiras, por amor á causa do ensino: mas esse desprendimento, apanagio e privilegio dos que sabem collocar acima das ambições pessoas o interesse pelo bem publico, representa abnegação até o sacrificio, sacrificio para o qual só existe real compensação no intimo reconhecimento do dever integral e intemeratamente cumprido, na convicção de jamais haver trahido o seu ideal ou falseado o seu mandato.

Haveis de ter verificado, tanto nos compendios de pedagogia que manuseastes, como nas proveitosas lições que vos foram transmittidas, quaes os requisitos a se exigirem dos mestres, no exercicio das suas delicadas attribuições sociaes.

De nada, porém, valerão taes ensinamentos se não vos empenhardes, em continuo afan, na vossa auto educação, mediante o perfeito equilibrio do senso moral, a critica attenta e severa dos proprios actos, gestos e attitudes, fazendo prevalecer a vontade forte sobre as tendencias do temperamento os impetos menos reflectidos, para conseguirdes, assim, a ascendencia da razão sobre as seduccões do meio e o prestigio das paixões.

El não vejo recurso mais seguro para se alcançar esse aperfeiçoamento, para se constituir essa personalidade de raras characteristics, que o culto e o exercicio da bondade, latente nas organizações naturalmente propensas ás altruisticas virtudes.

Só a bondade, realmente, na sua preocupação exclusiva de ser util e benefica, conseguirá realizar esse prodigio; mas a bondade não significa, apenas, mansidão, tolerancia, indulgencia, justiça e equidade.

Ella não exclue a energia, a austeridade, a firmeza e as exigencias da disciplina moral.

E a superioridade do educador consiste justamente em saber conciliar a brandura e a cordealidade com a autoridade assentada em solidos predicados, polidas maneiras e boa fama conquistada.

Não basta, para os postos do magisterio, ser cumpridor solcito e diligente dos dispositivos legais, dos preceitos regulamentares e das instrucções administrativas.

E' preciso emprestar a essa missão sublimada todo o contingente das aquisições mentaes, pôr em contribuição todos os attributos de ordem subjectiva, dar ao seu mister grande parte da propria alma, na certeza de que o nosso coração, o nosso character e o nosso espirito serão elementos preponderantes na formação das creaturas confiadas ao zelo escrupuloso e á probidade requerida do perfeito profissional.

O professor é como que um predestinado, cuja missão consiste em só exercitar o bem, em despertar affectos, em semear a harmonia, em encaminhar as inclinações, em robustecer o valor, em corrigir vicios, taras e heranças, em defender a fragilidade do infante contra as hostilidade do meio physico e do ambiente moral, creando, em torno delle, uma atmospherá propicia ás magnificas ecclosões individuaes, ora pelos ensinamentos da intelligencia experimentada e culta, ora pela observação attenta e percuciente das falhas, tardanças e defeitos physicos e psychicos, ora e sobretudo pelos exemplos de nobreza, correcção e disciplina que constituem a mais salutar e proveitosa das escolas.

Tenham muito em vista e consideração os jovens professores, que não se restringe ao meio escolar a sua esphera de influencia e a sua ascendencia inconfundivel; a palavra do mestre e a sua acção, em ambito social muito mais dilatado, hão de repercutir com

intensidade, vehiculados pela criança que se faz homem, portadora das impressões mais duradouras bebidas nas primeiras lições que recebe, a se transmittirem indefinidamente por contágio espiritual e por herança inevitavel.

E esse poder de irradiação, bem alto define o papel do educador na formação dos attributos em que se molda o feitio de um povo ou de uma nacionalidade em phase evolutiva.

E' nesta corrente de idéas que ousou affirmar: Carecemos de educação e de instrução essencialmente nacionaes, de feitio accentuadamente brasileiro, de accordo com o meio, as nossas necessidades e aspirações, tendo em vista a indole e origem do nosso povo, as tradições, estado de cultura, condições economicas e perspectivas de futuro para o Brasil, tanto sob o aspecto do seu progresso material, quanto em relação aos seus ideaes politicos e á disciplina social de que tanto necessitamos.

Assim, pois, o professor brasileiro terá de adquirir cultura brasileira, educar a sua observação no sentido de conhecer as necessidades peculiares ao Brasil, ser dotado de intelligente iniciativa para que seja realmente util ao paiz, e conhecer, especialmente, a população a que vae servir, afim de que a possa, conscienciosamente bem servir.

E' de vosso dever manter com galhardia as honrosas tradições do magisterio carioca e fazer por não as desmerecer, como servidores, por excellencia, da grandeza do Brasil; apparelhae as azas da intelligencia e condensae as melhores energias para a cruzada magnifica contra o mal da ignorancia dominante, o espirito de insubmissão, a falsa concepção de liberdade, o egoismo dissolvente e a falta de idealismo que tanto amesquinham intelligencias e caracteres.

Ensinae, senhoras professoras, aos jovens patricios o incondicional devotamento ao interesse patrio; a lealdade nas suas attitudes, a bravura nos seus actos, o respeito ás instituições e ás autoridades; fazei-os abominar a falsidade e levae-lhes a convicção de que é nefando crime trahir a fé jurada; edificae, em summa, o caracter das gerações brasileiras nos moldes da honra e do dever, do trabalho e da dignidade, para que cada uma de vos possa, com ufania, dizer, ao termo da missão regeneradora — dei ao Brasil todo o concurso da minha intellectualidade, do meu sentimento; e a semente de amor, de civismo e de honra que cultivei na mentalidade das gerações que me foram confiadas ha de surgir, de futuro, nas qualidades do cidadão austero e do patriota convencido.

Senhoras normalistas.

Eu creio firmemente na consecução desses superiores propositos; creio na efficiencia dos meios educativos a que recorre o engenho feminino, quer organizando o lar, quer posto em contribuição no ambiente escolar; creio egualmente na vossa fidelidade ao ideal do aperfeçoamento humano, e é por isso que tambem creio em um Brasil unido, forte, prospero, laborioso e fecundo na sua obra civilizadora, pela reintegração do senso moral no seio da communhão republicana, que só poderá ser legitimamente constituida pelos brasileiros amigos da ordem, submissos á lei e zelosos pelos destinos da nacionalidade que se formou á custa dos brios, altivez e sacrificios dos nossos maiores e que se manterá sempre forte e cohesa confiada aos vossos carinhosos e vigilantes desvelos e amparada nas robustas columnas dos poderes da democracia."

FESTIVAL DE HUMANIDADE

No dia 24 do corrente, ás 16 horas no Instituto Nacional de Musica a nossa distincta collaboradora D. Maria Eugenia Celso, fará uma conferencia sobre "**A fantasia na vida moderna**", na qual recitará varias poesias de seu livro **Fantasias**, pres-tes a ser dado á publicidade.

A eminente escriptora e poetiza patricia receberá nesse dia a consagração que justamente merece, sobretudo por se revelar no duplo prisma de conferencista e de bemfeitora pois esse festival será em beneficio do Hospital Pró-Matre, que tantos serviços vem prestando a população de nossa Capital.

Escolas Normaes de S. Paulo

ESCOLA NORMAL DA CAPITAL

Por ter sido nomeado Director da Instrução Publica do Estado, deixou o cargo de Director dessa escola o Professor Pedro Voss, que foi substituido pelo Professor Arnaldo Barreto.

ESCOLA NORMAL DO BRAZ

7 DE SETEMBRO

Foi commemorada com grande brillantismo nessa escola a data nacional magna, tendo sido realizado o seguinte programma:

I — Hymno Nacional; II — Discurso allusivo ao acto, por Branca de Araujo; III—Hymno da Independencia; IV—"Sete de Setembro", por Valderano Suecupira; V — "Meu discurso" (monologo), por Odilla Coelho; VI — "Monumento do Ypiranga", por Candido Barbosa; VII — "A floresta", por Carmen Sandoli; VIII — "Minha terra tem palmeiras", canção nacional; IX — "Sete de Setembro" (dialogo), por Mario P. Bicudo e Ernesto Siqueira; X — "Saudação", por Iracema de Paula Toledo; XI — "Ao Brasil", por Luiz Gubntzky; XII — "Salve Sete de Setembro", por Aida Rocha; XIII — "Setembro" (canção nacional); XIV — "Vou recitar" (monologo), por Marianno Salerno; XV — "Sete de Setembro", por Alvaro de Carvalho; XVI — "Gente de inspiração", (monologo), por Iracema de Paula; XVII — "Sete de Setembro", por Luiz Sansoni; XVIII — "E' o estudo que a mente vigora" (hymno); XIX — "O doutor" (monologo), por Olga Pereira Granja; XX — "O dia da Independencia", por Synesios Bastos; XXI — "Patria Brasileira", por Hilda Coelho; XXII — "O alto do Ypiranga", por Lauro Malheiros; XXIII — "Minha terra" (canção nacional); XXIV — "Patria", por Elza Sampaio; XXV — "Sete de Setembro", por Dinah Leuenroth; XXVI — "Patriotismo" (monologo), por Juventina Santos; XXVII — "Sete de Setembro", por Italia Acquaviva e XXVIII — Hymno Nacional.

MOVIMENTO DA BIBLIOTHECA

Consultas	223
Consultantes	182
Emprestimos	72

OBRAS CONSULTADAS:

LITERATURA	163
PORTUGUEZ	2
FRANCEZ	4
DICCIONARIOS	12
PEDAGOGIA E PSYCHOLOGIA...	15
MATHEMATICAS	5
PHYSICA, CHIMICA E HISTORIA	
NATURAL	2
HYGIENE	2
HISTORIA E EDUC. CIVICA	5
GEOGRAPHIA	11
DESENHO	2

Das 72 obras emprestadas já foram devolvidas 36. Tudo consta no livro de assentamentos.

ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA

Tendo sido exonerado, a pedido, do cargo de Professor contractado da cadeira de Gymnastica o Snr. Paulo Soares de Araujo, foi nomeado para esse lugar o Professor Vicente Laureano.

ESCOLA NORMAL DE S. CARLOS

Foi aposentado, por decreto de 3 do corrente mez de Outubro o lente de latim e litteratura dessa escola Professor Arthur Raggio Nobrega.

ESCOLA NORMAL DE CASA BRANCA

Os professorandos de 1924 dessa Escola Normal realizarão grandes festas para solemnisar a entrega dos diplomas. Foi eleita a seguinte commissão geral dos festejos: sr. Eduardo Agapio de Aquino, presidente; sr. Waldemar da Silveira, secretario; e sr. Moysés Villela de Andrade, thesoureiro.

As sub-commissões ficaram assim constituidas: sr. Cicero Bueno Brandão, d.d. Aurora Panico, Sophia Rivera de Miranda e Dejanira Vieira (missa); sr. Homero Silveira, d.d. Eunice Uihôa Vieira, Maria de Lourdes Serra, Martha Pastana e Julie-

ta Giorgine (sessão solemne); srs. Orlando Lauretti e Waldemar Silveira, d.d. Yolanda Gelix Fogaça e d. Abigail Antunes de Almeida (festival).

ESCOLA NORMAL DE CAMPINAS

E' a seguinte a relação das professorandas da Escola Normal local, neste anno, seguindo-se a ordem alphabetica do logar de nascimento:

Batataes: d. Italia Vivona; Brotas: d. Julia de Almeida Brito; Campinas: d.d. Antonietta Aquino de Oliveira, Aydée Cerqueira, Benedicta de Mello, Bessia Edith Vogel, Cynira Corrêa Dias, Djanira Cesar Monteiro, Febronia Lopes França, Flavia, Vieira, Ilza de Castro Tibiriçá, Inesilla Nogueira, Irma Thiele, Jenny Rodrigues, Luiza do Amaral Jacob, Lycia de Barros, Maria Christina Jacobucci e Odilla Nogueira Gerin; Espirito Santo do Pinhal: d. Alice Florence Meyer; Franca: d. Diva Ferreira Rocha; Itapira: d.d. Maria José Fernandes, Maria Francisca da Fonseca, Maria Luiza da Fonseca e Maria Lygia Franco Barrios; Limeira: d. Alzira Ferraz de Abreu; Mineiros: d. Alice Dias de Almeida; Pedreira, d. Anna Luiza de Souza; Santa Rita: d.d. Armenia Mariano e Helena Sampaio; São Paulo: d. Lorencina Penolazzi.

Cirurgia Geral e especialmente

DOENÇAS DE SENHORAS

Dr. Barboza Vianna

Professor da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

RUA CHILE 17

TEL. CENTRAL 1181

CONSULTAS DIARIAS

N. B. — Só attende a novos doentes, para consulta ou exame, nas 2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as}, de 4 ás 6.

PRODUCTOS DE BELLEZA

GENEURA



Crème — Branco — Brillantina — Agua de Colonia
Agua de Alfazema — Loção.

PHARMACIA E DROGARIA MEM DE SÁ



Brinde d' A ESCOLA NORMAL

10% de Abatimento
a quem trazer este anuncio

J. Freitas & Cia.

AV. MEM DE SÁ N.º 80

Tel. Central 1447

RIO DE JANEIRO



LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO



Fundado em 1910 pelo saudoso Dr. SILVA ARAUJO (Paulo)

Direcção geral do Dr. Carlos da Silva Araujo (Membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Pharmaceuticos — secção de biologia; da Comissão de Pharmacia da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; Secretario da Associação Medica Brasileira).

CORPO MEDICO DO LABORATORIO:

- PROF. BARROS TERRA — Director da Secção de Analyses Clinicas — Livre-docente e preparador de Chimica Medica na Faculdade de Medicina e Professor da mesma disciplina na Faculdade Hahnemanniana.
- DR. MALTA DA COSTA — Director da Secção de Sôros e stock-vaccinas — Medico e pharmaceutico pela Faculdade do Rio de Janeiro.
- DR. SEBASTIÃO BARROS — Assistente-Diplomado pelo Instituto Oswaldo Cruz, ex-assistente do Sr. Prof. Rocha Faria, do D. N. de Saude Publica, com o curso de Medicina Publica da Faculd. de Medicina do Rio.
- DOCTORANDO JORGE BANDEIRA DE MELLO — Pharmaceutico — Monitor da cadeira de Pathologia geral da Faculdade, a cargo do Sr. Prof. Pinheiro Guimarães.
- DOCTORANDO MARIO A. PEREIRA — Monitor da cadeira de Pathologia Geral da Faculdade, a cargo do Sr. Prof. Pinheiro Guimarães; da Fundação Gaffré-Guinle.

O Laboratorio Clinico Silva Araujo comprehende:

A) uma secção de analyses clinicas, chimicas, microscopicas e bacteriologicas etc. de sangue, urina, escarro, fezes, pús, etc. Vaccinas autogenas de Wright; funcionando á Rua 1.º de Março n. 13, 1º andar, diariamente, das 9 ás 18 horas. Ha sempre presente um dos medicos do Laboratorio para attender ao Publico, prestar esclarecimentos, colher material praa exames, etc. — Tel. Norte 5303.

B) Secção fabril, funcionando em edificios proprios, expressamente construidos para os fins respectivos, na rua Zeferina ns. 199-A e 201, na Estação de Engenho de Dentro. Ahi se fabricam com os maiores rigores de technica e fiscalisação, sob a direcção immediata dos Drs. Carlos da Silva Araujo e Malta da Costa

Productos biologicos. Opothérapie. Fermentos. Sôros
Vaccinas de stock e Especialidades diversas.

C) Secção de contabilidade, relações commerciaes e propaganda á rua 1º de Março, 13-2º andar — Tel. Norte 3152 — sob a direcção do Sr. Oscar M. Popini.

D) Secção de almoxarifado, acondicionamento e expedição á rua Zeferina, 199-A e 201 — Tel. Jardim 683 — sob a direcção do Dr. Franklin Silva Araujo.

E) Secção de litteratura scientifica e redacção da revista "Laboratorio Clinico", sob a direcção dos Drs. Carlos da Silva Araujo e Franklin Silva Araujo.

São nossos representantes e depositarios — Em S. Paulo: FRANCISCO DA COSTA — Rua 11 de Agosto, 29 — Caixa Postal, 439. Para o Norte: MARCILIO TELLES — Becco das Cancellas, 11, 1º andar—RIO. No R. G. do Sul: GONTRAN COSTA & C. — Rua 15 de Novembro, 12 (sob.) Caixa Postal 176. — End. teleg. "AKLI" — Porto Alegre.

Rua 1.º de Março, 13 — Caixa Postal 163 — End. Teleg. "BIOLABO" — Rua Zeferina, 199-A e 201
Teleph. Norte 5303 e 3152
Teleph. Jardim 683

CARLOS DA SILVA ARAUJO & Cia. RIO DE JANEIRO

Os productos do Laboratorio acham-se á venda em todas as boas
pharmacias e drogarias do Brazil

